

11
anos

revista

Barbante

VOL. XI - Nº 58 - 29 DE JANEIRO DE 2024
ISSN 2238-1414

Artigo - Página 04

Giselle, ou as Willis,
quase dois séculos de romantismo na dança



Palavras aos leitores e às leitoras

A revista Barbante completará na sua próxima edição 12 (doze) anos de idade! Parece pouco, mas não é! Temos uma longa história para contarmos durante esse tempo todo. Fomos corajosos e ousados, queremos continuar assim.

Pedimos desculpas aos nossos colaboradores por não terem sido publicadas as suas fotos, pois trocamos de software e como a diagramadora não sabia que o novo exigia que as fotos viessem em separado pedimos os arquivos com tudo junto. Isso daria um trabalho enorme para termos que separá-las com o nome do autor cada uma. Vamos procurar resolver este problema da melhor forma na próxima edição.

Convidamos você para fazer parte do aniversário da edição dos 12 anos da Barbante com muita festa e alegria nas suas páginas lindas. Agradecemos o número de colaboradores grande que tivemos nesta edição. Vocês são maravilhosos!

A revista Barbante é feliz porque vocês fazem dela uma criança mimada e quem não gosta de cafunés? Não ouse dizer que não gosta, querido leitor!

Boa leitura,
Os editores.



Artigos

Giselle, ou as Willis,
quase dois séculos de romantismo na dança

António Laginha

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias de Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
(CLEPUL)

Revista da Dança

Centro de Dança de Oeiras

alaginha@meo.pt

RESUMO

A mais icónica das peças de dança do período romântico, Giselle, ou as Willis, teve na sua génese um grupo muito alargado de criadores. Poder-se-á mesmo afirmar que o bailado que hoje se apresenta nos palcos de todo o mundo se trata de uma verdadeira obra-prima resultante do trabalho directo de três bailarinos-coreógrafos franceses: Jean Coralli (1779-1854), nascido em Paris, Jules Perrot (1810-1882) natural de Lyon, e Marius Petipa (1818-1910), originário de Marselha. Para além do trabalho do mestre-de-bailado Albert Decombe (1789-1865), do compositor Adolphe Adam (1803-1856), do poeta, jornalista e crítico literário, Théophile Gautier (1811-1872), do cenógrafo Pierre Cicéri (1782-1868), do pintor Paul Lormier (1813-1895) e das contribuições de grandes intérpretes da época, como Carlotta Grisi, Lucien Petipa e Adèle Dumilâtre, entre outros.

De Moscovo a Lisboa, as numerosas versões que se apresentam de Giselle ainda hoje podem trazer algo de inesperado ou, mesmo, exaltante, quer seja a nível de estrutura coreográfica, cenografia e figurinos ou, simplesmente, de interpretação. E a verdade é que os teatros continuam a programar uma história intemporal que nasceu na ópera de Paris em 1841 e que, desde então, não parou de se dançar pelo mundo fora.

Palavras-chave: Dança; Bailado; História

ABSTRACT

The most iconic dance piece of the Romantic period, Giselle, or the Willis, had a very large group of creators at its centre. It could even be said that the ballet performed today, on stages all over the world, is a true masterpiece resulting from the direct work of three French dancer-choreographers: Jean Coralli (1779-1854), born in Paris, Jules Perrot (1810-1882) from Lyon, and Marius Petipa (1818-1910), originally from Marseille. In addition to those there is also the ballet-master Albert Decombe (1789-1865), the composer Adolphe Adam (1803-1856), the poet, journalist, and literary critic Théophile Gautier (1811-1872), the set designer Pierre Cicéri (1782-1868), the painter Paul Lormier (1813-1895) and the contributions of great interpreters of the time, such as Carlotta Grisi, Lucien Petipa and Adèle Dumilâtre, among others.

From Moscow to Lisbon, the numerous versions of Giselle that are presented today can still bring something unexpected or even exhilarating, whether in terms of choreographic structure, set and costume design, or simply interpretation. And the truth is that theatres continue to programme a timeless story that was born at the Paris Opera in 1841 and has not stopped being danced around the world ever since.

Keywords: Dance; Ballet; History

Tal como uma parte substancial das obras coreográficas do presente século, curiosamente, uma peça do período romântico como a incontornável Giselle, ou as Willis, teve na sua génese um grupo muito alargado de criadores.

Poder-se-á mesmo afirmar que o bailado que hoje se apresenta nos palcos de todo o mundo se trata de uma verdadeira obra-prima resultante do trabalho directo de três bailarinos-coreógrafos franceses: Jean Coralli (1779-1854), nascido em Paris, Jules Perrot (1810-1882) natural de Lyon, e Marius Petipa (1818-1910), originário de Marselha.

Um dos enigmas da criação da referida peça tem a ver com o nome do segundo, que nem aparece nos cartazes e no programa de estreia, no dia 28 de Junho de 1841, na “cidade-luz”. Supõe-se que tal “lapso” foi intencional para evitar o devido pagamento dos direitos autorais. O último dos três, uns bons anos após a criação da obra, terá feito uma revisão (à sua maneira) alterando sobretudo os conjuntos do segundo acto. Diz-se que Albert Decombe (1789-1865), o experiente mestre-de-bailado titular da Ópera naquela época, regressado do Théâtre de la Monnaie de Bruxelas em 1840, também poderá ter tido alguma participação na concepção coreográfica de Giselle. E, muito provavelmente, também os intérpretes originais, pois era comum sobretudo as partes com mímica serem ajustadas e desenvolvidas pelos artistas. Como à frente se escreverá, a estrutura coreográfica e a própria dramaturgia do bailado parece terem sofrido “retoques”, praticamente até aos dias de hoje sem, de um modo genérico, terem abalado a arquitectura estrutural da composição.

A partitura da obra, que é creditada ao compositor parisiense Adolphe Adam (1803-1856), como era de esperar - por ter sido anotada em pauta -, essa não terá sofrido alterações significativas desde a data de estreia. Porém no primeiro acto, Coralli, pouco tempo antes da première, com a recusa de Adam de compor rapidamente um dueto que não estava previsto, teve a ideia de lhe juntar um trecho relativamente curto do compositor alemão Friedrich Burgmüller (1806-1874), para servir de pretexto para o chamado pas-de-deux dos vindimadores. Que a coreógrafa inglesa Mary Skeaping (1902-1984) terá, na década de 50 do século XX, transformado num pas-de-huite (dança para oito bailarinos) ou, em algumas vezes, num pas-de-dix. Anos mais tarde, já na Rússia, Perrot terá feito mais um pequeno acrescento musical no bailado, extraído de uma partitura do austríaco Ludwig Minkus (1826-1917), para acompanhar a bela e difícil variação da personagem de Giselle no primeiro acto.

Quanto ao enredo da obra, sabe-se que foi escrito a várias mãos. Desde logo pelo célebre poeta, jornalista e crítico literário francês, Théophile Gautier (1811-1872), que passou da “escola romântica” a precursor da “parnasiana” na poesia francesa. Também pelo escritor e profícuo guionista parisiense, Jules-Henri de Saint-Georges (1799-1875), a quem Gautier terá recorrido pela sua falta de experiência em matéria de guiões para dança. E ainda pelo coreógrafo principal da obra, Coralli, e pelo coreógrafo coadjuvante, Jules Perrot. Este último terá criado todas as danças (variações) da personagem Giselle e as respectivas pantominas. Sabe-se que muitas foram as ideias subjacentes à criação da peça, uma vez que Gautier começou por se inspirar numa obra de Victor Hugo (Fantômes/Les Orientales), mas a invenção das noivas enganadas que se transformam em perigosas willis, no “ballet blanc” do segundo acto, surgiu de uma lenda do centro da Europa, recolhida por Heinrich Heine no seu livro *De l'Allemagne*. Gautier terá também recorrido à poesia de Novalis (pseudónimo do barão George von Hardenberg) e, no libreto original, terá mesmo sugerido que Adam escrevesse músicas de vários estilos, já que as willis teriam diferentes nacionalidades.

O certo é que as ideias ultrarromantizadas de Gautier precisaram do traquejo e prática de Saint-Georges, que terá concretizado a história em menos de uma semana e, de seguida, enviado o projecto directamente para Léon Pillet, o então director da Ópera de Paris. Instituição que, sem dúvida, albergava a melhor companhia de dança europeia da época. Aquele, necessitando de uma boa peça para apresentar ao público parisiense a bailarina italiana Carlotta Grisi – sobrinha de uma grande cantora lírica Giulia Grisi e que já estava na mira de Pillet -, não hesitou em dar ordem para se avançar com a produção de Giselle, em Abril de 1841. E, como era de esperar, não faltou a habitual excitação e expectativa entre os baletómanos parisienses e algum marketing, à medida da época, para que a estreia do bailado se tivesse traduzido num retumbante sucesso (artístico e também comercial) junto do público e da crítica. Segundo as contas da tesouraria da Ópera terá feito nada menos que 6.500 francos de receita em apenas três meses.

Da maior importância para o êxito de Giselle foram, seguramente, as contribuições de grandes intérpretes. Para além de Carlotta (protegida e amante de Perrot) que encarnou a frágil camponesa Giselle, veio, em segundo lugar, Lucien Petipa – o irmão mais velho de Marius, também marselhês – que dançou o “apaixonado arrependido”, o conde Albrecht. Em terceiro, Adèle Dumilâtre, que interpretou Myrtha a rainha vingativa das willis e, finalmente, o próprio Coralli que fez o papel de Hilarion, o guardador de caça enamorado da traída Giselle. E para o supracitado

pas-de-deux dos camponeses vindimadores, uma espécie de número excepcional que foi imposto antes da estreia a seguir ao ensaio geral do bailado, a pedido da poderosa bailarina Natalie Fitz-James, foi escolhido o bailarino Auguste Mabile para com ela partilhar o palco.

É também de assinalar – por fim, mas não menos importante para a concepção geral desta jóia da dança – que a depurada cenografia de Giselle foi assinada pelo conhecido cenógrafo Pierre Cicéri (1782-1868) e os delicados figurinos pelo pintor parisiense Paul Lormier (1813-1895). Dois artistas com créditos bem firmados nos teatros parisienses da época.

Se naquele que é considerado o primeiro bailado importante da era romântica, La Sylphide – cuja primeira[1] e desaparecida versão de Philipo Taglioni se estreou também na Salle Le Peletier, a 12 de Março de 1832 – Marie Taglioni dançou todas as suas variações sobre as pontas dos pés, terá sido só em Giselle (nove anos mais tarde) que se crê que todas as solistas e, sobretudo, o corpo de baile feminino terão usado sapatilhas de pontas durante toda a peça.

A obra foi dançada na estreia por Grisi que, a partir de então, se tornou na “rainha” da Ópera de Paris nos oito anos seguintes à criação de Giselle[2], e foi replicada e difundida por outras bailarinas em outras capitais europeias como Londres (logo a 23 de Agosto de 1841), Moscovo e Lisboa (ambas no ano de 1843).

Entretanto, a cidade imperial de São Petersburgo viu o bailado, pela primeira vez, a 18 de Dezembro de 1842, sob a direcção de Jules Perrot. Curiosamente, Marius Petipa, que estava sentado na Salle Le Peletier aquando da estreia de Giselle, anos mais tarde, já com a categoria de primeiro bailarino do Teatro Mariinski, aí dançou o papel de Albrecht ao lado da famosa ballerina austríaca Fanny Elssler, em 1848. A 5 de Fevereiro de 1884, no Grande Teatro de São Petersburgo, o bailarino e coreógrafo estreou a sua produção de Giselle, imprimindo uma certa “modernização” na obra, sobretudo através do incremento no virtuosismo técnico e, como já mencionado, nos desenhos das partes de conjunto.

Quando, décadas mais tarde, a Europa começou a esquecer a obra – que foi excluída do repertório da Ópera de Paris em 1868 – foram os mestres-de-bailado e os bailarinos russos que mantiveram esta dança viva e em cena repetidamente, tendo chegado como um todo artisticamente coerente até aos nossos dias.

E se Giselle não tivesse morrido nos braços de Albrecht?

Decorridos mais de 180 anos sobre a data de estreia de Giselle, ou as Willis, o “admirável mundo novo”, curiosamente, ainda tem vindo a acrescentar algum encanto e magia a um bailado que foi sofrendo alterações (melhoramentos e também retrocessos) que não param de surpreender.

Na tarde de 26 de Janeiro de 2019, a peça voltou a ser vista – desta vez em simultâneo em todo o mundo, fruto das melhores inovações tecnológicas -, através de um formato que há muito se associara à Dança, o cinema. O Ballet Bolchoi apresentou urbi et orbi - em directo de Moscovo via satélite – uma nova (e muito esperada) produção de Giselle, decorrente de um apurado trabalho de pesquisa do coreógrafo Alexei Ratmansky (n. 1968). No papel titular da majestosa produção, gizada para mostrar o peso e vitalidade daquela famosa companhia, esteve Olga Smirnova, no de Albrecht, Artemy Balyakov e no de Myrtha, Angelina Vlashinets, para além de um soberbo elenco, em que se distinguiu um corpo-de-baile de primeira água, na tradição da grande escola russa.

A “nova” Giselle pretendeu, acima de tudo, resgatar o desfecho da obra que o coreógrafo afirma ter sido modificado, não se sabe por quem, no chamado período “soviético”. Segundo ele, não só a jovem apaixonada e traída no primeiro acto perdoa o seu bem-amado no final da história, como ainda lhe indica, no leito da morte, que deve prosseguir a sua vida e casar com aquela que era a sua noiva oficial, a aristocrata Bathilde.

Desde a estreia que, nas mais diversas versões apresentadas, algumas partes da narrativa foram propositadamente alteradas ou, simplesmente, cortadas. Não se sabe exactamente que final terão apresentado as primeiras versões russas do bailado, uma vez que, teoricamente, haveria duas alternativas para o epílogo de Giselle, já que durante os últimos ensaios na Ópera de Paris Carlotta Grisi adoeceu e ficou vários dias fora do teatro. No seu regresso, e para a poupar fisicamente, em vez da bailarina ao terminar o bailado voltar para a tumba, deitava-se sobre uma cama de flores e, lentamente, afundava-se na terra, preservando o clima romântico da peça. Provavelmente Albrecht ia despedir-se do corpo que fenecia, seguido pela altiva Bathilde. Em 1884 Marius Petipa “harmonizou” várias partes do bailado e terá escolhido para epílogo a cena mais comum na actualidade, com o solitário e amargurado Albrecht,

chorando sobre a pedra tumular da sua amada.

Sabe-se que a “alteração” introduzida por Grisi no final de Giselle, praticada temporariamente nos ensaios, foi reposta na versão de 1911 dos Ballets Russes, de Serge Diaguilev – companhia que, aliás, nunca se apresentou na Rússia – mas, posteriormente, terá voltado a ser alterada pelos sucessivos coreógrafos e ensaiadores que a remontaram na antiga URSS. Estes provavelmente nem conheceriam a versão que Ratmanstky trabalhou e recuperou em 2019[3], mas as “directivas oficiais” terão sido no sentido de que os detalhes cénicos no desenlace da peça deixassem na mente do comum dos espectadores um clima de “crime e castigo”, em vez de uma esperançosa mensagem em que, num tom mais conciliador, o perdão pudesse ser um veículo libertador das almas atormentadas. Por tal razão, Alexei Ratmanstky procurou resgatar o carácter bondoso da rapariga enganada, humilhada e sofrida que, no leito da morte, perdoa Albrecht – e, conseqüentemente, também a sua rival Bathilde –, dando a sua aquiescência a um enlace cuja perspectiva, antes, a tinha levado à loucura e à morte.

Porém, a riqueza deste espantoso bailado – ainda que em tempos de amores algo datados – está, acima de tudo, nas múltiplas possibilidades que o espectador pode congeminar confortavelmente sentado numa poltrona de teatro. E se Giselle, por suposição, ficasse apenas louca e não tivesse morrido nos braços de Albrecht, após o fatídico encontro com a fidalga Bathilde? Poderia a infeliz camponesa, simplesmente, fugir de quem a traiu e vaguear louca pelos abismos de outras paragens? Provavelmente não mudaria muito o enredo do bailado se Giselle viesse a morrer só, perdida e amargurada, e o segundo acto começasse, por exemplo, com uma qualquer cena onírica em que o sonho culminaria no perdão e na permanência de um amor puro e ingénuo para a vida eterna...

O drama da peça explode precisamente no momento em que a camponesa vê a nobre Bathilde (no meio da sua entourage) dirigir-se ao seu noivo, Albrecht, que ela acreditava chamar-se Loys e por quem estava loucamente apaixonada. Mas a jovem, incapaz de suportar uma traição, fica completamente fora de controle e, não podendo vingar-se em Bathilde – que crê ser a sua principal inimiga – vê numa espada caída em terra a solução eficaz para os seus problemas amorosos. Há mesmo versões exageradamente melodramáticas em que nem os familiares e amigos que rodeiam Giselle e a tentam proteger da presença do grupo de poderosos relacionados com o conde, conseguem evitar que Giselle se suicide com a espada perdida de Albrecht. Na maioria dos espectáculos é o vizinho e sempre solícito Hilarion, desde sempre apaixonado pela frágil rapariga, que lhe arranca a espada das mãos para que não tire a própria vida. Tal seria um pecado grave à luz da sociedade da época ainda que se tratasse de uma acção suicida de um ser caído num deplorável estado de saúde mental. Nesse momento Giselle não tem um pai forte que a defenda numa circunstância de extrema fragilidade, surgindo apenas a mãe, Berthe, como o único colo possível no avassalador momento da tragédia. Facto que, aliás, não foi omitido por acaso na escrita do libreto no que toca ao extenso leque de personagens que desfilam em cena. Naqueles derradeiros minutos em que o mundo se abre debaixo dos seus pés, a bela e sonhadora camponesa encontra-se sozinha no mundo com um amor impossível que a consome, vindo a fenecer, justamente, nos braços de quem tanta amou e acabou por a consumir: Albrecht/Loys.

Giselle no mais antigo país da Europa

Embora Portugal, o mais antigo país da Europa situado no canto mais ocidental do continente, costumasse durante o período romântico espelhar os eventos de dança com um significativo atraso relativamente a um país como a França, de onde irradiou grande parte da produção balética do século XIX, no caso de Giselle, curiosamente, tal não aconteceu.

Em Novembro de 1843, muitos admiradores da conhecida Mme Mabile – bailarina cujo nome artístico era Augusta Maywood – ter-se-ão dirigido ao Real Teatro de S. Carlos, para assistir à estreia em Lisboa do bailado Giselle, numa versão do bailarino e coreógrafo Gustave Carey (1818?-1881?). Porém, a soirée não terá sido particularmente brilhante[4] devido ao facto de um grupo de artistas recém-despedidos do teatro ter organizado uma “tempestuosa pateada”. Juntando-se o facto de a crítica, sabendo que estava perante um êxito parisiense, mesmo assim, ter apelidado a obra-prima nascida na vetusta Ópera de “bailete aparatoso e agradável” e “bailado bastante engraçado”[5]. Não se sabe se Charles Mabile – irmão de Auguste que, como atrás se mencionou, dançou o pas-de-deux dos vindimadores no elenco original da peça – interpretou o segundo papel principal do bailado, o conde Albrecht. Não aparece mencionado nem pelos escritores nem pelos jornalistas lisboetas, ficando bem claro que a atração principal do maior e mais belo teatro lírico de Portugal era a sua jovem mulher de apenas 18 anos. O que não seria de estranhar pois Augusta Williams (Maywood) nascida em 1825 - provavelmente na cidade de Nova

Iorque e falecida em 1876, em Lwów, então pertencente à Polónia, e hoje cidade de Lviv, na Ucrânia - foi a primeira ballerina americana a atingir o estrelato e renome internacional, justamente na Ópera de Paris, de onde viera para a capital portuguesa. Também não se sabe que personagem desempenhou na obra José Maria da Conceição, o estimado “mímico português que muito bem representou o seu papel”, segundo escreveu, na altura, a Revista Teatral[6]. Já outro órgão de comunicação social, a Revista Universal Lisbonense (no tomo III, p. 144) afirmou que Mme Mabile “recebeu em Lisboa uma ovação mais expressiva do que a que tinha ouvido, no final do mesmo bailado, na Ópera de Paris”[7].

O escritor José Maria da Silva Leal (1812-1883) ligado ao romantismo português, escreveu inflamadas linhas sobre a “bailarina poética”, devido à sua força, graça e agilidade nas danças espanholas e à voluptuosidade nas outras, designadamente a cracoviana.

Sabe-se que a primeira Giselle portuguesa era uma figura afamada na Baixa lisboeta - mais precisamente na zona do actual Chiado, local muito concorrido por “dandies” e homens de negócios que frequentavam o Teatro Real de São Carlos – não só por inflamar corações em palco. Miss Maywood, que em Paris fizera nome e adquirira boa reputação como artista, em Lisboa, daquilo que se sabe, terá rapidamente ficado conhecida também por razões mais prosaicas, tais como a sua cobiçada juventude e a sua fogueira nos amores. Depois de - até ao fim do ano de 1843 - ter dançado Giselle quinze vezes – se bem que em dez delas, apenas se representou o II acto –, Mme Mabile partiu de Lisboa na companhia de um actor do Teatro Real de S. Carlos[8] deixando uma carta de despedida ao seu marido (e parceiro nos palcos) que ficou com a filha de ambos, justificando-se e desculpando-se da sua conduta.

Giselle só voltaria a subir à cena no São Carlos, em 1870, pela companhia austríaca de Katty Lanner. E depois, já em pleno século XX, por outras companhias também estrangeiras, designadamente o Grand Ballet do Marquês de Cuevas, em 1947.

A primeira versão portuguesa da obra só surgiu duas décadas depois, pelo Grupo Gulbenkian de Bailado, a 14 de Janeiro de 1967, apresentada no Teatro Rivoli, em Lisboa, numa produção de Walter Gore (1910-1979) na versão coreográfica de Geoffrey Davidson, com os bailarinos ingleses Paula Hinton e Ronal Hynd, nos papéis principais. No dia 14 de Fevereiro de 1970 a Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) trouxe expressamente a Portugal o grande especialista nesta obra, o inglês Anton Dolin (1904-1983), para remontar o bailado, que teve como intérpretes principais a australiana Lucette Aldous e o inglês John Gilpin. Pela primeira vez confiou-se, em alternância, o desempenho de Giselle e Albrecht a um par de artistas portugueses, Isabel Santa Rosa e Armando Jorge, que dançaram no dia 18 de Junho de 1970, no Cine-Teatro da Covilhã.

A terceira, mais sofisticada e última remontagem de Giselle, no que viria a ser o futuro Ballet Gulbenkian, foi estreada a 6 Janeiro de 1973, com a assinatura do cubano Jorge Garcia (1935-2021). Este foi o metteur en scène que mais vezes remontou a obra em Portugal, baseada na versão que a inglesa Mary Skeaping levou para Havana, Cuba, em 1954, com o propósito de enaltecer os dotes dramáticos da ballerina cubana Alicia Alonso (1920-2019).

Este terá sido, muito provavelmente, mais um bailado clássico então incluído no reportório da companhia da Fundação Gulbenkian por imposição da directora do Serviço de Música, Madalena Perdigão (1923-1989) para um grupo que contava, nessa temporada, apenas com 22 bailarinas e 18 bailarinos. A Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) teve que recorrer não só a um par de artistas internacionais de gabarito e com larga experiência em bailados românticos, Noella Pontois e Cyril Atanassoff, da Ópera de Paris, como também a bailarinos do Grupo de Bailados Portugueses Verde Gaio, a alunas da professora Anna Mascolo, a actores do Teatro Experimental de Cascais e, finalmente, a jovens do Curso de Iniciação ao Bailado, da própria Fundação. As estrelas francesas alternaram nos papéis principais com Isabel Santa Rosa e Armando Jorge e com Johanne O'Hara e Ger Thomas. Tal constituiu um enorme estímulo para os intérpretes e até para o público português que começava a aperceber-se dos esforços da FCG para formar e projectar, cada vez mais, a dança e os artistas nacionais e apresentar peças do reportório académico-clássico com uma qualidade que poderia rivalizar com qualquer companhia europeia, na época[9].

A partir de então as sucessivas remontagens de Giselle ou Les Willis, em Portugal, passaram a ser

protagonizadas pela Companhia Nacional de Bailado - fundada em 1977 - respectivamente em 1987, 1989, 1991, 2002, 2006, 2009 e 2014, sempre com a supervisão do Mestre Jorge Garcia. Em Dezembro de 2022 a sua modelar produção foi levada à cena, a título póstumo e como homenagem, no Teatro Nacional de São Carlos.

E, com este conjunto de notas, mais uma vez cai o pano sobre a história de Giselle, um amor trágico e intemporal que nasceu na ópera de Paris quase em meados do século XIX e, desde então, não se parou de dançar nos quatro cantos do mundo.

REFERÊNCIAS:

Beaumont, C. (1944). *The Ballet Called Giselle*, Londres: Dance Books

Guest, I. (1976). *Le Ballet de L'Opéra de Paris*, Paris: OP / Flammarion

Laginha, A. (2014). *Memória da Saudade: o percurso e identidade artística do Ballet Gulbenkian como estrutura de referência na dança portuguesa (1961-2005)*. [Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra]. Disponível em <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/25418>

Laginha, A. (2020). *História do Bailado em Portugal*, Lisboa: CTT

Petipa, M. (1990). *Memórias*, Paris: Actes Sud

Sasportes, J. (1970). *História da Dança em Portugal*, Lisboa: FCG

Winter, M. H. (Janeiro-Fevereiro de 1943) *Augusta Maywood. Dance Index. II (1-2)*. Recuperado em Outubro de 2021.

[1] A Sílfide que hoje é dançada na maioria das companhias é da autoria de Auguste Bournonville (1805-1879) e foi estreada na Dinamarca.

[2] Guest, I. (1976) *Le Ballet de L'Opéra de Paris*, Paris: OP / Flammarion, p. 104.

[3] Site do Teatro Bolchoi (<https://bolshoi.ru/en>)

[4] Sasportes, J. (1970) *História da Dança em Portugal*, Lisboa: FCG, p. 203.

[5] Idem.

[6] Sasportes, J. (1970) *História da Dança em Portugal*, Lisboa: FCG, p. 204.

[7] Winter, M. H. (January-February 1943) *Augusta Maywood. Dance Index. II (1-2)*. Retrieved October 21, 2021, p. 10.

[8] Winter, M. H. (January-February 1943) *Augusta Maywood. Dance Index. II (1-2)*. Retrieved October 21, 2021, p. 11.

[9] Laginha, A. (2014). *Memória da Saudade: o percurso e identidade artística do Ballet Gulbenkian como estrutura de referência na dança portuguesa (1961-2005)*. Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra]. Disponível em <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/25418>

Aparecida Brandão dos Santos[1]

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise no conto “MUTOLA, a unguida”, presente no livro “As andorinhas” (2013) da escritora Moçambicana Paulina Chiziane, a fim de identificar o uso da metáfora como instrumento de crítica e reflexão presente na obra. Pautada nos conceitos teóricos de Haskell (1987), Zanotto (1995) e Lakoff; Johnson (1980) acerca do que é metáfora, iremos, através da análise de trechos destacados da narrativa, discutir como a autora dá voz ao feminino e às problemáticas sociais que o envolvem e assim contribui através da sua escrita com a luta das mulheres por independência, poder de decisão e igualdade diante de uma sociedade patriarcal. No conto a autora apresenta ao leitor críticas e reflexões através do uso da metáfora para falar de forma lúdica sobre o machismo presente na sociedade moçambicana e enfrentado pelas mulheres.

Palavras-chaves: Paulina Chiziane; Mutola, a unguida; Metáfora; Críticas e reflexões.

INTRODUÇÃO

Diversas são as formas de falar (tanto de forma oral quanto de forma escrita) e tratar de determinados assuntos. Assuntos sensíveis ou relevantes por vezes necessitam de um falar mais pautado na leveza ou ludicidade sem a perda da seriedade e relevância de sua temática. A língua é um instrumento que nos propicia fazer uso de alguns recursos linguísticos que nos possibilitam “brincar” com o sentido de determinadas palavras. Alguns desses recursos chamamos de figuras de linguagem. Uma dessas figuras de linguagem é a metáfora, que nos permitem abordar determinadas temáticas mantendo o entendimento e compreensão das informações a serem repassadas, mas trazendo um novo sentido. Segundo Haskell (1987), “o que é chamado metáfora é simplesmente uma manifestação linguística da mais fundamental operação cognitiva.” Para Zanotto (1995), “é um processo cognitivo que tem um papel heurístico nas mudanças conceituais”. A metáfora é a condensação de uma ideia. Ela transpõe o sentido literal de uma palavra para o sentido figurado. Atribui a determinada palavra ou frase o sentido ou significado de outra. Na obra *As Andorinhas*, de Paulina Chiziane, a metáfora é um recurso estilístico muito usado pela autora para contar suas histórias e abordar os temas relevantes que nos são apresentados.

Lakoff; Johnson (2002), pontuam que a metáfora permite à mente construir a forma que ela processa informações, pois essa construção se dá através de experiências físicas concretas. Para Lakoff; Johnson (1980), ela não envolve apenas a linguagem ou as palavras: é uma questão de pensamento. Os autores pontuam que os processos de pensamento do ser humano são bastante metafóricos e destacam que “(...) a verdade é sempre relativa a um sistema conceptual que é, em grande parte, definido pela metáfora. A maioria de nossas metáforas evoluíram em nossa cultura através de um longo período (...)” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 159-160).

A riqueza metafórica da obra de Paulina Chiziane consiste em apresentar ao leitor narrativas repletas de ludicidade que possibilitam, através de sua leitura, uma viagem ao imaginário trazendo questionamentos e reflexões acerca dos temas abordados. O objetivo deste trabalho é realizar uma análise no conto *MUTOLA, a unguida*, presente no Livro *As Andorinhas*, de Paulina Chiziane, a fim de discutir como a autora dá voz ao feminino e problemáticas sociais que o envolvem através do uso da metáfora como instrumento de crítica e reflexão presente na narrativa.

UMA CONTADORA DE ESTÓRIAS

Paulina Chiziane é uma escritora que não se denomina uma romancista, mas sim uma contadora de estórias. Chiziane nasceu em 4 de Julho de 1955, em Gaza, Sul de Moçambique. A autora participou ativamente da Frente de Libertação de seu país e é a primeira mulher a publicar um romance em Moçambique. Em 1984 Paulina iniciou sua atividade literária publicando contos sobre a identidade e história moçambicana e anos depois publicou outras obras como: *Balada de amor ao vento* (1990), *Ventos do Apocalipse* (1993), *O alegre canto da perdiz* (2008), *Niketche- Uma história de poligamia* (2001) entre outras. Em 2021 Chiziane tornou-se a primeira mulher africana a ganhar o prêmio Camões de literatura. A escrita de Paulina aborda não somente assuntos acerca da história, cultura e tradição de seu povo, mas também traz para suas obras assuntos sociais importantes para o feminino diante de uma sociedade patriarcal.

Sobre a escrita da autora, Miranda e Secco (2013), pontuam que:

As histórias narradas por Chiziane mexem com o inconsciente de quem as lê, constituindo-se como viagens de escrita, não apenas ao mundo feminino e às tradições orais moçambicanas, mas à história de Moçambique e ao universo existencial de cada leitor. (MIRANDA; SECCO, 2013, p. 13)

Miranda e Secco (2013) abordam a relevância das histórias contadas por Chiziane em suas obras literárias ao apresentar não somente as questões sociais de Moçambique mas ao abordar a história do país também.

A escrita de Paulina assume um papel importante dentro do contexto literário moçambicano porque através das suas narrativas a autora tornou-se porta-voz de outras mulheres que não podiam e não podem exercer o direito de liberdade de expressão por crescerem inseridas em tradições culturais e por meio dessas tradições vivem diariamente com as desigualdades, como destaca Mata (2007)

Na verdade, no contexto de suas sociedades, marcadas por desigualdades institucionalizadas por disposições legais, tradicionais e de mentalidade, as mulheres escritoras constituem um grupo privilegiado tanto em termos de classes e socioculturais quanto por causa do domínio da escrita, que ainda é um poder em África. Razão por que, de certa maneira, essas mulheres acabam por funcionar como porta-vozes deste segmento da sociedade.

AS ANDORINHAS

Se queres conhecer a liberdade,
Segue o rasto das andorinhas
(Ditado Chope[2])

O livro *As andorinhas* (2013) é um livro de contos. A obra apresenta três contos, “Quem manda aqui?”, “Maundlane, o Criador” e “MUTOLA, a unguida”, que será aqui analisado, cujas histórias se passam em Moçambique, em lugares, tempo e espaços distintos. As narrativas de tradição oral apresentadas nos contos presentes no livro abordam temas como a exploração oriundas do colonizador, a segregação vivida pelo povo moçambicano, o anseio por liberdade, a política e a sociedade. No âmbito social, as narrativas de Chiziane abordam o olhar sobre o feminino dentro do contexto cultural da sociedade Moçambicana acerca do papel que

a figura da mulher desempenha.

O título do livro nos remete logo de início à primeira e mais relevante metáfora presente na obra, a ave andorinha. O título “As Andorinhas” remetem o imaginário do leitor ao pássaro símbolo de liberdade. A metáfora do pássaro leva à alusão do voo, da independência e logo, da liberdade, anseio dos que não a têm. Acerca dessa criação metafórica, Almeida (1986) destaca que:

A construção de uma metáfora pressupõe um grau avançado de percepção e de abstração, uma vez que ela resulta de uma comparação entre coisas diferentes. Só na medida em que são diferentes é que pode surgir, delas, uma metáfora. Aquele que cria a metáfora deve perceber tanto as diferenças quanto as similitudes.

Em *As Andorinhas*, além de abordar questões que tratam da opressão vivida pelo povo Moçambicano diante do colonizador português, a busca por independência e uma identidade, Paulina insere o debate acerca do feminino. Ela dá voz às mulheres do passado colonial e também do presente, pois como pontua (PADILHA, 2002, p. 171): “o acesso ao texto verbal lhes era duas vezes barrado: por serem mulheres e africanas. Encher de palavras o silêncio histórico foi para elas uma árdua e difícil conquista”.

MUTOLA, a ungida

Na vitória da mulher reside, por vezes, a desonra dos homens.
(CHIZIANE, 2013, p. 64)

O conto III, “MUTOLA, a ungida”, narra a história de Maria de Lurdes Mutola, a primeira medalhista olímpica de Moçambique. Chiziane se utiliza da história e trajetória de Mutola para ilustrar como a figura da mulher é vista numa sociedade patriarcal e machista. O conto nos apresenta um cenário mais atual da sociedade, porém com problemas sociais enfrentados pelas mulheres desde o período colonial. Na narrativa apresentada pela autora, Mutola é apresentada ao leitor sob a figura de uma ave. Mas não qualquer ave, a águia, ave que voa livre, alto e é dona e soberana de seu destino. Sob o aspecto simbólico da ave está a representação da força, da altivez, coragem, sabedoria e claro, liberdade. A metáfora presente na figura da águia no conto faz alusão ao modo como a atleta transgrediu e enfrentou o machismo presente em sua trajetória de vida. É a representação de como Mutola foi forte, corajosa e destemida ao determinar onde seria seu lugar.

A narrativa do conto traz uma das principais características da escrita de Paulina Chiziane, a ludicidade através da arte de contar histórias com traços de oralidade que nos leva de volta a infância.

Era uma vez...

Um homem que apanhou uma águia pequenina. Levou-a para casa e pô-la na capoeira. Educada como uma galinha, a águia até comia a comida dos patos. Comportava-se como uma verdadeira galinha.
(CHIZIANE, 2013, p. 61)

Logo no início do conto somos apresentados a duas representações metafóricas do feminino. A figura da águia e da galinha. A águia é a ave ativa, magestosa e livre. A galinha a ave submissa, sob rédeas. Nesse trecho inicial do conto temos a águia como o animal que é inserido em um ambiente que não é seu habitat natural. Vemos o desejo do homem em torná-la algo que não é. O desejo de moldá-la para um comportamento tal

qual o da galinha. Temos nessas duas representações a mulher que contrapõe o machismo, se impõe, o enfrenta, e a figura da galinha, representando a mulher submissa, que se adapta ao que lhe é imposto e o aceita. A metáfora das aves apresentada pela autora destaca o olhar e domínio masculino sobre a figura feminina e como esse feminino é pautado pela perspectiva do homem.

No trecho a seguir a narrativa apresenta a figura do biólogo como personagem contra a tentativa do homem em transformar a águia em galinha. O personagem apresenta o debate sobre o papel natural de uma águia e seu ambiente de vida. Ele questiona sobre o lugar dado a águia pelo homem. Aqui podemos fazer alusão a representatividade feminina por detrás da figura do biólogo. Podemos entender a figura do biólogo como o feminino que questiona o domínio patriarcal, contesta a representação masculina como detentora do saber acerca de tudo e todas as coisas, inclusive o lugar da mulher e o ser mulher.

Um biólogo passou por ali e exclamou:

- Uma águia na capoeira das galinhas?

-Era uma águia, mas transformei-a em galinha apesar de todo o seu tamanho – respondeu o dono da capoeira, muito vaidoso.

-Não, responde o biólogo. Uma águia é uma águia. Nasceu para governar o mais alto dos céus.

- Esta? Nunca mais voará! (CHIZIANE, 2013, p.61)

A metáfora apresentada no conto permite uma visão mais clara do tema que a autora propõe. A narrativa, através da linguagem figurativa, traz leveza e ludicidade ao conto e possibilita, segundo Gomes (2015) “construir a narrativa histórica através da imaginação”. De forma lírica, a linguagem metafórica insere no imaginário do leitor possibilidades distintas de leitura da história, mas mantém a compreensão e o questionamento acerca da importância dos temas abordados. A metáfora é como se “fosse um dos cinco sentidos, como ver, ou tocar, ou ouvir, o que quer dizer que nós só percebemos e experienciamos uma boa parte do mundo por meio de metáforas. A metáfora é parte tão importante da nossa vida como o toque, e tão preciosa quanto.” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 358)

O uso da metáfora da águia para representar a figura de Mutola marca a trajetória de luta e resistência por parte da atleta perante a sociedade machista a qual pertencia. Chiziane traz para o debate o enraizamento do machismo estrutural na sociedade Moçambicana, mascarado pela tradição e a normalização da figura da mulher como um ser feito para afazeres domésticos ou inferior. Para Bahule (2013) ao apresentar esse debate inserido na sua literatura e discutido através da voz feminina, Paulina causa controvérsia, alterações e polémica no contexto social de Moçambique. O autor também destaca que:

Como podemos compreender, o projecto de purificação estética, social, cultural e político da mulher, que Paulina Chiziane traça na sua literatura, encontra a sua realização nessa «nova mulher», que é a mulher que diz «sim» ao devir, à alegria, que se envolve com o sensível, com os instintos, com a paixão da mulher que baila, da mulher que oscila entre o poético da vida e o trágico da vida, ou seja, a «nova mulher» que Paulina Chiziane desenha na sua literatura corresponde a uma reabilitação plena e completa da mulher trágica, no círculo masculino ou no circuito machista (BAHULE, 2013, p. 116).

O trecho seguinte destacado do conto podemos identificar a crítica da autora as culturas e tradições que colocam a mulher como um ser feito para o casamento, que vive a espera de seu príncipe encantado:

As mulheres sempre se orgulharam dos seus dotes: fazer bonito croché, bordar e fazer enxoval. Embelezar-se e esperar o momento da vitória que virá com príncipe encantado que as levará ao palácio de uma cozinha existente nas traseiras de uma casa, com muita pompa e circunstância. É a tradição. (CHIZIANE, 2013, p. 62)

Além de reforçar o machismo, essa visão acerca do papel e da função da mulher na sociedade estigmatiza e segrega outras mulheres que vão contra esse pensamento. Porque é culturalmente inserido na sociedade que a mulher nasceu para exercer a função de dona de casa, ter marido, filhos, e quando há a negativa por

parte das que fogem à regra, ocorre a exclusão e segregação dessas mulheres.

No trecho seguinte em destaque, podemos identificar que na narrativa a autora metafóricamente define o que seria a mulher naquele contexto e naquela sociedade e novamente temos a presença da metáfora da galinha tanto para a definição do homem quanto para os requisitos que o feminino deve ter na perspectiva de agradar ao homem.

Porque ela é copo de água - diz-se - tem que se manter fresca para ser servida a esse príncipe que virá, um dia. Porque é galinha o ilustre visitante - diz-se ainda - ela tem de manter a musculatura suave e tenra de um franguinho, para o tal príncipe. (CHIZIANE, 2013, p. 62)

Chiziane destaca no conto que “desde séculos, as mulheres cumpriram sem questionar estes princípios que funcionam como leis invioláveis, inalteráveis.” (CHIZIANE, 2013, p. 62). As mulheres nascem com seu papel social pré-determinado pela sociedade patriarcal, nascem com seu lugar já determinado. Ora, qual mulher nunca ouviu a famosa (e machista) expressão: lugar de mulher é... Nascemos inseridas em uma sociedade que nos apresenta ainda bem cedo as divisões do papel e lugar do feminino e do masculino. Essa divisão e ordem das coisas nos papéis sociais desempenhados por homens e mulheres é enraizada culturalmente na sociedade que acaba tornado-se algo natural. Para o filósofo francês Bourdieu, essa ordem das coisas, pouco ou nenhum espaço dá para as mulheres nas tomadas de decisões porque essa perspectiva funciona como um sistema de pensamento e de ação.

A divisão entre os sexos parece estar "na ordem das coisas", como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas "sexuadas"), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (BOURDIEU, 2012, p. 17, grifos do autor).

Às mulheres é sempre colocado como se vestir, como se portar, o que devem saber, onde ou até onde podem chegar. Essa concepção machista foi bem abordada em um trecho do filme “Barbie”, de 2023, da diretora Greta Gerwig. No discurso da personagem Glória podemos identificar como deve ser o feminino na perspectiva da sociedade patriarcal e como a estigmatização da mulher coloca sobre elas um fardo difícil de se carregar, além de destacar que não importa quais pré-requisitos a mulher siga dentro de uma sociedade, nunca será suficiente.

Você tem que ser magra, mas não muito magra. E você tem que dizer que quer ser saudável, mas também tem que ser magra. (...) Você deveria amar ser mãe, mas não fale sobre seus filhos o tempo todo. Você tem que responder pelo mau comportamento dos homens que é uma loucura, mas se apontar isso é acusada de reclamar. Você deve permanecer bonita para os homens, mas não tão bonita a ponto de seduzi-los demais (...) (“BARBIE”, 2023)

Esse como ser é colocado sobre a mulher desde o período colonial e ainda em tempos contemporâneos essa visão segue enraizada na sociedade, mantendo sempre um olhar vigilante sobre o feminino e segregando aquelas mulheres que fogem a essa “regra”. No conto, a autora transforma a figura feminina de Maria de Lurdes na figura da ave majestosa, sinônimo de soberania, altiva e forte e assim tece uma crítica contundente sobre o olhar acerca da mulher dentro da sociedade moçambicana.

Na narrativa, Mutola também se depara com as “regras” para o feminino no contexto social e a delimitação do espaço de atuação da mulher. E quando a elas é permitido estar no mesmo ambiente que o homem e desempenhando a mesma função ainda assim não lhes é permitido se sobressair em relação ao masculino. A glória de conquistas femininas é associada aos homens, porque em um contexto patriarcal apenas os homens à alcançam, e quando isso por ventura acontece, à elas é dada a associação ao homem, como destaca o trecho do conto onde Mutola faz o gol no jogo de futebol.

Na marcação do golo, o embaraço da equipa. Como podiam os homens saborear a golada com

abraços efusivos e saltos mortais, se ela era mulher? Como celebrar a vitória com a mesma loucura de sempre, se o corpo da mulher só pode ser tocado pelo seu homem? Os comentaristas da rádio relatam o facto com vozes sincopadas. Não sabem o que dizer ao certo, não foi ainda desenvolvido o vocabulário jornalístico para golos de mulher. Para remediar a situação, o locutor da rádio diz algumas palavras tontas.

-O golo extraordinário foi marcado por uma mulher que nem parece mulher, aquilo parece golo de homem mesmo, é espantoso, as mulheres não percebem nada de futebol e nem sabem jogar! Foi extraordinário! Esta mulher vibrou, brilhou, mostrou o que valia, parecia até uma águia no meio de galinhas! (CHIZIANE, 2013, p. 63)

É interessante a forma como através do uso da metáfora da águia a autora faz essa retratação histórica sobre o feminino, ainda que seja uma retratação do feminino para o feminino, ela insere na figura da personagem não as características que a metáfora da galinha representa, como a mulher que se adapta e aceita a submissão ao machismo, mas a mulher que transgride, questiona, luta e voa.

A autora retratou de forma brilhante, através de sua literatura, o pensamento machista que verbera dentro da sociedade. Através do ficcional ela coloca em palavras claras como a mulher é vista dentro de um contexto social machista, como destacado no trecho a seguir.

- Os treinadores gastaram o melhor tempo e a melhor energia, a treinar uma equipa- comentavam outros - e eis que os jogadores se deixam rebaixar por uma mulher. Os homens é que devem superar as mulheres e não o contrário. Mas ela dá na bola com classe! Ela entende da coisa! Pena é ser mulher! (CHIZIANE, 2013, p. 64)

A contrução metafórica da águia como a representação de Mutola é apresentada de forma bastante lúdica no conto e isso permite o leitor imaginar Mutola como se fosse de fato uma águia. No trecho apresentado a seguir temos a personificação de Maria de Ludes na águia e da águia em Maria de Ludes. “Colocou um olhar fixo no dourado solar. Suspendeu a respiração até atingir a suavidade de uma pena. Abriu as asas. Venceu o peso e a gravidade. Levitou. Subiu, subiu até atingir um ponto alto, altíssimo. Alcançou o Olimpo!” (CHIZIANE, 2013, p. 64).

A importância da escrita de Paulina Chiziane vai muito além da literatura, ela contribui diretamente com o cenário e contexto social a qual muitas mulheres estão inseridas e não podem falar. Segundo (MENDES; SANTOS, 2016, p. 98),

A autora revela a não conformidade com a situação da mulher na sociedade moçambicana e o desejo de mudança dessa posição, de mostrar o valor e importância da mulher no quadro cultural do seu país. Ao traçar este caminho de resistência e de afirmação de identidade de gênero na literatura, Paulina Chiziane inaugura essa posição na trajetória literária feminina em Moçambique. A escrita de Paulina Chiziane não representa apenas uma mulher moçambicana que fala sobre as mulheres em Moçambique, mas também representa um posicionamento que modifica o cenário social geralmente visto como espaço dominado pelo homem.

A escrita de Paulina Chiziane é a voz das mulheres de Moçambique. É o eco das vozes de mulheres que foram e ainda são silenciadas. É o grito das que querem ser ouvidas. É a denúncia das que necessitam de liberdade. Como fica claro na sua descrição do seu livro Balada de amor ao vento “[...] eu sinto que a visão do mundo existente hoje, pelo menos em termo de escrita, é o ponto de vista masculino [...] Falei com mulheres mas também conheço histórias já seculares. [...] portanto a minha mensagem é uma espécie de denúncia, é um grito de protesto” (PASSOS, 2003, pp. 187-188).

No conto sobre a vida de Maria de Lurdes, a representação metafórica da águia pauta desde a resistência da figura feminina ao lugar que essa deve ocupar no ambiente. A autora faz uso da figura de uma ave forte e imponente para caracterizar Mutola como a mulher que enfrentou o machismo e alçou voo. Através da análise dos trechos destacados do conto, foi possível identificar as críticas da autora sobre como a mulher é vista dentro

da sociedade moçambicana. Identificamos a utilização da metáfora como um instrumento que possibilitou Chiziane tecer questionamentos acerca da cultura patriarcal que rege o contexto social de seu país. A escrita de Chiziane permite ao leitor, através das metáforas, compreender a história por trás da história e insere os questionamentos, críticas e reflexões necessários sobre o tema de forma leve e lúdica, mas também denúncia e dá voz às mulheres de forma séria e necessária.

Considerações Finais

A metáfora, segundo Sardinha (2007), é para a gente como a água é para os peixes: deve estar em todas as partes da nossa vida. Nos costumes, nas histórias, nas narrativas, nas tradições e no imaginário do povo. A metáfora possibilita ao autor inserir um discurso diretamente ao leitor, permite a ele criar o entendimento através do imaginário. Se assemelha a uma mensagem codificada que pode ter diferentes decodificações para cada pessoa que a receber.

Segundo ZANOTTO (1990) “a metáfora visa ser um fenômeno essencialmente discursivo, no qual o sujeito encontra o espaço de liberdade ao subverter as regras da língua para inscrever sua subjetividade criativa”. A metáfora possui uma característica principal, a de dizer uma coisa querendo dizer outra. E é desse recurso que Paulina Chiziane faz uso em sua narrativa. Através do uso da metáfora ela proporcionando ao leitor a decodificação de seu discurso de forma bastante lúdica, porque apresenta em seus contos uma narrativa que desperta o poder de criação do imaginário. A forma como a narrativa é apresentada carrega características das tradições orais de contação de histórias o que permite acender e tocar o lado lúdico presente no imaginário do leitor por transportar este para dentro da narrativa de forma muito familiar.

O uso da metáfora como instrumento de crítica e reflexão no conto de Chiziane permite essa abordagem lúdica e serena sobre temas de relevância social como o machismo, mas não tira a seriedade do assunto, e o claro posicionamento da autora acerca do tema. A metáfora permite a autora tratar de um tema de relevância e inserir aos leitores perspectivas e concepções sobre como a figura da mulher é vista numa sociedade patriarcal e machista. Através da análise dos trechos do conto é possível identificar o debate que Chiziane propõe. Paulina por meio da literatura segue lutando. Através de suas narrativas ela segue a luta por independência e liberdade, não somente de Moçambique, mas das mulheres presentes na sociedade moçambicana. “As águias, à semelhança das andorinhas, são filhas da liberdade.”(CHIZIANE, 2013, p. 64) É evidente o desejo que o feminino possa ser tal qual a águia e a andorinha.

Referências

ALMEIDA, Guido. O professor que não ensina. São Paulo: Summus, 1986.

BARBIE. Direção: Greta Gerwig. Produção de Tom Ackerley, David Heyman e Robbie Brenner. Estados Unidos: Warner Bros, 2023.

BAHULE, Cremildo. Literatura Feminina, Literatura de Purificação: O Processo de Ascese da Mulher na Trilogia de Paulina Chiziane. 1ª Ed. Maputo: Editora Ndjira, 2013.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CHIZIANE, Paulina. As andorinhas. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

GOMES, Vera Tatiana dos Reis Monteiro. Questões Femininas e Raciais em Moçambique e no Brasil Através dos Olhares de Paulina Chiziane e Conceição Evaristo. Escrita, Rio de Janeiro, n.20, p. 70-90, 2015.

HASKELL, R. E. 1987. Cognition and Symbolic Structures: The Psychology of Metaphoric

Transformation. Norwood, N. J., Ablex

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. Metáforas da vida cotidiana. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. Metaphors we live by. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1980.

MATA, Inocência. A literatura africana e a crítica pós-colonial. Reversões. Luanda: Editorial Nzila, 2007. Col. Ensaio, 40.

MENDES, A. ; SANTOS, A. PAULINA CHIZIANE: UMA ESCRITA DE GÊNERO E DE REPRESENTAÇÃO DE DILEMAS CULTURAIS. Cerrados – Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Brasília, nº 24, nº 41, p. 97-107, Ago, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/25389> Acesso em: 12/01/2023

MIRANDA, Maria Geralda de.; SECCO, Carmem Lúcia Tindó. (Orgs.). Paulina Chiziane: Vozes e rostos femininos de Moçambique. Curitiba: Appris, 2013.

PADILHA, Laura Cavalcante. Silêncios rompidos. In: PADILHA, Laura Cavalcante. Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas luso-afro- brasileiras. Porto Alegre: EDIPUCS, 2002. p.171-186.

PASSOS, Joana F. da S. de M. V. Micro-Universe and Situated Critical Theory: Postcolonial and Feminist Dialogues in a Comparative Study of Indo-English and Lusophone Writers. Utrecht: ProefschriftUniversiteit Utrecht, 2003.

SARDINHA, T.B. Metáfora. São Paulo: Parábola, 2007.

ZANOTTO, M. Sofia. Metáfora, cognição e ensino de leitura. DELTA. v. 11, n. 2, p. 241-254

ZANOTTO, M. Sofia. Em busca da elucidação do processo de compreensão da metáfora In: PONTES, Eunice (org) A metáfora. Campinas Ed Unicamp, 1990, p.115-130

[1] Acadêmica do curso de Letras-Português na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) Campus Santana. E-mail: aparecida.brandao65@gmail.com

[2] Etnia dispersa pelas províncias de Inhambane e Gaza, em Moçambique. Língua de matriz banta falada pelos Chopos

A PRÁTICA DA LEITURA LITERÁRIA E MULTIMODAL COMO INSTRUMENTO PARA A FORMAÇÃO CRÍTICA DOS ALUNOS

TÁLISSON DA SILVA OLIVEIRA

RESUMO: Para que um aluno faça da leitura uma prática social é imprescindível que a escola recorra a uma abordagem didático-pedagógica que dialogue com suas experiências de vida e comunicação a fim de mantê-lo interessado e comprometido com as temáticas contemporâneas. Sobre tal proposta, é preciso reconhecer o papel fundamental do multiletramento para formação de leitores críticos. Neste sentido, este trabalho tem como propósito, a partir da literatura e dos recursos multimodais, o desenvolvimento das competências leitoras dos alunos, de modo que encontrem na leitura, novas formas de pensar e perceber o mundo ao seu redor. Para tanto, partiu-se da análise e discussão conjunta acerca do livro "Ensino de Língua e Literatura: gênero textual e letramento", Seção II – Literatura e Multiletramentos, que integra uma experiência de pesquisa efetuada pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras), da Universidade Federal de Sergipe, Campus Itabaiana, o qual dispõe de novas propostas de leitura na sala de aula. Essa pesquisa bibliográfica apresentou, como aporte teórico, as propostas de Santos e Silva (2017), Gomes e Santos (2017) e Mota e Ramalho (2017), que discutem sobre a importância da literatura no âmbito escolar. Tais orientações ressaltaram a importância do uso da leitura literária e suas modalidades como ferramentas no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, tal conduta educacional possibilita que o aluno desfrute da leitura de uma forma mais abrangente e interativa e, assim, contribua para a sua evolução como sujeito crítico e moral.

Palavras-chave: Formação Crítica. Leitura Literária e Multimodal. Letramento. Social.

ABSTRACT: For a student to make reading a social practice, it is essential that the school uses a didactic-pedagogical approach that dialogues with their life and communication experiences in order to keep them interested and committed to contemporary themes. Regarding this proposal, it is necessary to recognize the fundamental role of multiliteracy in training critical readers. In this sense, this work aims, based on literature and multimodal resources, to develop students' reading skills, so that they find, in reading, new ways of thinking and perceiving the world around them. To this end, we started from the analysis and joint discussion about the book "Teaching Language and Literature: textual genre and literacy", Section II – Literature and Multiliteracies, which is part of a research experience carried out by the Professional Master's Program in Literature (Profletras), from the Federal University of Sergipe, Campus Itabaiana, which offers new reading proposals in the classroom. This bibliographical research presented, as a theoretical contribution, the proposals of Santos and Silva (2017), Gomes and Santos (2017) and Mota and Ramalho (2017), which discuss the importance of literature in the school environment. Such guidelines highlighted the importance of using literary reading and its modalities as tools in the teaching-learning process. Furthermore, such educational conduct allows the student to enjoy reading in a more comprehensive and interactive way and, thus, contributes to their evolution as a critical and moral subject.

Keywords: Critical Training. Literary and Multimodal Reading. Literacy. Social.

A PRÁTICA DA LEITURA LITERÁRIA E MULTIMODAL PARA A FORMAÇÃO CRÍTICA DOS ALUNOS

Tálisson da Silva Oliveira

INTRODUÇÃO

Na propensão literal atual, tem-se a presença do letramento literário como prática social na formação de leitores críticos. Primordialmente, apresenta-se, em singular, particularidade com as múltiplas linguagens, as quais impulsionam-se através das novas dimensões tecnológicas. Trata-se, basicamente da estrutura de

explorar a leitura literária como meio de propagar um leitor crítico, seja através de livros físicos ou das multimodalidades existentes. Nos textos literários, a sondagem da leitura concretiza-se, por meio do enfoque imaginário e distrativo. Porém, a leitura de mundo: emocional, racional e sensorial, promovida pela literatura compõe-se como uma prática social de conhecimento, a qual relaciona-se com o sujeito leitor, haja vista, com as formas de letramento o qual integra-se e realiza-se, sob a composição significativa do leitor e o ambiente ao qual está inserido.

Diante disso, surge a necessidade de compreender o mundo, sendo imprescindivelmente associado por via do texto literário, o qual usufrui conhecimento e criticidade ao indivíduo leitor. Neste cenário, objetiva-se verificar as práticas de leituras, associadas as diversificadas fontes da linguagem na qual conecta a literatura e a cultura, mediante a afirmação sociocultural do leitor, elo que liga-se ao ensino-aprendizagem e a realidade sociocultural.

Diante dessa realidade, o estudo pesquisado deu-se através do artigo “Ensino de Língua e Literatura: gênero textual e letramento”, Seção II – Literatura e Multiletramentos, tendo como método de estudo a pesquisa bibliográfica, a qual configura-se estruturalmente a uma investigação teórica sobre literatura e as multimodalidades. Metodologicamente, esta abordagem, centra-se no reforço de propor a formação do leitor literário, ligando aspectos sociais e a aplicabilidade das multimodalidades presentes no cenário atual. Proposta, que é comitantemente apresentada no processo interpretativo e crítico do leitor. Ressaltando, dessa forma, a exploração subjetiva do leitor no trajeto peculiar do ensino-aprendizagem da literatura e da utilização das ferramentas dinâmicas nesse processo.

Para dialogar com a proposta, tem-se como fundamentações teóricas as discussões de Gomes e Santos (2017), Mota e Ramalho (2017) e Santos e Silva (2017). Advém ressaltar, portanto, que esse artigo traz reflexões sobre o letramento e as multimodalidades utilizadas nesse processo literário, possibilitando, assim, discussões importantes no contexto colaborativo da literatura como construtora de identidades.

FORMAÇÃO DE LEITORES NA ESCOLA: CAMINHOS PARA DESENVOLVER SENSO CRÍTICO EM ALUNOS

A formação inicial do indivíduo é muito importante, visto que tal procedimento determina seu posicionamento ao lidar com as questões sociais e afins. Diante desta ideia, este trabalho traz um assunto muito necessário que é o senso crítico associado à leitura literária como uma nova abordagem de ensino-aprendizagem para que, com isso, o aluno possa observar e absorver ideias relevantes e eficientes em sua formação como estudante e também como cidadão. Sobre essa relação, Santos e Silva afirma:

[...] que a leitura crítica, pressupõe a interação entre o texto e o leitor. Nessa perspectiva conciliatória, o ato de ler é uma atividade social, uma vez que o significado não trata apenas do que o texto e o leitor dizem apenas, mas sim, configura-se como resultados de convenções e de relações para com o outro que se encontra dentro e fora do texto. (SANTOS e SILVA, 2017, p. 76).

Diante disso, nota-se que a disposição de textos com o direcionamento para a criticidade é bastante necessária, pois o leitor trará para a sua leitura o seu contexto social, e não somente o que o texto transmite em si. Desta forma existe enormes possibilidades de interpretação do que se lê e, para isso, cada indivíduo que está praticando a leitura irá trazer seu íntimo para aquele texto lido. Além disso, a escola é uma das principais fontes para que se possa dispor de textos da literatura contendo assuntos importantes que levem ao interesse pela leitura.

Nos dias atuais, existem diversas maneiras de se ensinar as crianças sobre assuntos contemporâneos ou até mesmo aqueles que perduram de tempos passados, pois é de grande relevância que seja trazido a esse grupo de indivíduos, logo em seu início de formação, temas que são abordados com bastante frequência para que, assim, tenha-se uma noção maior e, portanto, seja criada sua própria opinião a respeito do que ocorre no seu cotidiano. Com isso, ligamos esse ensino de uma forma mais específica a literatura pois, “[...] a leitura literária se torna uma

importante ferramenta, uma prática social que deve, a princípio encontrar na escola o maior responsável, uma vez que nesse espaço o aluno tem um maior contato com o mundo da leitura.” (SANTOS e SILVA, 2017, p. 76). Diante disso, é necessário destacar o papel da escola na vida do estudante, visto que esse está em busca de conhecimentos e, com isso, essa instituição deve apresentá-lo, de forma prática, o ensino de conteúdos necessários para o conhecimento não somente de sua realidade, mas que também possibilite uma prática de leitura que norteie os próprios princípios determinantes de sua formação social.

Partindo da análise das múltiplas formas de letramentos, ou seja, de ler e escrever, um aluno precisa ter consciência das diversas formas de leitura, para que no momento do estudo e análise de um texto ele possa perceber as diversas maneiras de interpretação desse conteúdo como aponta Lonsdale e McCurry na seguinte declaração:

[...] letramento, letramentos, referem- se hoje a competências complexas voltadas para o processo de construção de sentidos, entendendo que é próprio desse processo social, capacitar os aprendizes a fazer sentido de ativamente se engajar com o seu mundo, aumentando, portanto, sua capacidade de influencia- lo. (LONSDALE E MCCURRY, 2004, p. 9 apud SANTOS e SILVA, 2017, p. 83).

Assim, esse estudo visa fazer o aluno se capacitar diante daquilo que o mesmo está lendo, para que ele entenda de maneira satisfatória o que está sendo abordado e, com isso, se envolva diante de tudo que ele observou e absorveu da sua prática de leitura. É importante destacar que o leitor de um texto traz consigo no seu interior as suas percepções de mundo acerca do assunto abordado e, assim, no momento em que se dispõe de algumas obras da literatura, as quais são significativas para o ensino, desfruta-se de novos entendimentos de mundo que o conduz para novas formas de pensar, que segundo Silva pode ser adquirida por meio da leitura crítica, visto que

há três formas básicas e leitura: a leitura mecânica, que é a habilidade de decodificar códigos e sinais; a leitura de mundo, predefinida por Paulo Freire, que consiste num processo contínuo até nosso campo; por fim a leitura crítica, que nos possibilita comparar com leituras anteriores, avaliar nossa postura ante o mundo, questionar, concluir, descobrir intenções. O leitor proficiente deve ser possuidor de uma competência comunicativa que incorpore conhecimento linguístico, percepção da interação do interlocutor e conhecimento pragmático. Deve portanto, criar sentidos e processar informações, construir textos verbais, orais e escritos e interagir verbalmente com seus pares, observando o texto numa situação real de comunicação. (SILVA, 2009, p. 23-25 apud GOMES; SANTOS, 2017, p. 108).

É aconselhável que essa abordagem didática ocorra aos poucos no ensino básico, pois para um aluno iniciante pode parecer incompreensível, mas com a aplicação de um ensino gradativo pode-se chegar a resultados convincentes. É inegável o quanto essas três maneiras de leitura compreendidas por Silva são bastante relevantes e mostram o quão é importante buscar entender um texto e sua produção para a formação crítica de um aluno, além de constituírem-se como novas formas de aprendizagem e absorção do que é ensinado em sala de aula pelo professor.

Nesse contexto, destaca-se o aluno que ao interpretar o texto, seja em sala de aula, seja em casa, certamente demonstrará com suas palavras um entendimento que diverge de um aluno que está em um ensino defasado, ou seja, que não dispõe de inovações pedagógicas. Desta forma, fomentar a prática da leitura é amplamente necessária e certamente a aprendizagem desse estudante com essa atividade será bastante satisfatória, pois ele não seria um leitor mecânico, o qual não se aprofunda no assunto de forma tão intensa, mas sim um receptor de conteúdo, que irá ajudá-lo na construção de suas opiniões e, isso, conseqüentemente, retomará a disposição pela

escrita vindo a expressar suas idéias, suas necessidades, seus planos, seus ensinamentos, os quais se firmaram não somente com a leitura em si, mas por meio dessa prática em ambiente escolar. Conforme Gomes:

Nessa proposta, valorizamos um leitor crítico e criativo, visto que ao lermos um texto podemos fazê-lo de várias maneiras. Atribuímos a ele nossos valores, nossas concepções vindas de nossas experiências ou oriundas das inserções do próprio texto. Essa subjetividade do leitor que envolve o ato de leitura/interpretação é fundamental para uma prática de leitura que promova a criatividade do leitor. (GOMES e SANTOS, 2017, p. 110).

Assim, destaca-se que é essencial a presença do texto em sala de aula para o estímulo da leitura e da escrita ao oferecer diversos conteúdos que irão abranger variados enfoques da sociedade, o que corrobora com a percepção de mundo do aluno e o capacita a desenvolver inúmeras habilidades de leitura por meio de questionamentos e de novas maneiras de se produzir o mesmo texto e, assim, registra-se um traço de originalidade de cada leitor.

Por fim, todo esse contexto de ensino-aprendizagem entre o aluno e a literatura irá não somente formá-lo para a vida acadêmica, mas também contribuir para a sua formação sociocultural, já que percebe-se no ato da leitura literária tudo aquilo que a vida dispõe: sentimentos, percepções, valores, etc. Sendo assim, ao desenvolver o senso crítico, o aluno fará uma exposição de suas idéias, pois ele será um sujeito sensível e seletivo e, com isso, terá discernimento para suas devidas e necessárias escolhas de vida. Vale ressaltar que esse enfoque na leitura literária não é somente pela oportunidade de compor novos trabalhos literários, mas que esse leitor/produzidor absorva conhecimento de mundo e com sua seletividade torne-se um cidadão melhor, pois existem muitas situações da vida que serão necessárias definir posições e condutas. Diante disso, o papel da literatura é fazer esse leitor ter contigo o poder de agir, opinar e discernir sobre qualquer tema a ser debatido.

Com isso, nota-se a importância da literatura na formação desse indivíduo, em especial, sua construção como crítico que nunca se omite, interessado pelos fatos da vida e pelos julgamentos que deles decorrem. "É a leitura literária a serviço da formação, não somente de leitores e produtores textuais, mas de cidadãos mais sensíveis e com capacidade de discernir que escolhas fazer em suas vidas diante da inegável presença do bem e do mal." (GOMES e SANTOS, 2017, p. 124).

O MULTILETRAMENTO COMO FERRAMENTA DE APOIO PEDAGÓGICO E INCENTIVO À LEITURA

A sociedade contemporânea define-se pelo fluxo constante de informações que podem ser representadas por um conjunto de signos visuais ou escritos capazes de transmitir uma mensagem. Nesse contexto diversificado do uso da linguagem, destaca-se o multiletramento ao englobar diversas vias de comunicação e colaborar para a formação do conhecimento. Essa inclusão de novos recursos linguísticos permite outras possibilidades de leitura e escrita, as quais Dionisio (2011) explica que a ideia de letramento como capacidade de ler e escrever não engloba todos os diferentes tipos de representação do conhecimento presentes em nossa sociedade. Hoje em dia, uma pessoa alfabetizada deve ser capaz de atribuir significado a mensagens provenientes de múltiplas formas de comunicação, além de conseguir produzir mensagens, incorporando várias formas de comunicação. A diversidade discursiva da escrita ainda é pouco pesquisada. Na sociedade contemporânea, além da prática de alfabetização na escrita e na linguagem verbal, é necessário também incorporar a prática de alfabetização na imagem e na linguagem visual. Portanto, precisamos falar em alfabetizações, no plural mesmo, pois a diversidade de formas de comunicação é um elemento essencial tanto na comunicação oral quanto escrita (Dionisio, 2011, p. 137-139).

Assim, aponta-se para a necessidade de um ensino que tenha como critério orientador a utilização de elementos audiovisuais a fim de dialogar com as práticas de comunicação adotadas pelo sujeito contemporâneo. Para tanto, exige-se ir além da leitura e escrita em si, mas também ser capaz de interpretar o uso de imagens e sons e, com isso, desenvolver novas competências de interpretação e leitura. Tem-se, então, o reconhecimento de novas formas de ler, escrever, compreender e acima de tudo de se expressar.

Com a implantação desses novos recursos multimodais a escola passa a ofertar múltiplas formas de ensino-

aprendizagem, sem assim se restringir a leitura propriamente dita. Trata-se de ferramentas digitais que permitem que os professores alterem e recriem o conteúdo apresentado em sala de aula conforme a linguagem do aluno para que assim ele venha ser cativado e encontre não só na leitura, mas também na escrita, duas práticas agradáveis de aprendizado. Portanto, a utilização de recursos tecnológicos e de comunicação digital como instrumentos de leitura e escrita não apenas estimula as aulas, mas também oferece aos estudantes oportunidades para aprimorar suas aptidões na compreensão e criação de textos, habilidades essenciais para os indivíduos da atualidade. (MOTA e RAMALHO, 2017, p. 99).

Com a diversificação das formas de leitura ampliam-se também os caminhos para a aprendizagem, uma vez que o indivíduo irá identificá-las e associá-las ao seu contexto comunicacional. Portanto, não basta apenas a leitura de uma obra literária, é necessário transformá-la na linguagem que interessa ao leitor, pois

[...] é preciso que tomemos a leitura literária como norte para o processo de ensino-aprendizagem, mas não mais nos moldes de práticas de leitura, tais como a conhecemos, pois não são mais suficientes para permitir aos estudantes participação nas várias práticas sociais que a leitura exige hoje. (MOTA e RAMALHO, 2017, p. 91).

Tal conduta didática revela muito sobre a conjuntura de cada aluno e por meio da sua associação com outros letramentos permite que o mesmo se engaje sobre o conteúdo abordado, ao perceber as diferentes maneiras de representá-lo, seja visualmente, seja de forma escrita. Assim, ao trazer novos retratos de um texto, rompe-se com os seus significados originais, amplia-se os espaços de discussão e infere-se sobre novos conceitos. Segundo Mota e Ramalho:

[...] cotejar literatura e linguagem audiovisual, na escola, é tornar próximas práticas culturais mais espontâneas e prazerosas, porque estão intensamente relacionadas com hábitos cotidianos dos jovens na contemporaneidade, com práticas culturais mais apreciadas e mais legitimadas pela escola. Desse modo, ao passo que ouvimos nossos alunos, participamos de seus costumes e práticas, também podemos conduzi-los ao contato com obras da literatura. (MOTA e RAMALHO, 2017, p. 92).

Vê-se que a aplicação do multiletramento abrange muito mais que os modernos meios de linguagem que são utilizados pelos estudantes, pois dele também decorre a pluralidade cultural e social dos alunos. Nesse sentido, a escola configura-se como um espaço convidativo para o exercício da leitura em toda a sua dimensão e, por isso

Faz-se necessária a inclusão da escola nessa conjuntura tecnológica inerente à sociedade contemporânea, para que possamos prover a demanda de interesses de nossos alunos, os quais pertencem a este contexto, em que a informação se propaga vertiginosamente por meio de textos multimodais. (MOTA e RAMALHO, 2017, p. 92).

Tal constatação retrata o processo interacional do indivíduo contemporâneo que vive sobre constante acesso e recepção de informações que se estruturam por meio de diversas simbologias, o que leva a repensar a didática adotada pela instituição educacional, pois como disse Rojo (2013) atualmente, não é suficiente apenas ler o texto escrito em palavras - é necessário relacioná-lo com outros tipos de linguagem, como imagens estáticas, imagens em movimento e sem fala (Rojo, 2013, p. 20).

Portanto, é preciso que a escola se adeque a essa nova exigência e usufrua cada vez mais desses recursos tecnológicos na forma de aulas expositivas-interativas, adaptações cinematográficas e vídeos explicativos. Sobre eles, é interessante que a escola venha tratá-los não somente como recursos de comunicação, mas também como meios de ensino capazes de transmitir e transformar crenças e valores. Como resultado, a escola dispõe de sons e imagens carregados de significados e que tendem a ser ressignificados de acordo com a visão

Nesse ponto de vista, conclui-se que o conhecimento e a vida pessoal são essenciais para englobar as existentes disparidades culturais. Além disso, convém ressaltar que “É preciso, pois, instigar na escola a competência da recepção e da produção, considerando a força expressiva da literatura, assim como nossa própria força de expressão. Língua e literatura constituem parte imprescindíveis às aulas de Língua Portuguesa”. (GOMES e SANTOS, 2017, p. 108). Caso contrário, haverá barreiras pessoais e, conseqüentemente, dificultará a perseverança de interpretar o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura une espaços e épocas distantes entre si, possibilita o contato com outras formas de pensar, se apresenta sobre diversos formatos e, acima de tudo, proporciona conhecimento e reflexão. Com essas propriedades, ela torna-se uma poderosa ferramenta de ensino-aprendizagem tanto do ponto de vista pedagógico como também para a vida social do indivíduo. Para chegar a tal entendimento, recorreu-se a leitura e discussão do artigo “Ensino de língua e Literatura: gênero textual e letramento”, Seção II – Literatura e Multiletramentos. Diante das propostas discutidas sobre o uso da leitura e seus benefícios, verificou-se a necessidade de conciliar os aspectos externos da vida do aluno, como fatores sociais e culturais, com o exercício de leitura, já que tal abordagem permite para o leitor uma melhor compreensão e identificação com o conteúdo e serve de orientação para aquilo que deve ser trabalhado na sala de aula. Entretanto, sem esse direcionamento, foi notado que a leitura não é assimilada e, portanto, não contribui para o desenvolvimento de uma postura interativa e nem provoca o envolvimento do sujeito com as temáticas sociais.

A discussão do tema também apontou para o uso conjugado de múltiplas formas de letramento a fim de expandir o contato do aluno com a leitura. Tal necessidade dialoga com as novas maneiras de ler e representar o mundo, uma vez que correspondem as formas de interação contemporâneas. Sobre a apropriação desses novos mecanismos na escola é observada que se realiza pela exploração de recursos audiovisuais, os quais promovem um maior interesse dos alunos sobre o assunto apresentado, além de oferecerem um novo olhar para quem assiste.

Também foi proposto a prática da leitura como ferramenta representativa de um indivíduo e, sobre isso, mostrou-se que o uso de obras literárias que representam seus costumes e valores contribuem para o fortalecimento do seu vínculo cultural e para sua autopercepção enquanto sujeito social.

Assim, diante dos conceitos teóricos abordados, deduziu-se que o uso da leitura na escola vinculado ao universo sociocultural dos alunos, colabora para a formação crítica do estudante, visto que lança sobre este novas propostas de leitura e percepção do mundo ao seu redor, além de se apresentar como um poderoso recurso no processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, José Ricardo de; REIS, Mariléia Silva dos; SANTOS, Jeane de Cássia Nascimento. Ensino de língua e literatura: gênero textual e letramento. – Aracaju: Criação, 2017; Itabaiana: Profletras, 2017. Seção 2, p. 73-128.

DIONISIO, A. P. Gêneros Textuais e Multimodalidade. In: KARWOSKI, A. M. et al. (Org.). Gêneros textuais: reflexões e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p.137-152.

MOTA, Sara Maria Fonseca da; RAMALHO, Christina Bielinski. A retextualização e o conto na sala de aula. In: CARVALHO, José Ricardo de; REIS, Mariléia Silva dos; SANTOS, Jeane de Cássia Nascimento. José Ricardo de Carvalho; Mariléia Silva dos Reis (Orgs.). Ensino de língua e literatura: gênero textual e letramento. Aracaju: Criação, 2017; Itabaiana: Profletras, 2017.

ROJO, R. Gêneros discursivos do círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: ROJO, R. (Org.). Escola conectada: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013. p. 13-36.

SANTOS, Jeane de Cássia Nascimento; SILVA, Isabel Carvalho da. Uma proposta de letramento literário para a literatura afro-brasileira. In: CARVALHO, José Ricardo de; REIS, Mariléia Silva dos; SANTOS, Jeane de Cássia Nascimento. José Ricardo de Carvalho; Mariléia Silva dos Reis (Orgs.). Ensino de língua e literatura: gênero textual e letramento. Aracaju: Criação, 2017; Itabaiana: Profletras, 2017.

SANTOS, Wellington; GOMES, Carlos Magno. Leitura dos contos de fadas: uma prática de reescrita. In: CARVALHO, José Ricardo de; REIS, Mariléia Silva dos; SANTOS, Jeane de Cássia Nascimento. José Ricardo de Carvalho; Mariléia Silva dos Reis (Orgs.). Ensino de língua e literatura: gênero textual e letramento. Aracaju: Criação, 2017; Itabaiana: Profletras, 2017.

Tálisson da Silva Oliveira é graduando em Letras-Língua Portuguesa em Pedagogia e pós-graduando em Letras: Português e Literatura. Escritor, pesquisador, virginiano e apaixonado por livros e literatura.

The use of recyclable material as a teaching tool at Maria Tereza de Jesus Castro Teles school in Buriti dos Lopes city 2017

Telma Maria da Conceição[1]

Bruno Carvalho dos Santos[2]

RESUMO

Reciclar é reutilizar o que não tem mais utilidade, transformando então algo velho em novo. Com o material reciclável é possível fazer maravilhosos e eficazes materiais pedagógicos de modo que haja pouco gasto e um sólido processo e ensino-aprendizagem das crianças. O planeta precisa de mais práticas voltadas para sua proteção e as crianças necessitam conhecer desde cedo que a maioria das coisas são reaproveitáveis e também geram lucros. O objetivo deste artigo é expor a importância do uso de material reciclável para construção de material pedagógico, nas turmas de 3º ano “A” e “B” Manhã e 3º “U” Tarde do Ensino Fundamental menor. Para isto usou-se artigos relevantes sobre o tema e foi aplicado na sala de aula um jogo da velha reciclado, utilizando tampinhas de garrafa pet e EVA e ainda dois brinquedos de garrafa pet: bilboquê e cestinha, mostrando assim, que todas as partes da garrafa pet é reaproveitável. Com os brinquedos percebeu-se que eles chamam a atenção dos alunos e ao mesmo tempo educam. Fazendo também com que despertem neles a consciência pela preservação do planeta.

Palavras-chave: Ensino; meio ambiente; reciclagem.

ABSTRACT

Recycling is reusing what there is no more useful, and converting something old into something new using the recycled materials is possible to make marvelous and effective pedagogical materials with low cost and a concrete teaching learning process of children. The planet needs more practices for its protection and children need to know that majority of things are reusable and they also generate more profits. The purpose of this paper is to exhibit the importance of the use of reusable material for construction of pedagogical material in the third year A, B and U of elementary school. For this, it was used relevant papers about the theme and it was applied in the classroom a recyclable tic- tac- toe using pet bottle caps, Eva and two bottles toys: bilboquê and cestinha showing that the parts of the pet bottles are reusable and with the toys, it was perceptible that they draw attention of students, discipline and awaken the conscience for the preservation of nature.

Keywords: Teaching; Environment; Recycling.

INTRODUÇÃO

O material reciclável constitui uma excelente ferramenta de ensino no processo de aprendizagem do aluno, uma vez que por diversas circunstâncias não é possível adquirir o brinquedo ou jogo desejado, além de despertar nas crianças a consciência de que tudo é reutilizável e possível de ser transformada em brinquedos e jogos para facilitar a aprendizagem deles.

A questão ambiental é um assunto bastante preocupante, pois suas consequências afetam toda a humanidade. Ensinar desde cedo as crianças a importância de se reutilizar e reciclar bem como, reduzir (3 Rs da sustentabilidade) é de suma importância para que eles aprendam que é necessário fazer isso para a proteção do planeta.

O meio ambiente vive tempos de agonia e pranto, devido as práticas destrutivas do homem, que polui, corta as árvores, queima e nada faz para proteger a natureza. As consequências são visíveis e apesar de tanta informação o homem insiste em continuar seu caminho rumo a ganância e destruição do meio. E a arma mais poderosa para mudar esses pensamentos é a educação, mais exatamente a educação ambiental, para que desperte em todos a consciência de que o meio ambiente precisa ser cuidado e preservado. E quando essa educação começa pela base, pelas crianças o resultado é mais satisfatório e positivo.

A poluição surgiu concomitantemente ao surgimento do homem, mas foi a partir da Revolução industrial, onde houve a grande migração do homem do campo para a zona urbana que os impactos ambientais se agravaram, principalmente o problema do lixo (LOPES; NUNES, 2010, p.88).

A reciclagem constitui o processo na qual se aproveita algo transformando algo em uma nova coisa, segundo o dicionário de Ferreira,

“Reciclar :v.t.d 1. Fazer passar por novo ciclo.2. reaproveitar (material já utilizado, como papel, vidro, metal, lixo) na obtenção ou fabricação de novos produtos. 3. Submeter a reciclagem (2). (2). P.4. Passar por reciclagem (2). (FERREIRA,2001, p.586.)”

A necessidade de reciclar aconteceu devido os benefícios que a reciclagem proporcionava para o planeta. A reciclagem é debatida como solução para o problema do lixo, porém para que ocorra de fato é necessário que haja efetivamente uma educação e uma conscientização ambiental. (ARAÚJO et al, 2015, p.3).

Este trabalho tem como objetivo geral expor a importância do uso de material reciclável para construção de material pedagógico na educação de crianças que estão na fase inicial de seu ciclo de ensino. Os objetivos específicos são: explicar para os alunos o porquê da reciclagem e sua relevância para o planeta. Levar os alunos a distinguir o que é reciclável do que não é. Confeccionar com os alunos brinquedos com material reciclável.

O material reciclável é uma ótima fonte de renda além de proporcionar infinitos materiais maravilhosos que auxiliam bastante no processo de ensino- aprendizagem. Desta forma a questão ambiental é melhorada quanto aos aspectos do lixo que se torna menor, diminuindo, portanto, também os problemas causados por ele. Problemas, aliás, que rodeia o ser humano desde a revolução industrial, momento em houve um agravamento dos impactos ambientais.

METODOLOGIA

O projeto foi aplicado na Escola Municipal de Primeiro e Segundo Grau Maria Teresa de Jesus Castro Teles no mês de Abril de 2017, na cidade de Buriti dos Lopes. Os alunos envolvidos foram os alunos da 3ª série A e B do turno Manhã e 3ª série Único do Turno da tarde.

Este trabalho é de cunho qualitativo, ou seja, não envolve números e a fonte de pesquisa é 12 artigos relevantes sobre o tema, como ARAÚJO et al 2015; LOPES, NUNES, 2010, etc. Foi confeccionado um jogo da velha reciclado, utilizando tampinhas de garrafa pet e EVA e um brinquedo bilboquê e cestinha de garrafa pet.

No primeiro momento houve explicações sobre lixo, reciclagem, coleta seletiva de lixo, desenvolvimento sustentável, exposição de cartazes sobre os assuntos citados anteriormente, atividade de fixação sobre as cores da coleta seletiva de lixo. Na escola tem os depósitos com as cores separadas dos tipos de lixo e eles se dirigiram até os depósitos para os analisarem, depois brincaram com o jogo da velha e no segundo momento houve confecção do brinquedo.

A sala foi dividida em quatro grupos, todos os integrantes brincaram. O vencedor é quem tiver ganhado mais vezes.

Os materiais utilizados foram: EVA na cor azul, rosa, preta e laranja; tampinhas de garrafa pet; tesoura; cola quente e pequenos detalhes como corações, estrelinhas, flores para serem coladas nas tampas. Foram feitas sacolinhas onde as tampinhas foram guardadas e onde o jogo ocorria. Para fazer a sacolinha foi recortado um retângulo de 25x20 cm no EVA. Para a alça foi cortada uma tira de 25x3 cm e 9 plaquinhas de 5x5 cm para montar o tabuleiro do jogo. Várias tirinhas foram cortadas e coladas ao redor das tampinhas de garrafa de plástico flexível e depois é que se colou os aspectos diferenciais.

DISCUSSÃO

A tecnologia trouxe com seu desenvolvimento muitos jogos, porém além de nem todas as crianças terem acesso, ela não é rica em criatividade e não estimula o raciocínio lógico e tampouco faz com que as crianças interajam uma com a outra, sendo, portanto, importante a participação do professor para que a criança tenha acesso a jogos criativos que favoreçam seu desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo, pois o jogo tem essa especificidade, desenvolver a criança. (MARCOLLAN; EVANGELISTA, 2015, p.1-2)

De acordo com a Revista Época (2007) os ambientalistas advertem que é importante diminuir a quantidade de lixo produzido e despertar para os problemas gerados por esse problema, bem como refletir as prováveis consequências desta prática. É importante conscientizar o maior número de pessoas para que juntas ajam conjuntamente para a preservação do meio ambiente e das futuras gerações. Mostrar as possibilidades de reutilização dos materiais recicláveis é uma maneira de mudar a postura da população com relação ao lixo. (BERTOLLETI, 2009 p.3961).

Consciência de Educação Ambiental

A educação ambiental é um processo na qual o aluno obtém conhecimentos sobre as questões ambientais, despertando nele uma nova visão sobre o meio ambiente, tornando-o um agente transformador com relação a conservação ambiental. Ele também defende a ideia de que a Educação Ambiental é importante em todos os níveis de escolaridade, principalmente nos anos iniciais de escolarização, pois a conscientização se torna mais fácil quando é destinada a crianças, uma vez que elas escutam e colocam em prática o que aprendem. (MEDEIROS. et al., 2011, p.1).

A educação Ambiental aparece como uma forma alternada na criação de valores relacionados ao meio ambiente onde a mudança ambiental é influenciada pela mudança cultural e essa “cultura” é a mediação entre o homem e a natureza e deste modo, são os valores culturais que ficam no centro na dinâmica pedagógica da

Educação ambiental. (LAYRARGUES, 2006 apud CRUZ et al 2011, p.2)

A educação ambiental emergiu tanto de uma educação informal como a de uma formal que visa fazer com que as pessoas se conscientizem sobre a situação do planeta. A educação formal prepara para o aprendizado, para respeitar a natureza, o próximo, aprender a ser ético, viver grupalmente. A educação atualmente pode ser o rumo que conduzira ao futuro para os próximos indivíduos. (OLIVEIRA et al 2012, p.2)

Para que haja uma consciência sólida de educação ambiental seria necessário haver uma disciplina específica para tal ato.

Educação Ambiental no âmbito escolar deve ser tratada como científica, ou seja, deve ser uma disciplina que atue separadamente de outras, pois hoje é tida como um tema transversal e que muitas vezes se torna esquecido, devido ao fato de os educandos ficarem presos aos conteúdos que lhes são estabelecidos e que na maioria das vezes são tão extensos que o mesmo não consegue concluí-los até o fim do ano letivo, e muitos professores não se sentem na obrigação da aplicação de um tema transversal, embora este seja de extrema importância. (CUBA, 2010, p.24)

O autor a cima defende a ideia de que na escola deveria se trabalhar com uma disciplina específica sobre educação ambiental, que diferentemente do tema transversal não seria esquecido, uma vez que se trata de algo presente no cotidiano dos alunos.

A Educação Ambiental na escola pode sensibilizar os alunos para reduzir o consumismo exagerado e redução, portanto do lixo. Além do mais a educação ambiental pode esclarecer para o corpo escolar o quanto importante é reciclar reutilizar materiais. Assim a EA pode mudar o ponto de vista aos comportamentos na administração de resíduos sólidos. (CRUZ et al 2011, p.3)

A Educação ambiental possui muitas finalidades, uma delas é:

Despertar a preocupação individual e coletiva para a questão ambiental com uma linguagem de fácil entendimento que contribui para que o indivíduo e a coletividade construam valores sociais, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente. Assim, torna-se necessário mudar o comportamento do homem com relação à natureza, com o objetivo de atender às necessidades ativas e futuras, no sentido de promover um modelo de desenvolvimento sustentável. (DIAS, 1992 apud SOARES et al, 2007, p.5)

A citação a cima fala de um dos intuitos da educação ambiental que é fazer com que as pessoas sozinhas ou em grupos se preocupem com a questão ambiental e para que este elo seja feito tem que ter uma linguagem que possa ser facilmente compreendida para então serem construídos valores sociais, comportamentais e capacidades para que haja preservação do meio ambiente. E para que isto ocorra é necessário que o homem mude seu comportamento a fim de possibilitar um desenvolvimento sustentável.

A percepção ambiental é uma forma de perceber o meio ambiente e pode ser desenvolvida através dos órgãos dos sentidos, fazendo com que em cada indivíduo ocorra de forma diferente, pois cada indivíduo é diferente (RIBEIRO 2003 apud OLIVEIRA, CORONA, 2011, p.64).

A Educação Ambiental no âmbito escolar tem uma enorme importância, tendo um papel de conscientizar:

A educação ambiental nas escolas contribui para a formação de cidadãos conscientes, aptos para decidirem e atuarem na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade. Para isso, é importante que, mais do que informações e conceitos, a escola se disponha a trabalhar com atitudes, com formação de valores e com mais ações práticas do que teóricas para que o aluno possa aprender a amar, respeitar e praticar ações voltadas à conservação ambiental. (MEDEIROS, et al.; 2011, p.2-3)

Na citação a cima, Medeiros diz que a educação ambiental nas escolas conscientiza os alunos, de forma a torna-los cidadãos atuantes na sociedade, comprometidos em defender a natureza. Mas para que isso ocorra de fato é necessário que a escola trabalhe menos com teorias e mais com práticas, como por exemplo, como falar de natureza se os alunos não estiverem na presença do verde das folhas, do vento, de borboletas e barulhos de pássaros? É com essas atitudes práticas é que a crianças aprendem de fato o verdadeiro sentido da educação ambiental.

Reciclagem na Educação Infantil

Todas as pessoas são responsáveis pela geração de lixo, pois ele tornou-se um problema que é do interesse de todos e não se tem a consciência da imensa responsabilidade em ir atrás de resolver estes problemas. Neste sentido, a reciclagem surge para minimizar os problemas do lixo causado pelo homem reaproveitando assim, os materiais possíveis de serem reaproveitáveis (OLIVEIRA et al 2012, p.2).

A reciclagem faz parte da vida ela é um processo que existe para ajudar o ser humano:

Os animais, quando morrem, assim como as folhas que caem das árvores, passam pelo processo de reciclagem da natureza. Todas as plantas e animais mortos apodrecem e se decompõem. São destruídos por larvas, minhocas, bactérias e fungos, e os elementos químicos e nutrientes que eles contêm voltam à terra. É um processo natural de reutilização de matérias. Enquanto a natureza se mostra eficiente em reaproveitamento e reciclagem, os homens o são em produção de resíduos sólidos. Os ciclos naturais de decomposição e reciclagem da matéria podem aproveitar os resíduos gerados pelo ser humano. Contudo, uma grande quantidade deste sobrecarrega o sistema. O problema agrava-se porque muitas das substâncias manufaturadas pelo homem não são biodegradáveis (JAMES, 1997 apud SOARES et al, 2007, p. 5).

A reciclagem na natureza é contínua e o texto acima fala desta relação reciclagem- natureza que flui perfeitamente seguindo a órbita do equilíbrio ecológico. E o homem assim como a natureza deveria seguir este ritmo, fazendo de certa forma ajudando na formação de uma sobrecarga de resíduos sobre o sistema e isto não é bom, tendo em vista que as substancias fabricadas pelos homens não são biodegradáveis.

Nos últimos tempos a reciclagem tornou-se um foco nas sociedades e estimular nas crianças essa consciência nos primeiros aprendizados é essencial. Uma das maneiras de fazer isso é brincando: um brinquedo produzido com material reciclável desperta a criatividade, a curiosidade e ainda as habilidades das crianças, sem deixar de lado, a conscientização ambiental, que traz mudanças comportamentais após

o processo perpetuando até a fase adulta (DIAS, 2016, p.1)

Diante das agressões que o planeta vem sofrendo e do acúmulo de lixo em locais inapropriados e terrenos baldios constata-se a importância de sensibilizar e conscientizar as crianças e seus pais sobre como se separar lixo e fazer a reutilização de materiais recicláveis construindo jogos e brinquedos. (ALVES et, 2012, p.1)

O Conceito de reciclagem é explicado um pouco logo abaixo onde diz que:

Reduzir- reduzir a quantidade de recursos e de resíduos, consumido de maneira racional e consciente. Reutilizar- reusar produtos em sua forma original em outras tarefas e/ou funções ou ainda criar novas formas de utilização para determinados produtos. Reciclar- é o processo de reuso, porém, feito por empresas especializadas e utilizando recursos tecnológicos. é uma forma de fazer novos produtos a partir de produtos usados, de maneira a consumir menos recursos naturais. (VIZENTIM; FRANCO, 2010, p.44 apud OLIVEIRA et al 2012,p.16)

A reciclagem pode ser uma alternativa para tentar reverter os efeitos causados pelo aquecimento global, pelo menos minimizar, uma vez que a reutilização de materiais que estavam destinados a ir para o lixo, nos aterros sanitários é importante para pequenas e grandes indústrias que tem nos materiais recicláveis um preço menor e também para quem preserva o meio ambiente e quer uma boa qualidade de vida (BERTOLLETI, 2009 p.3960).

Mas como em várias cidades ainda não tem um projeto para um aproveitamento e coleta correta do lixo, pode-se iniciar pela escola conscientizando os alunos da importância de reciclar os lixos, que através destes podem construir jogos e brinquedos, levando-os a entender que não existe somente os brinquedos comercializados, mas com uma boa seleção de materiais pode-se confeccionar brinquedos pedagógicos de qualidade e, como todo material confeccionado de forma construtiva pelo aluno tende a despertar nas crianças novos interesses não somente na educação infantil mas em qualquer ano de aprendizagem. Quando o aluno se conscientiza que é possível fazer brinquedos e transformar materiais recicláveis em algo que as interessa, remete a elas um reconhecimento de suas potencialidades desenvolvidas. (MARCOLLAN; EVANGELISTA, 2015, p.5)

O texto a cima fala da reciclagem que em algumas cidades ainda não possuem uma coleta eficiente, deste modo é conveniente ir ensinando às crianças a importância de reciclar e como exemplo, pode ser feito jogos e brinquedos. Esta atitude desperta nos alunos novos interesses que podem se estender a qualquer ano da aprendizagem.

Alguns autores também se referem aos materiais recicláveis como sucata, sugerindo ao termo a mesma ideia. Nesta visão sucata é qualquer coisa que não tem mais um uso original, é algo que se quebrou, que não tem mais nenhum significado aparente nem serve mais, porém serve para outras coisas, como brincar, reaproveitar. (MACHADO, 1994, p.67 apud LIMA, 2011, p.57).

A reciclagem é uma solução para acabar com os resíduos sólidos na natureza e já solucionou muitas dificuldades causadas pela inadequada distribuição de lixo e pela enorme quantidade que foi criada. (EDUCAÇÃO, 2005 apud SOARES et al, 2007, p.5)

Material Pedagógico de Material Reciclável

Os recursos pedagógicos tem a finalidade de fazer crescer a criatividade deixando o aluno participativo cognitivamente, de modo que sem esta incitação torna limitado o desenrolar do desenvolvimento da criança. (MARCOLLAN; EVANGELISTA, 2015, p.3).

Tendo em vista que o material reciclável tem Ns finalidades, a de material pedagógico constitui uma excelente ferramenta para ensinar e melhorar as aulas tornando-as mais atrativas e interessantes.

Visto que o processo de ensino deve está articulado a realidade social, que a função da escola é garantir a aprendizagem de conhecimentos acumulados pela humanidade, preparar cidadãos para a vida em sociedade, que constantemente vivencia mudanças culturais, e que muitas vezes o professor se depara com a falta de material pedagógico, estão implícitas a necessidade do professor de se apropriar de novas habilidades a de criar e, buscar alternativas criativas para auxiliá-lo no ensino, a elaboração de instrumentos pedagógicos com materiais reciclável é um meio econômico e criativo, contribui com o meio ambiente reutilizando sucatas que antes seriam descartados na natureza proporcionando ao aluno uma aprendizagem lúdica e significativa. Assim sendo a aprendizagem tão importante para o desenvolvimento social do aluno, o jogo constitui um componente promotor do desenvolvimento cognitivo e social. Mas que uma ferramenta pedagógica o jogo é um instrumento que desperta a alegria, pois a criança que joga, antes de qualquer outro objetivo, brinca porque o diverte, e dessa diversão surge à aprendizagem (MARCOLLAN; EVANGELISTA, 2015, p.2).

Com isso, o modo como se ensina deve estar inserida com a realidade social do aluno e que o professor deve buscar meios para que seu processo de ensino ocorra, ou seja, na falta de material pedagógico ele deve produzi-lo, pois é uma forma econômica e lúdica de ensinar um conteúdo e o jogo é um excelente meio para gerar aprendizagem.

A flexibilidade do processo educativo é favorecida por meio do ensino com sucata, que é tarefa desafiadora, pois é possível trabalhar as características próprias de cada material, (visto que há as sucatas naturais e as industrializadas) de forma individual ou aglomerados com outros para a criação de objetos diversos. Como recurso didático a sucata exige criatividade, sensibilidade e uma percepção apurada quanto à determinados aspectos: cor, textura, tamanho, etc. (LIMA, 2011, p.60).

A sucata é um material riquíssimo, pois ele tem a capacidade de se transformar e a criança quando brinca se reinventa. São extremamente significativas as coisas que elas aprendem apenas brincando e podem escolher o material que brincam deixando que este seja uma expressão do meio em que está inserida. (MACHADO 1995 apud SOSSELA et al, 2012, p.06)

Na escola a confecção de brinquedo com material reciclável vai muito além do que divertir e possibilitar momentos agradáveis, pode também criar um vínculo entre comunidade, alunos e professores (BERTOLLETI, 2009, p.3963).

O brinquedo sucata possibilita a quem brinca uma nova forma de descobri-lo e um novo significado também, em razão de que o próprio possui muitos significados, que não estão tão claros. (PACHECO et al 2009 apud SOSSELA et al, 2012, p.06).

Existem muitos materiais pedagógicos e de acordo com este contexto surge o jogo, mecanismo propício para muitos aprendizados. O jogo faz com que as crianças aprendam de forma lúdica, onde o mundo da fantasia se transforma em real. (MARCOLLAN; EVANGELISTA, 2015, p.3)

RESULTADOS

Artes para os alunos significa um mundo mágico no qual suas criatividade ganham vida e forma, foi assim durante o processo de confecção dos brinquedos. Cada aluno trabalhou em equipe e suas criatividade e seus imaginários foram estimulados.

O resultado da prática aplicado sobre o jogo da velha reciclado e da construção de brinquedos com garrafa pet foi bastante proveitoso, pois houve assimilação das cores dos depósitos de lixo, souberam pintar, ligar e memorizam. Gostaram e se divertiram muito com o jogo da velha reciclado.

Os resultados esperados foram positivos, pois houve o envolvimento de todos durante as confecções dos brinquedos e ainda seu desenvolvimento, que com todo o processo estavam aguçando o cognitivo e usando os materiais recicláveis que eram conhecidos por eles.

Com a explicação sobre o meio ambiente os alunos puderam entender e conhecer mais sobre o meio ambiente. Deram exemplos e questionaram o porquê de alguns acontecimentos.

Já possuía um conhecimento prévio sobre coleta seletiva de lixo, o que facilitou a explicação. Fizeram questão de fazer as filas para poderem analisar de perto os depósitos de separação do lixo que possui no colégio.

Na hora da confecção houve o trabalho coletivo onde havia uma cooperação mútua para finalização dos brinquedos para que pudessem brincar logo.

Os objetivos propostos foram alcançados, uma vez que houve uma explicação sobre a importância da reciclagem para o planeta; a distinção entre o que é e o que não é material reciclável e ainda a confecção dos brinquedos que foram levados para casa deles.

Com esta prática comprova-se que é de fato possível utilizar material pedagógico de reciclagem na aprendizagem dos alunos e essa prática é proveitosa e eficaz.

Com certeza os alunos irão gostar bastante, pois além do prazer da aprendizagem eles estão aprendendo um meio rentável de lucros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje o consumismo exacerbado que tem o intuito de gerar lixo cada vez mais lança no meio ambiente resíduo poluente que degradam a natureza. Mesmo sabendo dos problemas que o lixo causa o homem insiste em descartar de maneira errada o lixo. E a solução que algumas pessoas do meio da educação viram foi transformar os materiais recicláveis em material pedagógico para ajudar no processo de ensino- aprendizagem, de modo que o aluno é Ativo neste processo todo.

Diante da atual questão ambiental deve-se pensar em todos os aspectos soluções para melhorar tal situação. Na sala de aula uma ótima maneira é levar a questão ambiental para o mundo dos alunos, fazendo-os cientes de tudo o que está acontecendo e ensinando os devidos passos que devem ser seguidos para as nossas florestas não morrerem.

Para isso, como autores defendem, seria necessária haver uma disciplina especificamente relacionada à educação ambiental para então poder dar o norte, os preceitos e principais cuidados que se deve ter com o meio ambiente, visando então, alertar os estudantes, deixando-os sabedores dos problemas que o lixo causa.

A questão do lixo deve e pode ser ensinado que tem como de certa forma reverter, no caso, a reciclagem, solução simples, barata e que gera lucros.

Em meio à era digital, mundo globalizado, em que as relações com a internet estão cada vez mais afloradas e renovadoras, deve-se deixar espaço para o material reciclável e o que pode ser feito com ele, como por exemplo, o uso de material pedagógico, que é prático, fácil e barato. É certo que de vez em quando é bom renovar as aulas com o uso de computador, mas não se pode esquecer o meio ambiente, pois é por meio de atitudes simples como estas que a situação é amenizada.

Despertar desde cedo nas crianças a consciência de educação ambiental é primordial para um bom trabalho sobre o assunto, uma vez que eles absorvem melhor e colocam em prática mais cedo. Isso por que estão em constante aprendizado e ora ou outra estão lembrando os pais sobre o que aprenderam.

Os materiais pedagógicos são muito importantes no processo de desenvolvimento da criança e o

professor não conseguiria ensinar somente com conteúdos. Ele precisa de um elo, este elo é o mundo pedagógico, que por meio da ludicidade dão mais cor e vida nas aulas.

O material pedagógico com material reciclável também tem a função de fortalecer vínculos entre os alunos, professores e a comunidade, uma vez que cria-se uma harmonia, uma ajuda recíproca entre eles, fazendo com que extrapole os limites da escola. A comunidade tendo acesso a este trabalho faz com que gere mais conhecimentos e conseqüentemente futuros lucros.

É importante ressaltar também que o uso de material reciclável faz com que as crianças desde cedo seja contra ao desperdício e a poluição do ambiente crescendo já com esta ideia em mente.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Terezinha Jaques et al. Reciclagem: educar para conscientizar. Ciência, Reflexividade e (In) certezas, 2012.

ARAÚJO, Mariana dos Santos Tavares. JORGE, Daniela Morais. PEREIRA, Tatiana Domingues. JOGOS E BRINQUEDOS COM SUCATA: RECICLAGEM. *Intr@Ciência Revista científica*. São Paulo, v.10,p.1-11, Dezembro de 2015. Disponível em: <<http://uniesp.provisorio.ws/fagu/revista/downloads/edicao102015/Artigo-4.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2017

BERTOLLETI, Vanessa Alves. A arte de construir brinquedos com materiais reutilizáveis. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. 26 a 29 de outubro de 2009. PUCPR. p. 3958-3967. Disponível em <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2783_1659.pdf> Acesso em: 06 Mai. 2017

CRUZ, Vanessa Rafaela Milhomem. ANTUNES, Adriana Maria. FARIA, Joana Cristina Neves de Menezes. Oficina de produção de materiais pedagógicos e lúdicos com reutilizáveis: uma proposta de educação ambiental no ensino de ciências e biologia. *Enciclopédia biosfera, centro científico conhecer - Goiânia*, vol.7, n.12; 2011. Disponível em: <<http://www.conhecer.org.br/enciclop/2011a/humanas/oficina%20de%20producao.pdf>> Acesso em:11. Set. 2017

CUBA, Marcos Antônio. Educação ambiental nas escolas. *Educação, Cultura e Comunicação*, v. 1, n. 2, p.23-31,Jul/Dez. 2010.

DIAS, Kaio Cassio Delmondes. A importância dos brinquedos pedagógicos feitos de sucata. *Trabalhos gratuitos*. Disponível em <<https://www.trabalhosgratuitos.com/Sociais-Aplicadas/Pedagogia/A-Import%C3%A2ncia-dos-Brinquedos-Pedag%C3%B3gicos-feitos-de-Sucata-1129975.html>> Acesso em : 02 Abr. 2017

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 586

LIMA, Maíra Barbosa de. *Sucata como Recurso Didático: Despertar da Imaginação e Criação na Infância*. Universidade de Brasília. Faculdade de Educação. Brasília-DF. Jul. 2011.

LOPES, Flávio Marques. NUNES, Andréia Neves. Reutilização de Materiais Recicláveis para incentivo à Educação Ambiental e auxílio ao ensino didático de ciências em um colégio estadual de Anápoles- GO. Revista de Educação. V. 13, n. 15. 2010

MARCOLLAN, Marli da Luz Padilha. EVANGELISTA, Poliana de Carvalho. Jogos Pedagógicos usando Material Reciclável: uma Ferramenta Indispensável no processo de Ensino e Aprendizagem. Nativa Revista de Ciências Sociais do Norte de Mato Grosso, v 4, n. 2 (2015)

MEDEIROS et al. A Importância da educação ambiental na escola nas séries iniciais. Revista Faculdade Montes Belos, v. 4, n. 1, set. 2011

OLIVEIRA, Kleber Andolfato de. CORONA. Hieda Maria Pagliosa. A percepção ambiental como ferramenta de propostas educativas e de políticas ambientais. Revista Científica ANAP Brasil, v. 1, n. 1, 2011.

OLIVEIRA, M. da S. et al. A importância da educação ambiental na escola e a reciclagem do lixo orgânico. Revista Científica Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas da EDUVAL, v. 5, n. 7, p. 1-20, 2012.

SOARES, Liliane Gadelha da Costa. SALGUEIRO, Alexandra Amorim; GAZINEU, Maria Helena Paranhos. Educação ambiental aplicada aos resíduos sólidos na cidade de Olinda, Pernambuco – um estudo de caso. Revista Ciências & Tecnologia. São Paulo, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: http://www.unicap.br/revistas/revista_e/artigo5.pdf Acesso em: 16.Set. 2017.

SOSSELA, Cláudia Roberta. SAGER, Fábio. PAHIM, Janaina Dantas de Paiva. MARCOLIN, Leticia. A importância do brinquedo sucata no desenvolvimento infantil. Psicologia. PT O portal dos Psicólogos. RS. 2012. Disponível em:< <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0308.pdf>>. Acesso em: 09.Set. 2017

Nome= Telma Maria da Conceição

Cidade = Buriti dos Lopes-PI

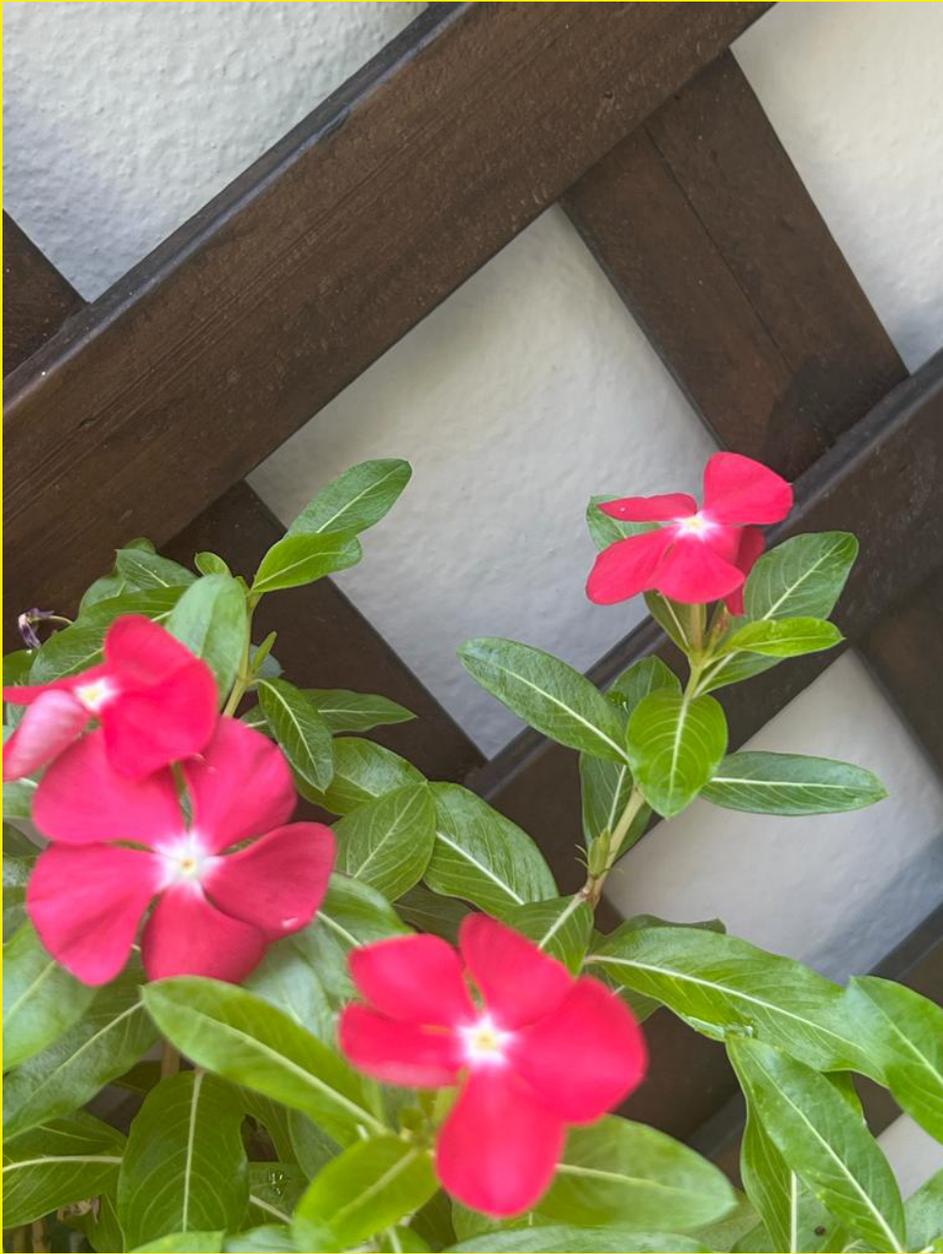
Email = telmabio92@gmail

Especialista em Educação Infantil e Ensino de Ciências / Biologia (2021) com especialização em andamento em Ludopedagogia. Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI (2014) . Atualmente Acadêmica de Pedagogia ; artesã e Poetisa: Fez sua primeira poesia aos 11 anos, poema chamado Março. Teve um Relato de Experiência aceito pela Revista Fundamentos em Educação da Universidade Federal do Piauí (2015). Concurso Nacional Novos Poetas (2016) pela Editora Vivara, com o poema MÃE; XVI Concurso Nacional POEART de Literatura com POESIAS DE DESCULPAS E DISPERSOS (2016); Ebook *Mente Aberta: Evolução dos Pensamentos* (2016); *Vozes de Aço*. XVIII Antologia Poética de Diversos Autores. Homenagem à poeta Astrid Cabral. Poesia. Volta Redonda - RJ: Poe ART editora (2016). Coletânea *Poemar e Amar em Prosa e Verso- Ânsia da Paixão*, editora Fonte de Papel - SC (2017). 1º Concurso Literário de Poesia de Cocal - 6º lugar (2017) - Melhor lugar do Mundo. Concurso Nacional Novos Poetas –CNNP (2017) - Editora Vivara- *Corações de Pedra*. Antologia de Prosadores e Poetas Brasileiros Contemporâneos -Homenagem a Machado de Assis- (2017) - *Mistérios da Alma Humana*. IV Certamen Internacional de poesia “ Estado de Sitio”, México. I CERTAMEN INTERNACIONAL DE POESÍA, MICRORRELATO Y ARTE MOSAICO “AL PAPA FRANCISCO” -Argentina, CENTRO CULTURAL KEMKEM- 9º lugar(2017). Ebook -Antologia – Concurso Literário

Internacional Natureza – Gritos da Natureza (2018-2019) – Portugal. Poesia. Ebook Floresta de Ponta a Cabeça - Uberlândia -MG: Assis Editora -Poema Reflexão sobre a natureza (2020). I Concurso de Poesia de Buriti dos Lopes- 88 anos – Troféu Chica Belina – 4 ° Lugar (2021). Revista Inversos- 2023- Mulher; Revista SER Esta - Homenagem a Clarice Lispector- Macabea contemporânea- 2023. Membro Efetivo da Sociedade Piauiense de Poesia – SOPIPO. Só Poetisas- Super Mulher- Editora fonte de Papel – 2023.O outubro da Minha Infância- Nostalgia- Prelúdio- UICLAP- 2023. Noites de Dezembro – Contos de Natal e Reveillon.vol.1- Natal Para Sempre-Editora Fonte de Papel-2023. Natal em Versos- Editora Brecci books - Felicidade Natalina -2023. ELAS – Seleção de 60 Poetisas Contemporâneas- Batalhadora - Editora Brecci books- 2024. PETS na Poesia – Amizades Improváveis e eternas. Vol. 1 . Editora Fonte de Papel- 2024. Organizadora da Coletânea – Poesias da Fonte Esquecida- editora Fonte de Papel- 2024.

[1] Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Piauí- UESPI, pós-graduanda em Educação Infantil pela Faculdade Evolução.

[2] Graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Piauí - UFPI, Especialista em Direito Previdenciário pela Faculdade Evolução, Professor do ensino fundamental no município de Luís Correia e Mestrando em Derecho pela Universidad Unisal, San Lorenzo, PY.



Colunistas

Una noche con Cortázar

Márcia batista Ramos

Mis anteojos se cayeron al suelo no escuché ruido cuando chocaron con las baldosas, se hicieron añicos y recordé la Historia Verídica de Cortázar, después, con gran ansiedad, me agaché para juntarlos y al hacerlo me desperté. La noche seguía oscura y mi corazón latía más fuerte, sabía que el libro reposaba en el velador a mi lado, pero podía hacer parte del sueño que soñaba, no había certeza de nada en aquel momento... En la oscuridad se siente el caos y el dolor aparece repentinamente, entonces, uno piensa que hace mucho frío en ciertos lugares y que es duro combatir en la nieve, asimismo, es difícil manejar los cuerpos sangrantes en el calor porque desprenden olores muy nauseabundos.

Así, en la oscuridad con su silencio incluido, pienso en La conservación de los recuerdos y me percaté que crucé el umbral del nuevo año y no sé si debo hacer un conteo de todo lo que fue o hacer la lista de lo que me gustaría que sea, para en caso, de que sobreviva, un año más, pueda contar las peripecias a mis nietos, que espero sean dignos de mejor suerte. Ya que todos los siglos que pasaron sobre el mundo, además de transformar el paisaje, dejaron la muerte como memoria y la destrucción como evidencia de su paso. Sería muy bueno poder cambiar el mundo, en lugar de seguir medicándonos para aceptarlo.

Cualquiera sabe que la responsabilidad no la tiene el tiempo. La responsabilidad, la tiene el hombre que da cuerda al reloj y ve pasar el tiempo y en una aceptación nihilista de los acontecimientos, no reclama, ni transforma lo que es pasible de transformación, sólo observa y acepta al mundo y sus deplorables circunstancias. En aceptar la realidad tal cual nos la presentan, reside la dicha y desdicha, de los humanos de este tiempo.

A fuera la higuera mueve sus ramas con el viento, hace un fuerte ruido en la oscuridad, que recuerda a los fantasmas que poblaron la casa, los fantasmas de hace mucho tiempo, aquellos que subían y bajaban las gradas y que nunca leyeron las instrucciones para realizar semejante hazaña. No sé cómo hacen los fantasmas para subir corriendo las escaleras, nunca los vi, solamente solía escucharlos, pero Julio Cortázar anotó que: Las escaleras se suben de frente, pues hacia atrás o de costado resultan particularmente incómodas.

La higuera es grande da frutos abundantes, que dicen que son flores y sus raíces son fuertes, las sostienen por una centuria, frondosa y exuberantes sobre la tierra. Los fantasmas de la noche trajeron certezas muy incómodas, como la incomodidad de las cárceles y de las mazmorras, nadie pensaba en eso en la oscuridad silenciosa de la noche. Uno pensaba en la llave que perdió antes de la cena y que la tiene que encontrar para salir de la casa al despertar.

Tendido boca arriba con los ojos abiertos, percibo que la noche oscura empieza a moverse lentamente, cediendo paso al día que se avecina. Es un día de un nuevo año que arrastra todas las taras y dolores del año pasado. Me pregunto quién inventó esta vaina de nuevo ciclo en la misma jaula donde unos mueren de hambre y otros mueren de hambre y frío, mientras el progreso avanza secando ríos y quemando bosques, haciendo carreteras para que pasen los tanques de guerra. Muevo los ojos y constato que Julio Cortázar no reposa sobre el velador, muevo la mano y siento que el libro duerme a mi lado mientras permanezco insomne.

Empieza a clarear el nuevo día y ahora, ya no hay gallo que anuncie el amanecer y por eso, en lugar de motores de automóviles que comienzan a circular en la calle, yo quisiera por lo menos, escuchar el canto de los Cronopios.



Contos

Os bancos e mesas de madeira na sombra estão ocupados por homens com olhares esperançosos. Apenas um banco no sol está ocupado. Para ter alguma sombra, Marcelo conseguiu emprestado um guarda-sol. Ele espera por Pedro, seu filho de sete anos. As músicas populares do ano reverberam por um alto-falante enferrujado. Os homens cantam com “Força Estranha”. Marcelo ignora o barulho dos outros. Ele não gosta de música. Gosta do silêncio.

Finalmente, o portão do pátio se abre. Homens de branco conduzem os visitantes. São principalmente crianças e mulheres, a maioria deles de camisas coloridas da US Top e jeans da Staroup. Os poucos homens entrando são velhos. Eles colocam suas sacolas cheias de comida e refrigerante nas mesas. Marcelo olha para o chão com um olhar infinito. Ainda não viu Pedro.

Marcelo acorda do seu estado letárgico por uma voz alegre: “olá papai, Cheguei! Não trouxe comida para você. Eu estou sem dinheiro de novo”.

Surpreso e feliz, Marcelo olha para cima. Ele vê seu menino, pequeno pela idade, com um sorriso doce. “Tem nada não filho, estou feliz que chegou! Você trouxe notícias da sua mãe? Porque ela nunca vem me visitar?”

“Não sei, paizinho, não vejo mamãe há muito tempo. “Papai, quando volta para casa?”

“Ainda não sei, filho. Preciso descansar mais aqui”.

“Tô morrendo de saudades, paizinho. Não gosto de ficar só”, diz o menino com uma voz triste.

“Eu sei, filho, eu sei”, murmura Marcelo com uma voz engasgada.

A esposa do homem da mesa ao lado olha curiosamente para Marcelo. “O que há de errado com ele?”

“Fala baixo, mulher! Ele não gosta de ser observado. Ele é meio doido! Nunca fala conosco”.

“Meu Deus, Nando! Por que você não se controlou naquela briga de rua! Teve que bater naquele homem até morrer! Vai ficar trancado por dez anos aqui entre esses loucos”.

Já disse para se calar, mulher!”

Marcelo não notou nada da briga do casal da mesa vizinha.

“Papai, tá acordado?”, pergunta Pedro com sua voz doce. “Você está tão quieto”.

“Sim, sim filho! Que foi?”

“Volta para casa, quero que compre uma bicicleta para mim.

Aquela do BMX! E quero as figurinhas da Turma da Mônica e os Super Heróis daquele chiclete Ping Pong. Todos colecionam isso, pai!”

Marcelo escuta tudo com olhos comovidos. Ele gosta quando Pedro fala das suas brincadeiras preferidas. A música “Fique um Pouco Mais” sopra pelo pátio.

Um dos enfermeiros, novo no emprego, está observando Marcelo e pergunta ao seu colega: “porque ele está conversando consigo?”

“Esse é o Marcelo. Já está aqui há quatro anos. Ele não faz mal a ninguém. Sempre fala com seu filho falecido na hora da visita aos domingos”.

“O que aconteceu com ele?” O enfermeiro cantarola com uma canção. “Adoro essa música “Revelação” de Fagner!”

“Não gosto muito desse cara, prefiro os sucessos da música disco. Bem, o coitado queria testar seu carro novo. Perdeu o controle do carro em uma noite chuvosa e bateu em uma árvore. Sua mulher e filho morreram na hora. Ele quebrou quase todos os ossos, mas sobreviveu. Ficou doido da culpa e acabou aqui no hospício” foi o próprio pai que o internou.

“Jesus, que coisa! E logo num carro novo! Quero tanto comprar um Datsun Bluebird”.

“Meu Deus, o que é isso! Falando de um carro novo assim! Parece que você é o doido aqui!”

“Já chega com esse bate-papo de vocês dois fofoqueiros”, grita a voz alta e irritada do doutor-chefe atrás dos enfermeiros.

“Enfermeiro! Sim, você, o novo. É melhor levar Marcelo para seu dormitório. Os outros pacientes ficam

nervosos com o seu comportamento”.

“Agora, doutor!” O enfermeiro vai logo até Marcelo.

“Vamos entrar Marcelo, hora de descansar no dormitório”. Assustado, Marcelo olha para o enfermeiro. “Moço, cadê Pedro, meu filho?”

“Está tudo certo, Marcelo. Ele já foi para casa. Vamos entrar bem calminho. Não quer acabar na cama especial, né? Tu sabes, a cama na qual fica amarado e leva um choque!”

“Acho pouco! Assim é que deve se fazer com essa aberração, mungindo com fantasmas. Eletro choque na hora!”, fala a esposa de Nando com uma voz desdenhosa

Marcelo não responde e com um olhar triste e confuso, segue o enfermeiro enquanto “Até Parece Que Foi Sonho” que toca pelos alto-falantes acompanha os dois homens para dentro.

Antonius Gerardus Maria Poppelaars

E-mail: antoniuspopulus@gmail.com

Biografia

Antonius Poppelaars é professor de línguas e mora no Nordeste. Escreve ensaios, artigos, poemas e contos. Sua inspiração vem do inesperado e da alienação na vida cotidiana, através de personagens em uma situação absurda, mas também reconhecível.

Os deuses habitam o sertão pernambucano em junho. E falam no odor da carne e da cana, no sol que luta contra o frio improvável da manhã, nas ruínas das casas de pedra e cal. Ao meio dia, o sol acentua o oliva da pele feminina, os olhos tentam, sem sorte, abarcar algo que não seja a luz q tremula nos cílios, o cheiro dos limoeiros arranha a garganta. Mal posso divisar a massa de jurema preta que lança seus galhos ao redor da vila do Bom-Nome e parte para riba dos montes onde deita as raízes na terra batida pelos cascos dos cavalos que, no correr, imitam a pancada do mar.

Foi nesse lugar que eu resolvi descansar, passar as minhas férias cuidando das ovelhas e trabalhando na fazenda. Para esquecer um pouco o Recife, eu sou um cara religioso, pelo menos pensava ser, no dia em questão eu fui a uma rezadeira, e sentado na sala de espera olhando o Instagram, eu vi Beatriz.

Eu estava sentado enquanto dona Maria Porteira passava folhas de pinhão em torno de mim, ao terminar a reza colocou castanhas no meu bolso para servir de amuleto. custou-me a levantar, estava cansado do dia no vale do monte. Perguntei a mim mesmo o que iria fazer e decidi tomar a benção do velho Napoleão, depois de abençoado, atinei a perguntar como faria para conhecer sua sobrinha neta. Dirigi-me a uma fazenda perto do vilarejo, a casa senhorial é cinza e adornada de pedras, compõe um visual interessante, pulei a porteira e perguntei a uma senhora - também minha parente- onde estava sua neta.

Ela levou-me até Beatriz, a mãe dela foi simpática, me chamou de maluco e disse que eu agia como meu pai, procurei esconder a timidez com cinismo -dane-se vamos todos morrer, eu a trouxe para o vale do monte, mostrei os cavalos e coisas antigas, conversamos sobre literatura, no alpendre da minha casa paterna, a conversa a deixara particularmente bonita. Uma vez aí, beijei-a. Estava frio, eu a desejava.

Ela também, julgo eu. Preocupei-me com um possível flagrante constrangedor. Levei-a ao quarto em que estava e a deitei na minha cama, nesse movimento, toquei-lhe a carne dos seios.

Ela se estendia na cama de barriga para o ar. Voltou-se para mim. Tinha os cabelos a caírem-lhe para os olhos e sorria. Subi para o lado dela. Estava surpreendentemente frio, como de brincadeira, deixei cair a cabeça, e descansei o nariz na nuca dela. Não disse nada e eu deixei-me ficar assim: Tinha os negros cabelos nos olhos, e o cheiro estava muito bom. Nas minhas costelas, sentia o corpo de Beatriz latejar suavemente. Ficamos muito tempo na cama, meio adormecidos.

Quando o sangue ferveu agarrei-a, passei-lhe um braço em volta da cintura e a beijei por todas as partes. Ela ria muito. Depois de algumas horas, relutantemente, disse-me: "Preciso ir". Perguntei-lhe se queria passar a noite comigo. Voltou a rir e disse que a avó a mataria. Levei-a para casa, mas aproveitei cada minuto do percurso, por o fim do beijei-a e agradeci a sua avó. Voltei ao vale do monte e dormi.

Quando acordei, pensei que era domingo, o que me aborreceu: não gosto dos Domingos. Então voltei-me na cama, procurei no travesseiro o cheiro que os cabelos de Beatriz ali tinham deixado e dormi até às quatro e meia: Tomei depois um café, e observei o quebrar da barra do clarão.

No dia seguinte, Beatriz bloqueou-me, como se a realidade daquela noite tivesse sido apagada em um clique. Estranhamente, meu corpo, apesar do desprezo psicológico, sentia uma fome intensa por ela. Cada molécula parecia pulsar em desejo, ansiosa por uma ligação covalente exclusiva com as dela. Era como se o impulso físico superasse a lógica da mente.

A obsessão crescia, e mesmo que eu a menosprezasse mentalmente, uma força magnética me impelia a ser exatamente o homem que ela desejava. A dualidade entre o repúdio consciente e a irresistível atração física criava um conflito interno, alimentando uma determinação estranha de conquistá-la novamente.

Assim, eu me via num jogo contraditório, onde a mente resistia, mas o corpo clamava por mais. Cada célula ansiava por aquele toque, como se a química do nosso encontro tivesse desencadeado uma reação incontrolável, uma busca desesperada pela reconexão. Era uma batalha entre a razão e a pulsação primal, deixando-me cativo da insaciável fome de Beatriz, enquanto eu mesmo tentava negar o que meu próprio corpo ansiava.

Retornei ao recife em busca de um alívio para as lembranças de Beatriz, experimentando encontros casuais na esperança de apagar sua presença. Natália foi a primeira, com quem tentei forjar uma relação tão intensa quanto a chama fiscal que nos unia. No entanto, mesmo em meio ao calor do momento, minha mente inconscientemente projetava traços de Beatriz em Natália. Seus gestos, olhares e até mesmo o timbre de voz se misturavam, criando uma ilusão impossível de escapar.

Logo depois, conheci Marina, uma mulher aparentemente fervorosa em sua fé, mas que escondia uma ferocidade luxuriante. Nossa noite de prazer foi um mergulho profundo em desejos ocultos. Enquanto explorávamos paixões proibidas, ficou claro que, por mais que Marina oferecesse uma experiência diferente, Beatriz permanecia como uma sombra persistente em minha mente.

Cada toque, cada sussurro com Marina, reacendia a lembrança da noite no vale do monte com Beatriz. A dualidade entre tentar preencher o vazio com novas experiências e a persistência da imagem de Beatriz complicava meu entendimento sobre o que buscava nos encontros. O riso e a paixão com Marina, embora intensos, eram sempre acompanhados por uma sombra daquela noite anterior, deixando-me intrigantemente insatisfeito, enquanto eu continuava a me perder nas diferentes faces que encontrava.

Retornei ao recife em busca de um alívio para as lembranças de Beatriz, experimentando encontros casuais na esperança de apagar sua presença. Natália foi a primeira, com quem tentei forjar uma relação tão intensa quanto a chama fiscal que nos unia. No entanto, mesmo em meio ao calor do momento, minha mente inconscientemente projetava traços de Beatriz em Natália. Seus gestos, olhares e até mesmo o timbre de voz se misturavam, criando uma ilusão impossível de escapar.

Logo depois, conheci Marina, uma mulher aparentemente fervorosa em sua fé, mas que escondia uma ferocidade luxuriante. Nossa noite de prazer foi um mergulho profundo em desejos ocultos. Enquanto explorávamos paixões proibidas, ficou claro que, por mais que Marina oferecesse uma experiência diferente, Beatriz permanecia como uma sombra persistente em minha mente.

Cada toque, cada sussurro com Marina, reacendia a lembrança da noite no vale do monte com Beatriz. A dualidade entre tentar preencher o vazio com novas experiências e a persistência da imagem de Beatriz complicava meu entendimento sobre o que buscava nos encontros. O riso e a paixão com Marina, embora intensos, eram sempre acompanhados por uma sombra daquela noite anterior, deixando-me intrigantemente insatisfeito, enquanto eu continuava a me perder nas diferentes faces que encontrava.

De volta ao meu dia a dia, retomei minhas rotinas habituais: as orações, as leituras e as idas à academia. No entanto, o tédio tornava-se um grito ensurdecido dentro de mim. A lembrança do olhar de Bia transformava meu coração em algo semelhante a um cavalo selvagem, embaiado à revelia de sua vontade.

A luxúria obsessiva ainda me dominava, criando um anseio insaciável por ser notado, por conquistar algo mais. Era uma busca incessante por preencher o vazio que a ausência de Beatriz deixara em mim. Cada movimento, cada esforço parecia impulsionado por essa necessidade de validação, como se apenas através de conquistas externas eu pudesse apaziguar a tempestade interior.

Assim, o meu cotidiano, apesar de aparentemente normal, tornava-se um palco de lutas internas. O desejo de ser notado, de realizar feitos marcantes, era alimentado pela sombra persistente daquela noite no vale do monte, uma noite que, mesmo agora, continuava a moldar os contornos da minha existência.

Num convite impulsivo, aceitei passar alguns dias na fazenda de meu amigo em Bezerras. Levei comigo Marina, como se ela pudesse ser um refúgio temporário da busca incessante por algo que eu não conseguia definir.

Ao chegar, fui alertado sobre as sombras de inimigos que pairavam sobre a família do meu amigo. Em um gesto de cautela, ele me entregou um revólver para autodefesa, como se o frio da fazenda não fosse o único arrepio a percorrer minha espinha.

Nos dias que se seguiram, a fazenda mergulhou em uma calma melancólica, onde o frio se entrelaçava com a solidão. Marina e eu passamos longos períodos na cama, cada toque carregado de uma tensão existencial, como se estivéssemos desafiando a indiferença do universo.

Esses momentos eram uma dança entre a busca de sentido e a resignação diante do mundo. O frio da fazenda ecoava a frieza das perguntas sem respostas, enquanto os lençóis testemunhavam a efemeridade de nossos esforços em encontrar significado naquela experiência isolada.

Assim, entre os lençóis e o frio da fazenda, os dias se desenrolaram como um espetáculo absurdo, onde a luxúria, o vazio existencial e a autodefesa se misturavam de maneira indissociável, como se cada momento de prazer fosse também um confronto com a inescapável absurdidade da vida.

A necessidade de uma simples escova de dentes levou-me à cidade. Ao sair do carro, uma sensação incômoda de ser observado por um grupo de quatro homens pairou no ar. Ignorando a inquietação, entrei na farmácia, mas, sem motivo aparente, decidi caminhar até a praça da igreja. A sensação persistia, como se uma sombra invisível me seguisse.

Sentado num degrau, à beira da calçada, observei as flores da praça, tentando afastar os pensamentos. Foi então que um homem loiro se aproximou, seu olhar carregado de um sorriso mórbido. Um arrepio correu pela minha espinha, e uma voz dentro de mim sussurrou "Beatriz". De repente, subjetividade e questões existenciais deram lugar à pura concupiscência.

Naquele instante, não havia mais dúvidas ou dilemas internos; tudo se reduzia a uma fera interior. Eu me tornei um leão, caçando e abatendo uma presa indefesa. Num movimento rápido e gélido, saquei o revólver e atirei contra o rosto do homem loiro. A praça da igreja se transformou no palco sombrio de uma cena abrupta, com três tiros subsequentes ecoando aos pés da igreja.

O corpo inerte no chão testemunhava a transformação da calma aparente da praça numa realidade brutal. O ato impensado, impulsivo, deixou-me ali, em meio às flores, enquanto a percepção da vida, agora tingida de vermelho, escapava como fumaça.

Um sentimento estranho e inesperado tomou conta de mim após o ato impulsivo. O cheiro acre da pólvora pairava no ar, enquanto o corpo inerte do homem loiro jazia aos meus pés. Em meio àquele cenário sombrio, uma sensação indescritível de prazer emergiu, como se, de alguma forma, eu tivesse restabelecido o contato com Beatriz.

O calor da adrenalina pulsava em minhas veias, e a frieza do ato era estranhamente revigorante. Uma conexão obscura, quase transcendental, parecia ter sido reacendida. A praça da igreja, agora manchada por uma violência inesperada, tornou-se o palco de uma metamorfose interior. Era como se, ao confrontar aquele homem loiro, eu estivesse confrontando também os fantasmas de minha própria luxúria obsessiva.

A presença de Beatriz, evocada de maneira quase sobrenatural, parecia mais palpável do que nunca. A sensação de bem-estar, embora impregnada de um sabor amargo, preenchia o vazio que as tentativas anteriores haviam deixado. O ato, que à primeira vista parecia um desvio para o abismo, tornou-se um estranho catalisador de uma conexão intensificada com minha própria escuridão interior.

Arthur Araújo

Convidado Indesejado

Francisco dormia tranquilamente em seu aconchego. Numa espécie de milagre, hoje ele tinha sentido os lençóis mais confortáveis, o travesseiro mais fofinho e a temperatura perfeita. Teve a melhor noite de sono da sua vida!

Em um estalar de dedos, essa paz chegou ao fim... uma sensação de terror o tomava! O coração batia acelerado, a respiração lhe faltava, mãos soadas, sangue frio e um aperto em seu peito.

Tum-tum!

Duas batidas na porta.

Em um susto aterrorizante, Chico acorda e percebe que nada daquilo é real

Tum-tum!

O seu coração bate no compasso correto. “Quem é?” Pergunta Chico ainda atordoado e muito confuso. “É o seu vizinho, aqui do lado, marcamos de nos encontrar hoje à noite”. Chico estava perplexo, não lembrava de nada disso, com tanta sobrecarga de trabalho e rotina diária, não tinha tempo e nem ânimo para ter amigos, ou conversar com vizinhos, mesmo assim ele foi.

“Está acontecendo uma festa bem intimista, tudo lá é a sua cara”, disse o vizinho. Chico ficou curioso, subiu o morro com o vizinho até então desconhecido e seguiu até a festa. Estava tudo muito bonito, os organizadores não pouparam despesas. Algumas velas aromatizadas, pétalas de rosas vermelhas espalhadas por todos os cantos, todo mundo muito elegante e Chico nem perceberá que estava de paletó de linho e seda.

Ao entrar na festa, Chico ficou encantado. “Huuuum! Esse vinho é muito bom!” Pensou em voz alta. “Nossa, minhas flores favoritas!” Ouviu um som... “Uauu! Adoro essa música!” Se divertiu a noite toda. Alguns rostos conhecidos, um ambiente familiar, algumas histórias do passado. A paz que excede todo o entendimento!

Virou-se devagar, sorriu para o vizinho e disse que a festa estava incrível. “Fazia tempo que não me divertia assim”. “Fazia tempo que não me sentia VIVO”. O vizinho riu um pouco e disse: “engraçado você dizer isso agora”. “Por que?” Disse Chico. “Vem comigo que eu te mostro”.

Viu aquele objeto ali na frente?!

Tum-tum!

Fez ruído de seus pés.

Olhou e se perguntou “É um velório?!” “Meu Deus! E eu comendo, bebendo e me divertindo horrores, enquanto isso, algum presunto desempacotou dessa pra uma melhor”. “Maria passa na frente!” “Perdoe-me Deus misericordioso!”

O vizinho riu muitíssimo, “você é louco viu Chico?!”

É sim um velório, olhe o corpo.

Seu rosto era de completo terror, indescritível.

Eu morri?! Pergunta Chico.

“A morte nem sempre é literal!”, disse o vizinho e saiu rindo.

Chico precisava desacelerar. Repensou todo o rumo da sua vida.

Ansiedade brutal!

Cinco horas da manhã o despertador tocou, Chico acordou para a vida!

Camilly Souza Andrade

Biografia:

Camilly Souza Andrade, 29 anos, Professora do ensino básico, Publicitária, Formada em letras na língua portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba. Contista, poeta e romancista, Camilly é apaixonada pela literatura em suas diversas facetas.

O amor cobra
Carlos Henrique dos Santos

O barraco era minúsculo, ficava às margens de um rio, recebia luz do sol pela manhã e se deixava cobrir pela sombra das grandes árvores à tarde. Era um local que aparentava certa tranquilidade, com poucos moradores e organizado pelas funções que cada um exercia na fazenda. Esta era grande, imponente e ocupava toda a parte central do terreno, ficando ao fundo a pequena vila de casebres dos trabalhadores. A criança havia nascido há poucos meses e passava a maior parte do dia dormindo no pequeno berço improvisado com caixotes e colocado próximo à única janela do cômodo. Não havia possibilidade de cuidados constantes, pois ali o trabalho imperava e cada um precisava pagar na lavoura e no trato dos animais pelo teto e alimento recebidos. A jovem mãe não conseguiu amamentar, o que a levou a tomar uma atitude inusitada: toda manhã, ainda no alvorecer, o pai da criança se dirigia sorrateiramente ao curral e tirava leite de uma vaca, leite que seria usado na amamentação do bebê. Agia sempre escondido, pois não era permitido aos funcionários comer nada além do que lhes era servido nos horários regulares da alimentação.

As noites eram curtas e, por sorte, a criança pouco chorava, o que permitia que os pais descansassem do dia exaustivo. Mal os galos cantavam e tinha início o repetitivo ciclo, com amamentação sigilosa, café ralo bebido às pressas acompanhado de pão com banana e ordens dadas com rigor pelo senhor administrador e ouvidas em silêncio pelos empregados no amplo quintal da fazenda. Esse era o mundo visível daquela jovem família. Porém havia um outro, invisível, que se desenrolava feito um novelo nas sombras e silêncios que invadiam a casa ao longo do dia e longe dos olhos de seus moradores. Após a saída dos pais o bebê costumava acordar e emitir pequenos lamentos, chorando baixinho mas logo esse choro cessava com a chegada da cobra, que se aproximava lentamente, entrava pelo vão da porta e se enrolava ao redor da criança, como se a quisesse proteger. Assim passava toda a manhã e, sentindo a agitação dos trabalhadores se dirigindo aos seus barracos, ela deixava a menina e ia se esconder sob a velha cama do casal. Passado o curto intervalo da refeição eles retornavam ao batente, deixando caminho livre para a serpente. Lentamente ela saía de sob a cama e se dirigia ao berço, onde se aninhava outra vez junto à criança. Assim elas passavam toda a tarde, unidas, aconchegadas e entrelaçadas como se fossem um só ser.

Com a chegada da noite os pais voltavam exaustos, tomavam um rápido banho, comiam o alimento recebido, ingeriam avidamente e pouco tempo depois iam se deitar em busca de descanso. Antes a jovem mãe ainda brincava um pouco com a filhinha, imitando vozes e gestos ao dar vida a uma boneca feito com restos de pano.

O ciclo da vida seguiu assim por alguns meses, com a menina crescendo e dando um pouco de brilho à cinzenta existência do casal. Até que um dia um inesperado acidente feriu um dos trabalhadores, o que obrigou o pai da criança a correr até seu barraco em busca de álcool para limpar a ferida, que fora causada por uma enxada enferrujada. Ele entrou às pressas, indo direto à cozinha, pegou embaixo da pia a garrafa com álcool e, já estava saindo, quando ouviu um estranho som vindo do berço. Estacou o passo e se virou em direção ao local onde ficava a menina. Nesse instante um misto de medo e pavor caiu sobre ele. Viu a cobra enrolada ao redor da filha, que a apertava com suas pequenas mãozinhas e sugava parte da sua cauda, como se estivesse se amamentando. Impulsivamente retirou o facão da cintura e, com passos lentos e silenciosos, foi se aproximando do berço, ainda tremia um pouco quando se abaixou e, medindo bem os movimentos, desferiu um golpe certo, cortando o réptil ao meio. Sentiu um líquido quente respingar em sua face, retirou a filha que chorava do berço e tentou acalmá-la. Correu à porta e gritou pela esposa. Instantes depois ela tentava tranquilizar a neném, que não parava de chorar. Conseguiram convencer o senhor administrador da fazenda para que a mãe passasse o restante do dia com a criança. À noite, quando o pai retornou, a menina dormia, após ter passado a tarde com febre. Reorganizaram o cômodo, trocando o berço de lugar e decidiram que naquela noite a filha dormiria com eles. Improvisaram uma armadilha, para o caso de outra cobra aparecer, usando

pedaços de madeira e restos de pano para vedar melhor janela e porta. Antes um pouco de dormirem ainda precisaram acalmar novamente a filha, que acordou chorando, porém todos estavam mais cansados do que o normal após aquele dia intenso e a pequena família rapidamente caiu no sono. O dia seguinte foi marcado por receio e medo. Tiveram que retornar ao trabalho e foi difícil se concentrar na colheita sabendo que a criança estava sozinha. Mas a noite chegou e trouxe junto um pouco de alívio. No barraco, perceberam que os espaços vedados estavam intactos e puderam relaxar um pouco da tensão acumulada ao longo do dia. A menina ainda chorava às vezes e, bem como ao acordar, pouco ou nada ingeriu da bebida dada pela mãe. Pela manhã, antes mesmo dos primeiros galos cantarem, o pai acordou e foi, como de costume, buscar o leite da filha. A mãe zelosamente o ferveu, em seguida pôs para esfriar mas não conseguiu fazer com que a criança bebesse. Agitada, a menina esperneava, chorava e gritava. Outra vez tiveram de sair para o trabalho e deixaram a contragosto a criança. O tempo passou arrastado, lento, moroso, deixando nos pais um cansaço maior do que o comum. Correram para casa assim que o senhor administrador apitou indicando o fim do expediente. Nessa noite a menina não dormiu, apresentou intensa febre e deixou nos pais uma sensação de medo e impotência. Não sabiam como agir, não tinham a quem pedir auxílio e corriam o risco de serem dispensados da fazenda caso o senhor administrador soubesse que a criança estava doente. Pouco antes da aurora o pai saiu em busca do leite, olhou a filha e viu que ela, após toda a agitação da noite, agora estava calma e dormia. Foi em direção ao curral evitando fazer barulho para não acordá-la. Retornou, chamou a esposa e aguardou que ela preparasse o café e a bebida da menina. Após esfriar o leite a mãe se aproximou da cama e, ao tocar a criança, emitiu um grito de pavor: a filha estava morta.

BIOGRAFIA: Meu nome é Carlos Henrique, tenho 42 anos, sou casado com a Katerine, professor e acredito que a literatura pode, de certa forma, mudar o mundo à medida em que mudam individualmente cada indivíduo e o seu mundo particular.

A aventura dos Animais na Biblioteca
Catarina Dinis Pinto

Era uma vez uma história, que fala de uma aventura, onde os animais foram conhecer a importância, da biblioteca com a sua professora.

A biblioteca é a casa da sabedoria, onde há livros e cultura, contos e muita alegria, em cada palavra.

A Girafa estica o pescoço em harmonia, quer ao alto da estante chegar, para encontrar um livro de poesia, e aos seus amigos com magia entregar.

O Cão procura em baixo uma enciclopédia, para mostrar aos amigos o mar, gosta de procurar com minúcia, cada mapa há que desvendar.

A Coruja é mestra em geografia, conhece bem a seara, na sala de aula escuta toda a matéria, estuda muito a fauna e a flora.

Os irmãos Gatos cheios de astúcia, são amigos da Zebra, que parecem fazer parte da família, pediram-lhe para chega uma esfera.

Ao Ratinhos sempre na brincadeira, adoram roer os livros de literatura, roem cada folha inteira, que estão no meio da prateleira.

Sentada na cadeira, esta uma escritora, que conta a lenda da amendoeira, e nos sentados há sua beira.

2023-11-19

Catarina Dinis Pinto, natural de Gondomar, a viver em Amarante Portugal. Tenho 42 anos.

Comecei a escrever bem cedo, em 1993 já era regular escrever diariamente, uma forma de fazer terapia

A História de Totó e Squisqui

David Ehrlich

Há pouco tempo (pelo menos pra mim, que estou escrevendo), havia um velho cachorro que morava em uma casa no interior. Ele tinha muitos nomes: seu pai o chamava de Auau. Sua mãe o chamava de Uofuof. Seu dono o chamava de Antônio. A mulher de seu dono o chamava de Viralatasemvergonha. Mas o nome que ele mais gostava era o que o filho de seu dono lhe dera: Totó. Não por ser o nome mais bonito, mas por o filho de seu dono ser a pessoa que o cachorro mais gostava no mundo. Portanto, embora o nome do cachorro não seja importante, em respeito a ele, o chamaremos daqui em diante de Totó.

Totó nasceu quando o filho de seu dono (cujo nome, aliás, podia ser Augusto ou Garoto, dependendo de quem o chamava) tinha apenas cinco anos. E desde o momento em que primeiro se viram, foram melhores amigos. Parecia não haver força no mundo que os separasse, nem qualquer pessoa ou bicho que se colocasse entre eles.

Assim foi por doze anos. Até que um dia, Totó descobriu que Augusto teria um novo animal de estimação. Descobriu porque em sua casa, não se falava de outra coisa. Totó até então nunca tinha visto o bicho, sabia que era fêmea, e ela tinha um nome pra lá de estranho: Bolsanafaculdade. Parecia ser bem arredia, pois os pais de Augusto sempre falavam orgulhosos de como ele a tinha conquistado. Mas uma coisa Totó tinha ouvido os pais do garoto falarem quando ele estava fora: que de agora em diante ele e Augusto não ficariam mais o tempo todo juntos.

Totó morria de ciúmes. Queria morder essa tal de Bolsanafaculdade, rasgá-la como fizera com a bolsa de sua dona (por acaso, no mesmo dia em que ela lhe dera o nome de Viralatasemvergonha)... Mas sabia que isso não era certo. Jamais faria qualquer coisa que magoasse Augusto. E além disso, sabia que já estava velho. Tudo que está velho acaba sendo trocado por algo novo. Assim foi com o sofá da casa, com o computador de Augusto, com o armário, com sabe-se lá quantas roupas... E tudo que era trocado, acabava indo para o mesmo lugar: o tal de Sótão. Totó nunca tinha ido lá, mas sabia que ficava em uma janela no andar de cima da casa, pois de fora, sempre a via acender quando alguém dizia que ia lá. E era pra lá que agora tinha que ir.

Mas como ir até o sótão? Só precisava de um jeito de entrar pela janela... Mas é claro: a bomba de gás hélio! Já havia visto seus donos enchendo balões com aquele negócio, e sempre que faziam isso os balões subiam e subiam até sumirem de vista. Se ele usasse a bomba pra encher a si próprio, pensou Totó, ele poderia flutuar até o sótão!

Assim, em um dia em que o tempo estava bem fechado, Totó pegou escondido a bomba de gás hélio, foi até o lado de fora da casa, e a enfiou na boca, sugando todo o ar que vinha de dentro. Após um tempo, ele de fato se sentia mais leve, e estava pronto pra flutuar até a janela...

Isso é, se ele não tivesse ficado tão concentrado com seu plano pra chegar ate o sótão, que não percebeu que o tempo fechado era na verdade um tornado que se aproximava. Se foi por causa do gás hélio ou não, ninguém nunca saberá, mas Totó de repente saiu voando e foi arrastado pela força do tornado, para longe de sua casa, cada vez mais longe, mais longe...

Mal sabia Totó, porém, que levava consigo um “passageiro”, por assim dizer: o jovem camundongo Squisqui. Squisqui era o único nome de Squisqui, pois todos os outros camundongos o chamavam assim, e ele nunca tinha falado com qualquer outro bicho ou humano. Squisqui nasceu no sótão, porém um dia caiu sem querer de lá, e desde então vivia no andar de baixo da casa, sonhando em um dia voltar para seus pais no andar de cima: era uma distância grande demais para um pequeno camundongo percorrer sozinho.

Quando viu Totó pegando a bomba de gás hélio, porém, Squisqui logo entendeu o que ele pretendia fazer, e resolveu pegar carona junto até o sótão. No exato momento em que Totó ia flutuar até a janela, Squisqui mordeu sua cauda para ir junto. Como é de se imaginar, quando Totó foi levado pelo

tornado, Squisqui acabou sendo levado junto.

Os dois só pararam de voar e rodopiar pelo céu quando bateram em uma árvore. O que não teria sido um problema, se a árvore não ficasse na Cidadegrande. Totó e Squisqui já tinham ouvido os humanos falarem daquele lugar, porém não sabiam onde era. Só sabiam que ficava muito, muito, muito longe de casa.

Totó não queria voltar para casa. Que diferença fazia se ele fosse pro Sótão ou pra Cidadegrande? De um jeito ou de outro, Augusto o trocava por aquela tal de Bolsanafaculdade. Mas Squisqui não queria saber de passar o resto da vida naquele lugar estranho. Tinha chegado tão perto de voltar a ver seus pais, agora é que não ia desistir! Mas se ir do andar de baixo até o Sótão já era difícil para um camundongo sozinho, imagine ir da Cidadegrande até a casa! A menos que Totó o ajudasse... E com um sonoro “Uof” (que, em cachorrês, significa “Está bem”), Totó aceitou levar Squisqui de volta para casa.

Foi um caminho longo, demorado e com mais aventuras do que eu seria capaz de colocar no papel: enfrentaram gigantes raivosos, robôs, tiveram que lidar até com um dragão, foram ajudados por alegres espíritos da floresta, fugiram do laboratório de um cientista maluco, ficaram presos no terrível Castelo do Medo, conheceram um mago capaz de viajar no tempo, até entraram sem querer em um navio que os levou ao Polo Sul! Dizem que um carro quase os atropelou, mas eu pessoalmente não acredito em uma história absurda dessas.

Demorou, mas enfim chegaram à casa, bem no dia e bem na hora em que Augusto estava para ir embora, atrás da tal Bolsanafaculdade. Totó estava cansado, muito cansado, mas quando Augusto o abraçou, chorando de alegria e saudade, sentiu-se como um filhote novamente. E enquanto Squisqui subia até o Sótão em um avião de brinquedo – como eles conseguiram o avião, é uma história para outro dia – e era abraçado por seus pais após tanto tempo separados, ele viu aquela cena, e soube que tudo ficaria bem.

David Ehrlich nasceu na Alemanha, e desde os três anos de idade vive em Curitiba. Amante dos livros e leitor voraz, desde a infância tem como passatempo predileto a leitura, e atualmente dedica-se à escrita.

O mundo não é amigável para as galinhas
Por Eudes de Pádua Colodino

Na roça, o pai de uma garotinha ia matar uma galinha pro almoço de domingo. Como, sem querer, a menina acabou vendo os preparativos para tal ato, berrou em protesto e o pai desistiu da empreitada.

E não é que ela pegou um baita ciúme no bichinho?

Sempre receosa de que o pai fosse tentar matar escondido a galinha, a menina agarrou-a e não desgrudava dela para nada. Onde quer que fosse, a levava; menos pro banho porque a mãe não deixou, mas mesmo assim a mantinha por perto, sempre à vista.

Os pais, vendo o carinho da filhinha pelo inusitado animal de estimação, resolveram deixá-la cuidar da galinha. O pai pensava secretamente que, um dia, a pequena enjoaria da penosa e zap! Ele mandaria a galinha direto para a panela.

Todavia, conforme o tempo se passava, a menina não enjoou da galinha. Pelo contrário: seu amor por ela só aumentava, para desgosto do pai e da galinha, que tinha seus instintos animais cerceados pela obsessão da garotinha.

Certo dia, como a menina se distraía com qualquer outra coisa no terreiro, o minúsculo cérebro da galinha ligou os pontos e viu uma oportunidade de fugir para a tão sonhada libertação. Correndo num repente, tomou impulso com as pobres asinhas e conseguiu alçar um breve voo por cima da cerca. Sem olhar para trás e nem se importar com os gritos desesperados de sua antiga dona, a galinha disparou para as bandas do ribeirão, sumindo detrás de uns arbustos na curva da estrada de terra.

Finalmente longe dos abraços apertados da menina, a ave pôde gozar de liberdade. Esticando as patas e batendo as asas, andou pelos caminhos ciscando alegre. Sem se importar com nada, deu vazão aos seus desejos e foi viver sua vida de galinha.

Após seis dias livre, a galinha aproveitava mais uma manhã ensolarada para procurar por minhocas na lama do riacho quando, sem perceber, foi apanhada por uma armadilha. Desesperada, mais uma vez privada de liberdade, a galinha se debateu mas não conseguiu escapar desta vez; para alegria de um menino que a vigiava desde que ela chegou ali na rocinha do ribeirão, armando uma engenhosa arapuca para ela.

— Calma, bebê... A mamãe te dá um outro bichinho, tá bom? Um gatinho ou um cachorrinho; você escolhe!

— Ma-as eu queria a galinha! — Responde a menina, soluçando inconsolável no colo da mãe.

— Mas por que você gostava tanto daquele bicho...? Galinha é pra pôr ovo e virar canja pra encher essa barriguinha linda! — Brinca a mãe, fazendo cócegas na barriga da menina, que nem assim se anima. Vendo que a mãe ficava sem saber o que fazer, a menina tenta explicar a razão de tanto apego pelo galináceo:

— Mamãe, acho que eu gostava da galinha porque tinha pena dela!

— Eu sei, bebê! Mas por que ainda lamenta? Já se passaram tantos dias!

— Porque sei que ela vai virar canja! — Dizendo isso, desatou a chorar novamente. A mãe não disse mais nada e ficou ninando a menina, perdendo-se em reflexões sobre crianças, bichos, liberdade e vida. Enquanto a pequenina se acalmava daquele surto de lágrimas, o pai chegava à porta:

— Olha o que o papai trouxe pro bebê!

A menina ficou em silêncio e limpava as lágrimas com as costas da mão esquerda enquanto olhava com curiosidade para o cachorrinho que o pai trazia numa coleira. Solto o animal, que passou a vasculhar a sala, farejando e latindo, enfim a menina foi encontrando seu consolo. Ao cabo de meia hora, já corria rindo atrás do novo amigo, para alívio dos pais.

Naquele mesmo momento, um ensopado de galinha fazia a alegria do almoço da família do vizinho.

Fim

Minibiografia e fotografia

Historiador formado pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, Eudes de Pádua Colodino é funcionário desta mesma universidade, atuando em biblioteca, onde lida dia a dia com livros e letras.

Luís desejava muito beijar Lúcia, mas não tinha coragem de pedir. Pensou em falar com uma amiga em comum, mas achou que na sua idade já não cabia mais aquelas coisas.

Nosso protagonista tinha 23 anos. Lúcia, 24. O futuro ex-casal trabalhava numa empresa de comércio exterior e com a quarentena forçada pela pandemia de Covid em 2020, eles alternavam os turnos na empresa. Quando Luís aparecia de manhã, Lúcia ia pela tarde. Ele ia pela tarde, Lúcia tinha ido pela manhã. A escala era o chefe quem organizava e na ignorância da existência daquele amor angustiado, deixava-os em turnos opostos.

Ah, quarentena, você me mata! Tinha que ter vindo agora? Luís brigava com seu deus todas as noites, esperando uma resposta celeste, acreditando que o divino lhe impusera o isolamento. Tinha que ser esse dito vírus por aí... Por que não veio depois de me casar com a Lúcia?

E num momento em que misturava fúria, indignação e frustração, rosou ao céu sem dizer nada, porque no fundo sabia que se aquela desgraça mundial fosse esperá-lo casar, nunca viria. Nunca vou ficar com a Lúcia. Nunquinha.

Na vida em carne e osso, o improvável casal nunca trocara mais que duas ou três palavras. Reservados, pouco se abriam com os colegas e ainda mais com alguém do sexo oposto. Ainda mais com aquele rapaz com sardinhas tão fofinhas. Lúcia corava só de pensar. Ainda mais com aquela moça de lábios carnudos e perfume doce. Não, definitivamente ele não tinha coragem de manter uma conversa com ela. E ela não aguentaria um diálogo extenso sem deter o olhar nas sardas, tocar o seu rosto, acariciá-lo. Faltava a ambos coragem.

Agora sem se ver, Luís permanecia mais tempo em casa -com o salário cortado pela metade- e, obviamente, mais tempo pensando em Lúcia. Mais tempo fuxicando suas redes sociais e olhando, e olhando, e olhando, e olhando suas fotos. Sem coragem para clicar no botãozinho de curtir. Muito menos comentar qualquer foto.

Deu um mês naquela situação, sentindo-se sufocado pelo isolamento, Luís não aguentou e adicionou Lúcia à sua rede social. Tremia de nervoso como se fosse um adolescente, e ficou ainda mais tenso quando ela aceitou o convite e puxou conversa pela internet.

Contra todas as probabilidades, a conversa fluiu, a noite virou dia e o tempo voou. A manhã chegou e Luís nem se sentia cansado para trabalhar.

Começaram uma linda amizade digital, mas que não saía do universo online, pois seguiam em turnos inversos. Com o avançar dos meses e a intimidade aumentando, ataram um namoro. Era benzinho pra cá, amore pra lá. Cada um era um livro aberto, onde o outro sabia os mais profundos segredos. Um declarava que vontade que essa pandemia termine, ao passo que o outro completava e que a gente possa ficar junto. Os planos iam além e daí viajarmos pelo Brasil, ou quem sabe pela Europa e seguiam no romantismo piegas de andarmos de mãos dadas, juntinhos, contemplando a Lua, jantando à luz de velas.

As coisas pareciam melhores e o vírus andava menos letal. Na sexta-feira, o chefe achou por bem retornarem 100% ao presencial na segunda-feira seguinte.

Ambos não dormiram direito naquele final de semana. A tensão era tão grande que não conseguiram mais trocar os costumeiros áudios, apenas mensagens de texto.

Segunda-feira. Toda a empresa parecia estar de ressaca. Alguns pela bebedeira de despedida do meio home office, outros pela raiva de voltar ao presencial, e o nosso casal incerto por não terem dormido direito nos últimos dias e estarem numa tensão “pré-revendo-o-amor-da-vida”.

Lúcia passou por Luís e não levantou os olhos. Ele tampouco percebeu, pois também estava com o olhar baixo, sem saber como abordá-la para conversar. A manhã passou daquela maneira, sem ambos se falarem.

Pela tarde, Luís foi entregar um relatório para Lúcia dar encaminhamento e ela agradeceu sem o fitar. Ele ficou parado olhando para Lúcia. A namorada, ainda sem se virar para ele, iniciou a conversa:

-Eu preciso falar uma coisa...

Ele não a deixou concluir:

-Eu também: temos que dar um tempo no nosso namoro.

-Acho bom.

Ela abriu um sorriso e seguiu com os seus afazeres laborais.

Luís retornou a sua mesa mais leve. Poderia entrar em contato com Jéssica, que havia sido demitida da empresa na semana anterior, sem peso na consciência.

Começaram a trocar mensagens e em pouco tempo estavam namorando. Ficaram juntos por sete meses. Apenas pela internet.

Até que Lúcia o chamou. Terminei com um carinha lá do Acre. Reataram o namoro. Só pela internet, em definitivo. Ao vivo, teriam uma relação aberta.

Biografia: Giovani é professor de Língua Portuguesa e Literatura do Ensino Fundamental e Médio e escritor. Publicou em diversas antologias, em jornais e em 2020 lançou o seu primeiro livro solo de contos e microcontos: Nirvana.

Tornei-me escritor depois de ler “A Paixão Segundo G.H.”, de Clarice Lispector, aos 15 anos. Foi só então que descobri o que queria escrever, como poderia escrever. Escrevo desde então tentando falar sobre humanidade, e eu.

Lucas M. Borges

Ressurreição

O mundo jorrou e estremeceu um canto abafado sob a terra em um dia comum — nota quem quer —. Chorara. Lançava a fumaça aos pulmões de Alice. Pinceladas de um azul amargo, novo. O peito afundava contra as costelas, que comprimiam-la toda. Quase se sentia morta. Se sentia morta. A realidade material era outra: o filho que morreria. Toda uma vida dentro de outra, anos de despreparo para o que ocorreria. Será que não podia pressentir nada no fundo de sua alma? Não tinha o chamado “sexto sentido”, talvez porque tivera o filho muito nova e a chamaram de nomes aos quinze anos.

Toda uma estrutura de justiça desmoronara. Pequenos atos que calcificaram em sua mente por todas as décadas que estivera viva, toda injustiça que virara memória enevoada, tudo que rachava ao sinal de que a maior de todas elas era verdade.

Agora, reclinava-se no sofá da sala com o fim do mundo nas mãos: urna com o filho. “Partiu mesmo...”, assustava-se. Pensou, no primeiro susto, em não cremar o filho, pois teria mais tempo com o corpo. Contudo, ele já deixara por escrito: “Cremem-me e deem-me aos ventos de Goiás”.

Já era de Sísifo tal trabalho; queria ter o filho para sempre, então sonhou com a violação do pedido, criminosa. Detinha-se, conspirava, delirava, apertava-se, amalgamada de dor, mil dores por segundo, a vista infernal da queda do ninho. Havia de agir ou decidir por sofrer. “Mais um pouco, mais um pouco”, chorou. Era agora o segundo susto: o filho morreria para sempre. Pensara que queria partir também. Sentiu em um átimo de minuto que perdia a si mesma, que desligava-se do mundo, escurecimento, mas que perder-se daquele mundo era ganhar novamente o filho. Eis que surgia a revelação última: continuava ali, e qualquer fosse o rumo, ancorava-se na desordenada paisagem desolada, como campos de cinzas puras onde nada poderia crescer novamente. E então voltava lentamente a sala onde guardava, nas mãos a urna com o filho.

A ideia finalmente chegara e a atingira como um tiro. Gritou de medo de si própria, seu desejo, ímpeto, destino e selvageria. Urro de animal e estertor. Era apenas rubro e quente amor. Soara como um cavalo doente ao abate, força bruta que era agora. No instante seguinte compôs-se de estranha calma.

Então, com a cabeça, afirmou o ato, os olhos na urna apertada nas mãos. Abriu. A mão direita entrou, tomou uma boa porção entre os dedos a matéria fria. Fechou as pálpebras, como se encarar o pecado o tornasse maior e seu desvio o tornasse negociável. Em um único gesto levou tudo à boca. Santíssima hóstia. Comeu a areia de gosto defumado. Silêncio, pois era uma ostra fazendo sua pérola da massa do assoalho náutico. Quase vomitara; estava apavorada. Engoliu o difícil pó.

Colocou novamente a mão dentro do vaso. O que era isto? Alice concretizava a “Nova Aliança”. Havia espaço para ela na Trindade.

Durou a madrugada toda, sem longas pausas. Estava vazia de mente. Não havia choro quando terminara de comer tudo que eram cinzas no vaso. Iluminara-se toda por dentro. Iluminaram-se. Acertara, no ritual, como se ama, por sorte, ou talvez adivinhara por uma epifania como é que fazia. Nasciam, nasceram naquela hora. Liga de bronze, amálgama.

Nasciam...

A Névoa da Saudade
Matile Facó

Ela caminhava pelas ruas da cidade, onde as luzes dos bares cintilavam como estrelas distantes. Era uma noite de névoa, como se as lembranças se entrelaçassem nas esquinas escuras.

Os passos ecoavam no asfalto úmido, e ela carregava nas costas o peso das memórias, como um manto feito de saudade. Os bares sussurravam histórias antigas, e ela se permitia perder-se nos ecos de risos que já não podiam ser tocados.

Ao adentrar o velho bar, o cheiro de cigarro e café se misturava à atmosfera densa. Sentou-se no balcão gasto, pediu um bourbon para espantar a frieza da noite. Enquanto o líquido âmbar deslizava pela garganta, era como se as lembranças ganhassem vida própria.

Os rostos nas fotografias na parede contavam contos de um tempo que já não existia. Ela esboçava sorrisos melancólicos, como quem folheia um álbum de fotografias amareladas. Ali, no bar decadente, entre os murmúrios das almas perdidas, a saudade se manifestava como um fantasma invisível, dançando nos espaços vazios.

Ao seu lado, um desconhecido com olhos que guardavam histórias se ofereceu para acender seu cigarro. Trocaram olhares cúmplices, como se ambos compartilhassem a bagagem pesada da vida. Em cada tragada, sentiam-se mais próximos de um passado que se desvanecia.

Na névoa da saudade, ela compreendeu que o tempo molda as lembranças, mas também oferece a dádiva de seguir em frente. Deixou o bar para trás, carregando consigo a bruma do que foi e a esperança do que poderia ser.

E assim, sob as luzes tênues da cidade, ela continuou sua caminhada, enfrentando a névoa da saudade, sabendo que, por mais densa que fosse, sempre havia uma estrada além dela.

Minibiografia: Matile Facó, autora de Fortaleza, é uma escritora apaixonada e cativante, mergulhada na arte da expressão. Reconhecida por sua obra "Ratos e Rosas", uma coletânea poética que mergulha nas complexidades da vida.

“Eles”

O neto ouviu a avó falando e entrou correndo na sala apenas para descobrir que Amélia estava sozinha.

– Com quem está conversando, vó?

– Com a máquina, claro.

– A máquina ... o ipad, você quer dizer, mas onde você o colocou?

– Está na mesa; enquanto vou fazendo meus sapatinhos de tricô aqui sentada, a gente vai conversando. Este aparelhinho é muito simpático...

– Está desligado, vó.

– Não está, não. Você ouviu a voz.

O neto ficou confuso. Talvez a avó estivesse ficando senil, e este pensamento o deixou muito triste.

Amélia solicitou:

– Já que você está aqui, pode me ajudar a organizar as fotos das minhas redes sociais?

– O que você fez? Pois vejo que os álbuns estão todos misturados...

Amélia também disse que seus jogos de cartas virtuais haviam sido apagados e que encontrara dezenas de pessoas novas adicionadas a seu perfil. Gente que ela sequer conhecia.

– Por que você fez isso, vó?

– Eu não fiz nada, eles é que fazem, apagam meus jogos, incluem essas pessoas que eu não conheço e ainda bagunçam minhas fotos.

– Algum comando você deu, vó; não existe nenhum “eles”.

A senhora sentia-se perdida no século XIX, pois sempre gostara de liderar, ou melhor, diriam os filhos, impor sua opinião, pois ela tinha mais idade e experiência e portanto sabia o que era melhor para todos. Isso funcionou mais ou menos, antes da internet, quando a informação estava na memória das pessoas que muito haviam lido, estudado e meditado a respeito de tudo. Agora havia esse tal de Google, e o bichinho escutava, obedecia e até falava!

– Quero o noturno de Chopin, Google. – dizia alguém, e a melodia orquestrada espalhava-se pelo ar. – Só piano, Google. – e a música recomeçava, desta vez só no piano.

– Acenda a luz da varanda, Google. – e nem era mais preciso ir até o interruptor, bastava, se quisesse verificar se a ordem fora cumprida, espichar o pescoço e lançar um olhar para a janela.

Aposentada, dona Amélia ficava praticamente sozinha em casa depois do almoço, quando as crianças iam para a escola e os pais retornavam ao trabalho. Mesmo que o genro trabalhasse em casa, ele trancava-se no escritório, tão quieto, que ela sentia-se a única moradora.

Até que essas presenças resolveram se intrometer com ela. Primeiro o homem que conversava diretamente pela tela, depois o grupo que mexia em suas lembranças. Ela não sabia o que pensar.

Quando o genro e a filha apareceram para jantar, sorriram ao saber do ocorrido. Só poderia ter sido a própria Amélia a apagar os jogos e a alterar os álbuns de fotos. Isso irritou a idosa.

– Vocês pensam que eu estou demente, mas não estou, não.

Essas ocorrências tornaram-se diárias, e Amélia acabou desistindo de comentar com a família o que acontecia com seu computador. Tablete, melhor dizendo, o objeto era daquele tipo pequenino maior que um telefone mas não tão complexo quanto um computador com teclado. Ela podia digitar na tela, se quisesse, o que achava bem prático.

Foi em outubro que a tragédia aconteceu. Na semana do Dia das Bruxas, para ser mais exato. O genro entrou na cozinha, onde ela estava esquentando água para o chá e perguntou se ela estava acessando naquele momento a conta bancária.

– Não, não acessei a conta esta semana.

– Porque eu recebi agora mesmo essas mensagens do seu banco, perguntando porque você está retirando seu dinheiro.

Pelo sim, pelo não, o homem foi até o tablet e nem sequer precisou entrar no site do banco, pois ele já

estava aberto, e o cursor andava para lá e para cá, como se alguém estivesse acessando o aplicativo do banco pela porta dos fundos.

– O que é isso, dona Amélia?

A sogra afirmou, triunfante:

– Eu não disse que eram eles? Isso aí são eles. Eu bem que avisei.

O rapaz ligou para o gerente, mas já era tarde, o dinheiro sumira da conta.

Não apenas a aposentadoria do mês, mas também a poupança economizada por anos. Os pilantras não deixaram nem um centavinho de consolo.

O genro voltou-se para perguntar a quem ela dera a senha bancária.

– Não olhe para mim, você bem sabe que só saio de casa com vocês. Foram eles que descobriram a senha, eles descobrem tudo hoje em dia. A gente pede para tocar uma música e eles descobrem a música em algum lugar. Muito espertos. O número da minha conta estava voando por aí, como as músicas, que sei eu?

A polícia foi avisada, e o departamento de crimes digitais veio conversar com Amélia. Os investigadores conversaram com ela, fizeram perguntas, mas é claro que ela não respondeu coisa que se entendesse. Os policiais podiam ver por si mesmos como “eles” a perseguiam com pedidos de adesão nas redes sociais. O curioso é que os nomes daqueles perfis que entravam em contato com a senhora não se encontravam no banco de dados da polícia. Certamente eram perfis falsos. Eles iriam investigar, já quanto ao dinheiro, infelizmente ... Os policiais saíram da casa convencidos de que a senhorinha sofria de alguma doença cerebral bastante séria e que precisava de supervisão para usar o ciberespaço.

À meia noite, a filha correu ao quarto da mãe, pois estava ouvindo gritos exaltados. A senhora parecia brigar com alguém, embora só se ouvisse a voz dela, que dizia:

– De jeito nenhum, eu não vou, não quero ir, não insista, peste.

Foi abrir a porta e encontrar o quarto vazio e silencioso.

Atrás dela, também o marido e o neto vieram investigar a causa da comoção.

– Mamãe não está aqui.

Olharam por toda parte. A janela estava fechada. Não havia sinais de luta. Nem pegadas ou objetos diferentes dos habituais. Finalmente escutaram um chiado vindo do tablet. Abriram e viram a imagem da senhora refletida na tela, sussurrando:

– Foram eles. Tirem-me daqui.

Biografia

Sonia Regina Rocha Rodrigues nasceu em Santos, SP e formou-se em medicina. Escreve desde criança e a literatura sempre esteve em sua vida, em forma de projetos culturais ou grupos artísticos dos quais participou.

Como de costume, dona Graciosa abriu a porta da sala que dá acesso à área da frente da casa e olhou para o céu, que estava com um azul harmonioso e o sol clareando o dia, assim trazendo a presença de Deus, a quem ela foi saudar com muito respeito e amor. Em seguida, andando lentamente e observando cada uma de suas plantas, sentiu que a respiração ficou suave. O pé de rosas havia produzido os primeiros botões e logo as belas e perfumadas flores estariam ali para alegrar seu coração.

Após isso, ela preparou aquele café que toda a família e quem já experimentou, sabe que tem um cheirinho de aconchego e um gostinho inigualável. Sentou-se a poltrona para iniciar suas leituras matinais, logo encontrou mensagens em seus livros favoritos que levaram a reflexões sobre a importância da vida, conseqüentemente sentiu que a vontade de aprender e renovar seus pensamentos são formas de aperfeiçoar e compreender melhor suas vivências.

Realmente, depois que dona Graciosa se mudou para a nova casa, possuía poucas plantas em vasos, mas tinha nos cuidados para com elas uma forma de terapia de autoconhecimento, sentia-se feliz e estimulada em cada detalhe. Uma vez que, as pequenas mudas eram cuidadas com a consciência imprescindível para o acolhimento de uma vida que se desenvolve no útero da mãe natureza.

Conforme o tempo passava, alguns vizinhos e pessoas conhecidas habituaram-se a chegar com novas plantas para presentear-las, assim como outros chegavam para pedir algumas sementes das plantas que ainda não possuíam, como numa troca que tendia a beneficiar a natureza. À vista disso, a quantidade de plantas multiplicou-se levando-a a sentir cada vez mais conexão com o meio ambiente.

No final daquela tarde, levou a cadeira para a calçada, sentou-se à sombra da árvore de flores amarelas e dali ficou observando a beleza do flamboyant que se desenvolvia salutar, também ansiosa para saber a cor das flores que ele produziria. Não somente estava sentindo o frescor da sombra, como fazendo planos de cultivar plantas frutíferas de pequeno porte, desse modo passou um tempo ali com seus pensamentos.

Entretanto, as vozes de um grupo de crianças que passava perto de sua casa em direção a praça, despertou lembranças de quando seus filhos eram pequenos e do quanto ela havia sofrido para suprir as necessidades dos seus pequenos, bem como o quanto já havia chorado escondido, discretamente, sem saber como seria o dia seguinte diante dos compromissos escolares dos filhos.

Da mesma maneira, comparou aqueles dias difíceis com os dias atuais, em que agora todos são adultos e cuidam honestamente de suas vidas. Nesse ínterim, uma folha seca caiu da árvore em seus cabelos e despertou sua atenção para o horário, assim se dirigiu a cozinha para o preparo do jantar. Por conseguinte, respirou fundo com a alegria de quem tem a consciência tranquila diante do dever cumprido com dignidade.

Porém, quem via dona Graciosa compartilhando sua vida com a natureza; com suas poucas e sinceras amizades; dedicando cuidados para com a família; tendo dedicação aos livros; fazendo o delicioso café, não imaginava que aquela doce e tranquila senhora já tinha passado por problemas sérios de saúde; de repressão e traição em alguns relacionamentos familiares; de tristezas profundas ao se deparar com verdades dolorosas. Mas o momento é de busca pela paz e pela saúde.

Seguramente, mantendo em seu íntimo as conquistas realizadas e em sua mente o conhecimento adquirido, logo desenvolveu o sentimento de compaixão que se estendeu, também pelas pessoas e pelos animais de uma forma ampla. Em conclusão, descobriu que uma de suas maiores e mais belas formas de cura, está no convívio com o próximo, assim como com cada uma de suas plantas e das plantas que compõem o verde do planeta.

Biografia

Me chamo Wanda Márcia de Souza e escolhi usar, nos meus textos, o pseudônimo W. Márcia Souza. Moro na cidade do Gama-DF; tenho uma filha licenciada em Letras pela Universidade de Brasília que é minha revisora, além de grande apoiadora.

A carta e a urna
Eduardo Martínez

Berenice não entendia por que havia sido chamada para aquela leitura de testamento. Não conhecia o falecido, um tal de Aldo Schmidt, ou qualquer dos parentes e amigos que ansiavam por um quinhão. Mesmo assim, fez questão de chegar a tempo e se sentar antes mesmo de todos, tamanha a curiosidade. Na certa, haviam-na confundida com uma homônima. Berenice Ananias Louzada de Alcântara? Não! Não era possível que houvesse outra. Meu Deus, só poderia ser ela!

Apesar de nunca ter visto aquelas pessoas, ninguém pareceu estranhar a presença de Berenice. Todos estavam mais interessados na voz do advogado, que lia as últimas vontades do seu ex-cliente, que morrera de alguma doença de velho há exatos 36 dias. Foi cremado, e suas cinzas cuidadosamente depositadas em uma urna, que estava sobre a estante de madeira de lei. Pela tonalidade avermelhada, obviamente que era mogno.

Depois de pouco mais de 10 ou 15 minutos de leitura, eis que começou o falatório daqueles que não haviam sido beneficiados por nem um vintém sequer. Quase todos, na verdade, a não ser a afilhada, filha única da empregada. Solteirão convicto que fora, não deixou herdeiros em linha direta, mas apenas primos e sobrinhos. Mas por que o finado havia insistido para que a parentada estivesse presente? Era óbvia a intenção de caçoar daquele bando de parasitas pela última vez. Com certeza, Aldo estava gargalhando do além, enquanto os vivos, do lado de cá, o amaldiçoavam.

E a balbúrdia prosseguia. Berenice se esforçava para manter a face rija, como querendo esconder expressões que pudessem gerar conflito. Rosto virado para o chão, sabia que os olhos a denunciariam, caso alguém os visse. Quieta. Absolutamente estática. No final de alguns minutos, que pareceram horas, a pequena plateia foi se dispersando, até que a mulher se viu sozinha na companhia do advogado. Um silêncio sepulcral tomou conta do local, até que, em seguida, foi interrompido pela mulher.

– Senhor, por que fui chamada, já que nunca nem ouvi falar desse Smith?

– Schmidt.

– Que seja! Não faço a menor ideia de quem era esse homem.

Mudo, o advogado se levantou e foi em direção à estante. Tomou a urna e um envelope ao lado. Virou-se com a intenção de dá-los àquela mulher, que nada entendia.

– Por que o senhor está me entregando essas coisas?

– Senhora Berenice, sou apenas o advogado. Nada sei sobre esse envelope. Mas o senhor Schmidt me orientou a entregá-lo à senhora. Ele me disse que a senhora entenderia tudo assim que lesse a carta que, suponho, esteja dentro desse envelope.

– Carta?

– Sim, há uma carta dentro do envelope.

Apesar do estranhamento, a mulher esticou o braço e quase tomou o envelope das mãos do

advogado. Ela olhou o objeto com cuidado, enquanto o homem, ainda em pé segurando a urna, apenas a observava. Berenice rasgou o envelope na lateral, de onde retirou uma carta, escrita com letra trêmula, mas legível.

Não lhe deixo algo valioso, pois bem sei que é uma senhora de posses. Como sei? Eu a fiz assim. E, antes que rasgue ou amasse essa missiva, deixe-me explicar.

Como já bem sabe, meus pais me deram o nome de Aldo Schmidt. Nasci no dia 12/12/1912, uma data, no mínimo, curiosa. Mas nada que tenha a ver com o caso em questão, a não ser que a senhora acredite em astrologia. Creio que não, tamanho o período do seu luto, que acompanhei de perto, como fetiche de uma mente doentia.

Nossas histórias se cruzaram há quase 60 anos, quando eu, ainda um jovem de 23, andava desgostoso da vida. Certamente, não por falta de opções, pois as possuía aos montes. Dinheiro não me faltava, pois nasci com o destino dos predestinados a uma vida de luxo. No entanto, o mundo aos pés não me parecia suficiente para tanta angústia.

Após os festejos da chegada de 1936, lá me encontrava afundado, em todos sentidos, no amplo sofá na varanda da casa dos meus pais. Entediado de tantas bebidas, peguei um cigarro sobre a mesa de centro. Mal o acendi, percebi a chegada de Rita, uma das empregadas, que carregava uma lixeira e começou a catar os restos da noite anterior. Olhei-a com desprezo e imaginei-me esmagando aquele ser sem qualquer valor aos meus olhos de então.

Ergui meu corpo e fui passear na ampla propriedade. O cigarro deu lugar a outro e mais quatro ou cinco. Lembro que parei diante da piscina, cujo fundo depositava uma enormidade de insetos. Havia um besouro, ainda com vida, na superfície, tentando se livrar do destino de se juntar aos seus semelhantes. Observei-o por, talvez, meia hora, até que o infeliz perdeu as forças e, vencido, afundou lentamente. Um prazer, até então incompreensível, tomou meu corpo.

Não tardou, lá estava eu fora dos muros das posses que, não tardaria, seriam minhas, já que meus pais morreram, após quase dois anos, por conta de um fortuito acidente de carro. Digo fortuito, pois foi o terceiro prazer que senti, levando-se em conta o trágico fim daquele besouro. Todavia, nem o primeiro e, muito menos, o terceiro interessam à senhora. Apenas o segundo, que foi justamente aquele que enlaçou nossos destinos.

Como havia dito, lá estava eu caminhando cada vez mais distante dos muros, quando decidi ir até o lago que, bem a senhora sabe, encontra-se a aproximadamente uma hora, dependendo dos ânimos dos passantes. Sentei-me numa enorme clareira em frente à placidez daquelas águas. Fiquei por ali por não sei quanto tempo, até que ouvi vozes. Virei o rosto e percebi que eram dois homens pouco mais velhos, mas que não haviam chegado aos 30, como soube alguns dias depois.

Um era pouca coisa mais alto, encorpado, cabelos praticamente negros. O outro era esguio, quase loiro, olhos de um castanho bem claro. Não vou descrevê-lo com maiores detalhes, mesmo porque, tenho certeza, a senhora poderia fazê-lo muito melhor. Afinal, era seu finado esposo.

Aqueles dois foram ali para pescar. Colocaram as tralhas debaixo de uma árvore, conversaram algo que não consegui captar, apesar dos ouvidos atentos. Seja como for, seu marido pegou uma lata e uma pequena pá. Ele deu alguns passos em direção a uma terra mais fofa, onde começou a cavucar em busca de minhocas. O amigo retirou sapatos e meias e foi em direção à beira, onde colocou os pés e pegou um pouco de água com as mãos para jogá-la no rosto.

Não sei exatamente por que fiz, mas sei que o fiz. Peguei um robusto pedaço de pau ao lado e, decidido, caminhei em direção ao seu marido. Aproximei-me como um felino e, sem pensar, desferi-lhe um golpe certeiro na nuca. Nenhum gemido. Ele caiu que nem jaca madura. Apenas o som abafado daquela face na terra úmida.

Saí apressado do local, antes que o outro homem percebesse minha presença. Não me lembro de ter olhado para trás, até que voltei para casa, onde fui em direção à piscina. O besouro continuava lá, imóvel, junto aos seus. Creio que fui bem-sucedido, já que, até onde soube desde então, o amigo do seu marido jamais mencionou que tivesse visto alguém naquele dia.

Sem suspeitos mais convenientes, a polícia acabou prendendo o amigo do seu marido. Torturam-no até

que, finalmente, o homem sucumbiu e confessou que havia assassinado o amigo. O motivo, segundo as investigações, seria mais óbvio se o morto fosse ele, já que, como bem a senhora sabe, era seu amante. Tal detalhe, entretanto, foi suprimido dos autos. Não que a polícia quisesse protegê-la de tamanho escândalo. Tudo não passou de um pedido meu, generosamente regado à paga.

Com esse gesto, que pode lhe parecer de bondade, fiz-lhe o favor de manter a sua reputação ilibada de dama da sociedade. Caso eu não tivesse tido esse ímpeto, certamente a senhora não herdaria a fortuna do finado, que, bem sabemos, era de fazer inveja até mesmo àquela que herdei.

Quanto ao assassino confesso, que agora revelo que foi apenas um bode expiatório diante da incapacidade da polícia, foi condenado a 28 anos de prisão. Não cumpriu dois, pois, sabemos, enforcou-se na cela. Pobre alma. Católico que era, parece-me que se deixou sucumbir ao pecado do suicídio. Que Deus tenha piedade daquela pobre alma!

Para finalizar, entrego minhas cinzas à senhora. Faça o que desejar. Que seja o melhor ou o pior. Não me importo. Sei que cumpri minha sina e espero que, também, a senhora cumpra a sua.

Atenciosamente,
Aldo Schmidt

Berenice virou a folha. Nenhuma palavra mais. Ergueu o corpo, guardou a carta na bolsa. Encarou o advogado, tomou-lhe a urna e foi embora.

Biografia: Eduardo Martínez nasceu na cidade do Rio de Janeiro, possui formação em Jornalismo, Medicina Veterinária e Engenharia Agrônômica. Autor dos romances “Despido de ilusões” e “Raquel”, além de várias participações em coletâneas de contos e crônicas. [pic]



Crônicas

OS SILÊNCIOS DA MINHA RUA

Estamos vivendo um período atípico, o mundo mudou, as pessoas mudaram, as ruas mudaram. Por isso, hoje, 20 de julho, resolvi observar a rua onde moro, para saber como ela estava, o que havia mudado em sua rotina diária. Então, à noite, resolvi abrir o portão da minha casa para observar a rua, os carros, as calçadas, as pessoas, as conversas, os barulhos comuns. E, assim, o fiz. Abri-o, vagarosamente, não como de costume, para ir à calçada gastar um pouco de meu tempo corrido e caro para conversar com os amigos e vizinhos sobre as coisas da vida, mas para deitar meu olhar sobre os silêncios da rua e perceber o que havia sido modificado devido as consequências provocadas pelo isolamento social.

A minha rua faz esquina com a Central do Cidadão, há uma loja que vende placas, um tipo de loteca onde são pagas as contas de água, luz, telefone etc. Essa rua dá acesso à avenida principal da cidade, Av. Senador João Câmara. Na outra esquadra, há uma loja de conserto de sofá e bancos de carros. Há também um salão de estética, onde as pessoas vão cuidar da beleza.

Observar minha rua é importante porque eu estava acostumada a vê-la de outra forma, com muito movimento de pessoas conhecidas e desconhecidas, muitos carros, passando e fazendo barulhos diversos, como as propagandas etc., e agora ela estava diferente, sem grandes movimentações de vozes humanas e do tráfego dos veículos.

A noite parecia triste, e a rua estava calma, silenciosa, calada, abandonada pelas vozes das pessoas e pelo barulhar dos carros. Mas era apenas um olhar de uma segunda-feira, pois, nesses dias, parece-me que a noite também dorme e descansa com os seus olhos de ressaca, não como os de Capitu, que, além disso, são oblíquos e dissimulados, mas como os de quem, mesmo cansado, deseja levantar-se e correr em direção ao pôr-do-sol para o observar e sentir sua beleza.

Nesta rua, ao abrir o portão de casa, sempre ouvia as buzinas dos carros e motos, como também o barulho dos pneus derrapando sobre o asfalto da rua, negro como os pesadelos das noites de dor e sofrimento porque passam as pessoas que sofrem devido as almas dos seus familiares que foram arrancadas pelo vírus da covid-19.

O céu estava nublando, com tom meio escuro-acinzentado... Bateu-me a saudade das vezes em que eu via e sentia o movimentar da rua. Havia gritos das brincadeiras das crianças nas calçadas; vozes sonhadoras dos jovens que caminhavam por ali, carregando em suas mochilas os seus desejos de construir um mundo melhor; conversas dos mais velhos sentados em cadeiras confortáveis na frente de suas casas; o agitado trânsito da rua conhecida como a Rua da Central do Cidadão; o movimento de ir e vir de pessoas, bicicletas, motos e carros todos os dias, todas as noites, como esta, que dorme com ressaca pelas dores humanas.

Aos sábados, se aglomeravam carros pesados, carros de passeio, ônibus, motos e pessoas, porque no segundo sábado de cada mês era o dia que haveria a prova de volante realizada pelo DETRAN para novos condutores na Central do Cidadão. Isso já era um motivo para aumentar o fluxo da rua e o barulho tão peculiar e que agora dá espaço aos silêncios.

São esses silêncios que agora me fazem pensar no que está acontecendo em nossas cidades, ruas, casas e em nossas vidas. Toda essa mudança provocada por um vírus, um pequeno e invisível ser que se esconde não de propósito, mas por ser invisível aos nossos olhos nus, parecendo ser inofensivo; no entanto, tem provocado tantas dores, sofrimentos e mortes aqui e no mundo inteiro.

Dei-me conta de que esses silêncios não eram somente os silêncios da noite, como antes, no tempo em que éramos crianças e todo o barulho que havia eram os sons dos grilos e de outros bichos na noite. Os silêncios que senti na minha rua foram provocados pelo medo das pessoas de sair de casa, de ficar doente, de morrer ou de provocar morte nas outras pessoas que nos são caras e importantes.

E, assim, foi-se embora a noite com seus silêncios, carregada pelas gotas da pouca e suave chuva que começava a cair, levando consigo silêncios. Não havia outro barulho, a não ser dos pingos caindo em minha calçada. Não avistei ninguém na rua, apenas cachorros correndo em busca de abrigo para não se molhar. Não gastei muito tempo ali, não havia mais nada em que debruçar meus olhos e sentidos.

Fechei o portão, deixei os silêncios lá fora, mas percebi e senti que, dentro de minha casa, também os silêncios estavam lá. Os silêncios estavam na minha mente, nos cômodos, nos móveis, nas ausências. Tomei um banho e vesti a roupa de dormir. Mas observei que alguma coisa estava mudando em meu corpo, foi nesse momento que me dei conta de que os meses anteriores tinham ganhado uma outra forma.

No dia 21, dentro de casa, acordei sozinha com os mesmos silêncios. Abri a porta, e lá fora, além dos

silêncios, também estavam as gotas do orvalho caídas na madrugada da noite anterior. Olhei a rua, parecia que ela ainda estava dormindo ressecada. Não havia mais vizinhas varrendo na frente de suas portas, nem pessoas caminhando nas calçadas, o silêncio continuava reinando, não eram impressões de minha mente, uma mudança havia ocorrido. Aquela rua agitada pelas buzinas dos carros e motos, pelos anúncios em alto-falantes, avisando das promoções dos supermercados e lojas de construção, como também não havia mais pessoas saindo e entrando em suas casas. Apenas os silêncios da rua!

Voltei para dentro de casa, tive a ideia de vestir-me como se fosse trabalhar. A roupa apertou-me tanto, que senti que ela me falava alguma coisa daquele momento, como a saudade de ir ao trabalho, à faculdade e tomar um café na casa de minha irmã. Sai novamente à tarde, mas não vi as vizinhas em ponto de conversas nas calçadas, cadeiras, prosas, sorrisos, com aquele cumprimento de boa tarde, tudo bem. Tudo era silêncio, não havia como eu traduzir tão estranhas e misturadas emoções. Só sabia que a rua dormia junto com os sonhos das almas boas de seus moradores.

Senti que esses silêncios, vividos em um momento inesperado, não eram de paz e tranquilidade, mas provocados pelo medo, pela insegurança, pela inquietação, pelas incertezas, pelas angústias e pelas sensações ruins trazidas de forma indesejada e indevida pelas consequências provocadas pela pandemia do coronavírus. Foi aí que, com essa transformação sonora da rua, descobri e vi os cantos dos pássaros no meu quintal. Os ruídos provocados pelos carros, deu lugar agora ao canto dos pássaros.

Ainda na tardezinha do dia 21, lembrei de minha rotina, como pegar o ônibus, ir à faculdade. Então, caminhei até o lugar onde eu esperava o transporte, eu já o conhecia de longe, mas meu olhar ficou perdido naquele vazio e silêncio da rua. Eu sabia que ele não iria passar e que não encontraria meus amigos. No ônibus não haveria os sorrisos, os abraços, as palavras dos amigos a conversar durante a viagem até a faculdade. Naquela tarde, naquele ponto de ônibus, naquele transporte não encontrei ninguém, apenas os silêncios da rua.

Nesse atual momento de pandemia, tudo tem sido muito difícil e delicado, em virtude de não poder abraçar, nem tocar as pessoas como antes, com medo do contágio pela covid-19. Assim, observei o silêncio das ruas, que possui um grande significado e aprendizado, porque pude ver o quanto o dia a dia das ruas e das pessoas que ali passavam ou ainda passam mudou. O silêncio nas ruas fez-me refletir sobre as mudanças que irão continuar por um longo período, acontecimentos do cotidiano que são incertos, por isso é preciso preparação para essa nova realidade diferente e complexa.

Hoje, manhã do dia 22 de julho, vi que os silêncios estavam sendo aos poucos quebrados pelos barulhos do raiar do sol, dos cantos dos pássaros, das poucas pessoas, usando máscaras, voltando a caminhar, dos homens passando de bicicletas, motos e carros, do movimento das pessoas que procuram os poucos serviços, mesmo que ainda restritos, prestados na Central do Cidadão. Aos poucos a vida começa a tomar a sua realidade, e os silêncios da rua são quebrados

Edna Medeiros

A Rua do Motor Velho

Entre as muitas belas histórias que marcaram minha saudosa infância, há uma sobre a rua onde morei naquela época. O lugar era conhecido como a antiga Rua do Motor Velho, hoje é oficialmente registrada como rua Dr. Adalberto Amorim, em Assú/RN. Aquela foi a rua onde floresceu a minha primeira idade. Ela sempre estava repleta de muitas outras crianças, que brincavam na frente das casas, como um algo infinitamente mágico de se viver. Éramos como anjos na terra, não havia maldade alguma entre nós. Brincávamos, e o brincar se constituía o nosso universo de sonhos e experiências boas.

Um dia, dos muitos outros que marcaram a idade dos sonhos inocentes, ainda vive se apresentado a mim em memórias boas. Não fujo deles, pelo contrário, eu os revivo inteira e intensamente em minhas recordações doces. Era uma tarde, como as outras. Os sinais de que uma chuva viria em pouco tempo nos ameaçava com nuvens escuras, relâmpagos e trovões. Mas aquilo não era uma surpresa, porque a gente sabia, mesmo com nossas poucas experiências pueris, que era quase sempre no final das tardes que as chuvas nos empurravam para dentro de nossas casas, quando nossas mães não nos deixavam correr por entre as poças de água formadas pela chuva. Era raro quando isso acontecia.

Na maioria das vezes quando apontavam os primeiros sinais da chuva, as vozes doces e suaves de nossas mães nos orientavam para que entrássemos em nossas casas. A minha mamãe, com medo da chuva, deitava-me, junto aos meus irmãos, e nos cobria com um lençol cheiroso e doce como ela. Ficávamos com um pouco de medo.

Mas naquele dia vivenciamos uma experiência de brincar na chuva. A rua estava cheia de crianças, assim como se fosse uma creche, corríamos, pulávamos, brincávamos das mais variadas formas. Após a chuva passar, a rua ficava toda alagada e cheia de buracos. Era aquela confusão! Os carros, a carroças e as bicicletas não podiam mais passar pela rua. Agora ela era apenas nossa, e, com grande animação, construíamos casinhas de barro no molhado do chão antes dominado pelo trânsito ainda não intenso como hoje.

Não existia uma rua igual a que nós morávamos. Brincamos bastante nas águas sagradas da chuva que lá caía, banhávamos nas poças de barro e subíamos nos galhos das árvores, nos quais cavalgávamos como se fossem os nossos cavalos, bailávamos nas corridas pelas calçadas das casas, disputávamos, no empurrar-empurra, os espaços embaixo das bicas que parecia grandes bocas cuspidando água doce em nossas cabeças.

Os meninos iam às tapas, enquanto as meninas observavam o clima esquentar entre eles, com chutes e empurrões. Os pais permaneciam trancados em casa com medo dos relâmpagos e trovões, não sabiam eles que as crianças, muitas vezes, fugiam para tomar banho na chuva sem que eles percebessem. Ao final, ouvíamos nossas mães gritarem para entrarmos porque se permanecêssemos mais tempo ali iríamos adoecer.

As crianças sem pensar, só queriam disputar um canto naquela chuva, alagando a nossa rua, que mais parecia um pedacinho de mar. Só depois que a chuva passava, é que as brigas entre os meninos iam se acalmando, parecia que a raiva não tinha mais lugar entre nós, depois de a chuva ganhar outros ares. Também era verdade que, naquela época, nossos pais tinham cuidado redobrado com os filhos, pois era comum formar grandes buracos nas ruas, o que poderia causar afogamento de crianças.

Depois daquela chuva passar, naquele feliz dia de tarde fria, mas aconchegante, eu sai para a rua e fiz, no chão ainda molhado, uma casinha de areia. Hoje levanto as mãos e olho para elas, lembro, revivo e vejo como se elas ainda estivessem molhadas e sujas com a areia da Rua do Motor Velho. Eu sorria, sentia o frescor da brisa em meu rosto, sentia o florir de minha bela infância. Eu corri brinquei, saltitei, fiz travessura, não vi perigo. Eu vivi!

Viver é como fazer uma casinha de areia no chão molhado após uma chuva torrencial, é como sonhar e realizar o que sonhou, mesmo que seja simples, é contemplar as tardes de chuva, é recordar aquela casinha que construí e que o vento depois a desmanchou, mas que a mente nunca esqueceu. Que saudade da Rua do Motor Velho! Que saudade da minha casinha de areia.

Edna Severina

Carioca, nascido em 1980 e formado em direito pela PUC/RJ. É procurador federal e autor dos livros "Na estrada com Fidel: o outdoor na Revolução Cubana" (Contradanza, 2018) e "Meu vovô cubano" (Contradanza, 2022).

Veneza

Veneza é uma Disneylândia para gente grande apaixonada. Se Tom Jobim falou que ninguém pode dizer que é feliz sem ter morado em Ipanema, posso dizer que ninguém se apaixonou de verdade sem que ter tido um romance em Veneza.

Tudo por lá é inspirador: as cores; os canais, a arquitetura; a comida e o vinho; as igrejas, o modo peculiar de se locomover em balsas, lanchas, bicicleta e a pé (não há espaço para carros). É a mais peculiar das cidades do mundo. Um velho chavão dos guias de viagens sobre a cidade pede aos viajantes que se “percam” pelos becos e vielas. Mesmo dispondo de apenas um par de horas, todo casal digno deve se dar o direito de caminhar sem mapas ou programas de GPS.

Formada por 118 ilhas, 177 canais e 400 pontes, a cidade foi construída sobre as águas do Mar Adriático no ano 452 e, desde então, inspira artistas em obras nas quais ou ela é a protagonista ou desempenha papel importante: são quadros, esculturas, igrejas, pontes, praças, livros, canções e filmes que passaram à imortalidade. Não é à toa, portanto, que anualmente 20 milhões de turistas passem pela cidade de apenas 280 mil habitantes (a título de comparação, o Brasil recebe 6 milhões de turistas por ano).

Veneza é o lugar adequado para uma imersão nas pinturas de Tiziano e Tintoretto; onde o compositor Antonio Vivaldi nasceu; onde o 007 de Sean Connery e o Indiana Jones de Harrison Ford foram desatar nós. É a cidade do glamoroso carnaval de máscaras e de um dos mais importantes festivais de cinema do mundo. Para quem gosta de livros e quiser se aproximar de edições e documentos raros recomendo a Biblioteca Nazionale Marciana e a Sale Monumentali della Libreria Sansoviniana. Veneza tem uma curiosa livraria em que os clientes podem desembarcar das gôndolas direto para as compras: é a Libreria Acqua Alta que se, sabidamente, se intitula “a mais bonita do mundo”.

A primeira vez em que fiquei impactado com aquela paisagem especial foi pela delicadeza das lentes de Woody Allen, no filme “Todos dizem eu te amo”. Veneza é introduzida na obra com uma trombada do casal dos personagens norte-americanos, protagonizados por Allen e Julia Roberts, na ponte San Cristoforo, enquanto ela fazia a sua corrida matinal e ele andava distraído.

Assim, imagine a minha felicidade ao chegar na estação de trem da cidade e caminhar até o píer dos vaporettos (as barcas de Veneza), ao lado do meu objeto de desejo. Ali chegamos apaixonados e, cinco dias depois, fui embora ardendo em febre, já que o corpo não conseguia esfriar tanto amor nem combater uma inflamação de garganta.

O apartamento em que nos hospedamos era de fundos e ficava no primeiro andar de um prédio de apenas três pavimentos. A sala e o quarto apontavam para um pequeno canal, sem grande movimento de barcos – apenas gôndolas e lanchas. No último dia, quando tivemos que deixar as chaves do apartamento com a administradora, foi como se estivesse deixando um pedaço de mim e renunciando à minha verdadeira e definitiva vocação na terra: comer, amar e... beber vinhos italianos.

Mas devemos agradecer quando as paixões começam a diminuir de intensidade, até se converterem em amor ou em separação. É que a paixão é um truque da evolução de pouca sutileza, para que as pessoas se encontrem, fiquem juntas e, eventualmente, procriem. Caso a fase aguda da paixão durasse mais do que a média de um a dois anos, aposto que nossas vidas ficariam inviabilizadas e sofreríamos ainda mais, tentando prover as nossas cidades e famílias com segurança e alimentos.

Falo com propriedade, pois escrevo depois de ultrapassada aquela paixão avassaladora, hoje convertida em uma inédita (no meu caso) e madura forma de amar. Se o personagem neurótico woodyaliano que carrego estará controlado por muito tempo, não sei, o que desconho é que eu nunca mais consiga voltar para aquela Veneza da minha memória: sensual, colorida pela paixão, musical e misteriosa – não importa quantas vezes eu retorne à cidade.

A RUA DOS OITIZEIROS

Em janeiro chovem oitis na rua em que meus pés meninos pisavam. Nas sombras dos oitizeiros toda uma infância brincava. Soubesse eu que a eternidade das crianças durava menos que a das árvores, amarrar-me-ia em seus troncos, apenas para me atrasar um pouco mais à maturidade. Os anos inocentes deviam durar o tempo das árvores.

Hoje trabalho na mesma rua em que antes brincava. Meu adulto olha o menino que por ali perambula no século passado. Porém, não é pela rua da infância que agora percorro, mas no atravessar pelo canto dos pássaros e no pisar das calçadas amarelas pelos oitis derramados.

Passeio pelos mesmos cantos e novos buracos, como se pedalando bicicletas e me desviando das raízes das árvores que o menino contornava. E, assim, meus dias vão se misturando por entre folhagens em ramos arqueados pelo pesar dos anos. No cimo dos oitizeiros passarinhos se protegem camuflados pelo verde dos minutos pousados, enquanto borboleteiam no céu dos seus sonhos alados.

As casas de antes continuam sendo paisagens, resistindo ao mudar do mundo e dos transeuntes, embora nelas agora morem estranhos residentes, indiferentes aos fantasmas das famílias do ontem, que me povoam os espaços mais salgados da memória.

Por aqui andei, como ando por sobre as pegadas apagadas daquele miúdo garoto que não sabia que, além das fronteiras daquela quadra em que a rua ficava, havia territórios a serem ocupados e cemitérios até então nunca visitados.

Não preciso de uma Madeleine para de mim ser lembrado; já vivo em meu próprio sítio arqueológico de ossos, e nos dias de chuva ou de frio me doem as costelas retiradas. Ao contrário de Proust, não busco o tempo perdido. Vivo dentro do tempo perdido.

Pela rua da infância que ainda percorro, sopram-me aos ouvidos remanescentes sonhos que sobraram da minha anterior imortalidade.

Joaquim Cesário de Mello
Contato: jcesariomelo@bol.com.br

MINIBIOGRAFIA

Psicólogo e professor universitário. Como poeta e escritor participou de várias antologias nacionais e internacionais. Autor dos livros *Dialética Terapeuta*, *A Alma Humana*, *A Psicologia nos Ditados Populares*, *A Vida Como Um Espanto*, *No Cemitério das Nuvens* e *Memórias do Esquecimento* (2023).

QUARENTENA

José Marcos Ramos

Meus fantasmas estão em quarentena comigo. Às vezes eles conversam comigo nas línguas que domino. Fazem-me lembrar erros e acertos. Já não me assusto, os coloco no varal e deixo-os ao vento que brota da fresta da janela.

Assim caminho nesta quarentena, limpando os livros da estante, relendo trechos dos livros antigos, descobrindo livros que não li.

Dentre romances e poesias releio a vida dos santos, meu Deus! Como é sofrido ser santo!

A duração do dia faz correr o tempo para a hora do lanche. Choro com a peculiar tristeza guardada num bolo de limão.

Nem tudo cabe na paisagem: tem uma distância entre o carteiro e o poeta.

O leite derramado em Budapeste foi a gota d'água para o irmão alemão, um estorvo.

A terra dos meninos pelados nos devolve a infância, vidas secas.

O sangue de Coca-Cola escorreu quando fui morto em cuba e Hitler manda lembranças no dia em que Ernest Hemingway morreu crucificado.

Vou atrás da mitologia grega, é mais interessante, heroico. Fujo das tragédias, fico apenas com o lírico, o canto da sereia.

De repente surge em minhas mãos o Dom Casmurro e eu já nem sei mais se Capitu traiu o Bentinho ou se foi só uma divagação do Alienista lendo Memórias póstuma de Brás Cubas e Capitu era a Helena.

E nestes Cem anos de Solidão (é o que parece esta quarentena) com Crônica de uma morte anunciada só fica o amor nos tempos de cólera. E Viva! Gabriel Garcia Marquez.

E já dizia João Cabral de Melo Neto: Como aqui a morte é tanta, só é possível trabalhar nestas profissões que fazem da morte ofício ou bazar.

O resto fica em casa! Para evitar a Morte Severina.

Lembro-me muito bem. Quando éramos crianças, assim que o ano letivo terminava, os meus pais mandavam-nos para a aldeia para passarmos uma parte do verão em casa dos avós. Aqueles verões calorosos fazem parte das recordações da vida que nunca mais são esquecidas, mas aquele em particular ficou-me especialmente gravado na memória. O meu irmão Jorge e eu aguardávamos ansiosamente por esse mês cada ano da nossa infância. Nos últimos dias de aulas, contávamos nervosamente o tempo que faltava, e quando o dia tão esperado chegava, fazíamos a viagem da cidade colados ao couro sintético dos bancos traseiros do carro do pai que apenas tinha, claro, o sistema de ar condicionado normal nos automóveis da época, janelas abertas para deixar o ar circular, e lá íamos nós, suados e sobreaquecidos, a beber refrigerantes com palhinha e a comer as sandes que a mãe preparava para nós e colocava numa lancheira redonda de metal. Quando chegávamos à aldeia, aquele cheiro particular a fumo e a enchidos de todos os anos estava lá à nossa espera, era só descer do carro do pai e o cheiro estava a aguardar por nós, a dar-nos as boas-vindas. Aquele aroma evocativo de outros verões pairava no ar toda a tarde, abraçando-nos, e depois quando acordávamos na manhã seguinte, passava a fazer parte de nós mesmos e nem voltávamos a reparar nele.

O pai fazia sempre a mesma coisa, ficava lá apenas nesse dia e depois à noite voltava para a cidade, porque tinha que trabalhar. A avó, com um ar de urgência, apressava-se a pô-lo a par de todas as novidades e os mexericos sobre os vizinhos enquanto tomavam café e comiam bolo. Nós pela nossa parte, costumávamos passar a primeira tarde a fazer um reconhecimento do local, recuperando as memórias do ano anterior. Percorriamos demoradamente o pátio, o galinheiro, a cozinha, os quartos, a casa de banho com a torneira sempre a pingar, até nos sentirmos novamente lá, até sentirmos que voltávamos a fazer parte do lugar. Já no dia seguinte formávamos um grupo com outros miúdos, e apenas durante esse mês do ano éramos livres a todas as horas do dia, com exceção das horas das refeições, em que éramos obrigados a comparecer pontualmente, sob pena de sermos castigados com um confinamento num quarto da casa durante horas, e ficar aborrecidos numa daquelas tardes lentas, quentes, preguiçosas e cheias de moscas, que pareciam durar três vezes mais do que uma tarde normal.

A não ser isso, entrávamos e saíamos quando queríamos, sem pedir autorização, como era usual na altura numa aldeia pequena onde nunca acontecia nada fora do normal. E assim, com exceção da observância de alguns avisos óbvios, como não brincar na estrada ou não ir ao rio para nadar sem a supervisão de um adulto, íamos e vínhamos de um lugar para outro, guiados apenas pela nossa vontade inconstante e volúvel. Um dos nossos passatempos favoritos era, naturalmente, jogar futebol, e para isso tínhamos à nossa disposição o campo da Ínsua, junto ao rio. No caminho do rio vivia o Sr. Emílio, numa casa pequena com um quintal também pequeno. Embora eu não me interessasse por essas coisas, tinha ouvido a avó Cármen dizer que a mulher dele morava em França há muitos anos, onde tinha ido para trabalhar. E, bem, não sei se era o caso de outras crianças, mas eu tinha reparado na forma especial como os adultos falam quando estão a esconder alguma coisa, quando só querem contar uma parte de alguma história, poupando-nos os pormenores que supõem inadequados, e pelo rosto da avó e pelas pausas e silêncios que fazia quando estava a falar sobre isso com o pai, eu podia sentir que havia algo naquele assunto que não me era permitido saber.

O Sr. Emílio vivia sozinho. Bem, não era exatamente assim, porque tinha um cão. Era um cão grande e preto. Chamava-se Titã, e ganhava a ração e a carícia do dia a ladrar, a fazer o seu trabalho. Ladrava ruidosamente a quem passava, latidos de guardião da sua casa e protetor do seu dono. E também não tinha muito mais para fazer, pois nunca saía do pátio, uma vez que o seu amo há muito que tinha perdido a vontade de o levar a passear. E nós, nas nossas deslocações diárias ao campo de futebol, e só pelo prazer de chatear, quando passávamos por diante latíamos em coro o mais alto que podíamos para irritar o pobre animal. Não sei quem teve a ideia, mas adquirimos esse hábito parvo. Às vezes o senhor Emílio saía da casa com um enfado como fingido, e embora soubéssemos que ele não tinha qualquer intenção de nos fazer mal, desatávamos a correr aos gritos, acho que era como uma brincadeira, pelo menos para nós, não sei se para ele também, e apesar de

sabermos que ele não tinha intenção de nos fazer nada, ficávamos todos com medo, porque o medo é muito contagioso e assim que um de nós berrava ou começava a correr, o surto espalhava-se de forma imediata, alastrava como um incêndio e fugíamos assustados e divertidos a gritar e a rir ao mesmo tempo.

Mas houve um dia em que as coisas não correram bem assim. Sim, um daqueles dias, quando nos acercávamos do pátio, começámos o nosso habitual recital de latidos, mas estranhamente, o cão não estava à vista, e não se aproximou da vedação como de costume. Então olhei mais à frente, para o portão, e vi que estava entreaberto, o Sr. Emílio estava lá fora, no fim do caminho a atirar uns ramos que tinha cortado e ele não se tinha dado ao trabalho de o fechar. O Titã saiu devagar, com a cabeça um pouco baixa e os olhos fixos em nós. Parou por um momento, como que para nos dar um pouco de vantagem. Depois começou a andar, lentamente no início, mas de repente rompeu a correr. O pânico caiu sobre nós como uma chuva torrencial, ensopou-nos até aos ossos, e a fuga em debandada foi ruidosa e desordenada cada um de nós a correr para onde calhou porque não tínhamos plano de retirada nem tínhamos pensado nunca na hipótese de ter que escapar a sério. Eu, talvez por ser o mais novo e o menos rápido, fui escolhido por Titã, que me perseguiu durante alguns metros até eu tropeçar e cair no chão, mas ele não me fez nada de mal, só continuou a sua corrida sem me prestar atenção. E foi então que percebi que ele não estava interessado em mim, e que estava apenas a desfrutar da sua liberdade. Ele correu e correu até o perdermos de vista. O Sr. Emílio chamou-o aos gritos, mas ele já estava demasiado longe e demasiado ocupado a descobrir todo aquele mundo cheio de cheiros novos e de estímulos desconhecidos agora ao seu alcance. Não o vimos nos dias seguintes, ninguém teve notícias dele. O Sr. Emílio procurou-o na aldeia e nos arredores, mas não o encontrou. No início eu alegrei-me, pensei que ele era um fugitivo que decidira viver a sua vida em liberdade. Mesmo sentados na relva, suados depois do jogo de futebol, inventámos histórias fantasiosas sobre a sua nova vida selvagem e livre no campo. Não, ninguém soube dele durante algum tempo, até que a notícia finalmente, chegou-nos de bicicleta. O Titã tinha corrido sem rumo durante muitos quilómetros, até à exaustão, e depois, desorientado, tinha sido atropelado por um camião. Manuel, o carteiro, encontrou-o morto na valeta, na estrada da ponte, quando vinha a pedalar em direção à aldeia para entregar as cartas.

Ficámos chocados com a nova, passámos a tarde inteira tristonhos e calados, a vaguear sem rumo de um lugar para outro confrontados com a morte, de um cão, sim, mas uma morte. Mas as crianças têm reações singulares, e no dia seguinte, sem ter combinado, ao passarmos novamente pela casa do Sr. Emílio, e sem ter falado sobre isso, começamos a ladrar, e sem eu saber porquê, latimos mais forte do que nunca, embora todos soubéssemos que já não havia nenhum cão para incomodar. Sim, era mesmo só para gozar com o Sr. Emílio, com uma crueldade estúpida e infantil. E de repente, ele abriu a porta e ficou ali parado, com a mão apoiada no rebordo da soleira e o olhar perdido na distância, acima de nós. Os outros assim que o viram fugiram a rir e a gritar, a repetir a habitual fuga caótica e barulhenta de todos os dias, mas eu não consegui. Fiquei ali imóvel, retido por uma força que eu ainda não conhecia chamada remorso. E então ele olhou para mim e senti o tempo a parar. Olhámo-nos nos olhos. Não estava zangado, os seus olhos não exprimiam raiva nem fúria. Era muito pior, o seu olhar exprimia uma tristeza desamparada, impotente e definitiva. A sua dor acutilante atravessou o ar, apunhalou o meu peito e trespassou-me como uma lâmina afiada transformada em lástima dentro de mim, e senti uma compaixão infinita por ele e também por mim próprio, porque pela primeira vez na minha vida, senti a sombra sinistra da vileza a pairar sobre mim, e com o véu da inocência infantil caído aos meus pés, os meus olhos descobertos viram tudo. Eu compreendi tudo, entendi que eu era um dos maus, um vilão estúpido que fica imóvel no local do crime, paralisado pela visão de algo que nunca tinha visto, a imagem maligna de um “eu” que não conhecia. O Sr. Emílio virou-se e entrou naquela casa pequena e escura, deixando a porta fechar-se atrás de si. Então eu soube que ele iria viver a partir de aquele momento verdadeiramente só, senti o peso sombrio da culpa a esmagar-me, e soube também que demoraria muito tempo até eu poder contar esta história a alguém.

Biografia. Chamo-me José Termenón Pintos. Sou galego, moro em Vigo, na Galiza, muito perto de Portugal.

Gosto muito da língua portuguesa por proximidade física, cultural e até emocional. Sou casado, tenho duas filhas fantásticas. Nos meus tempos livres toco saxofone e por vezes escrevo relatos.

— Eu desejo ir ver a praia papai.

Foram através dessas palavras que despertaram uma grande tristeza e obscureceram em minha mente, respirar era uma luta, como se cada sinapse cerebral tivesse que fazer extremo esforço para deixar o ar entrar em seus pulmões e segurar as lágrimas. Manter um o rosto livre da dor no coração estava sendo mais difícil do que ele havia imaginado, mesmo que a possibilidade desse desejo sempre tivesse pairado no fundo de sua mente, escutar essa frase era como uma fincada, como se ele tivesse lutado contra um lago e tivesse ganho, mas na verdade a verdadeira luta era contra o oceano.

Com um sorriso forçado deu um beijo na testa de sua filha e saiu do hospital, atravessar os corredores e voltar para casa de carro era como uma grande nevoa negra na memória. Um lapso de memória e pessoas com frases de apoio que meu cérebro não arquivou e entrou no piloto automático até que eu estivesse dentro de minha banheira, sem saber se alguma hora havia colocado água quente, se ela foi esfriando em seu corpo durante o tempo lento que passava, ou se apenas havia esquecido de pagar a conta de gás ou de luz já que estava no escuro, iluminado por um feixe de luz do poste da rua que entrava pela cortina com um rasgo de surto.

Olhar para aquele rasgo estando em um banheiro pavoroso, que lembrava banheiros de manicômio, com o cheiro de toalhas úmidas e cheias de fungo que não viam o sol o vento do varal fazia anos. Aquele pequeno rasgo foi o início de tudo. Estamos colocando uma cortina temática marinha cheia de peixes de desenho animado para tampar a área da banheira, brincando que iríamos fazer uma grande coleção de patinhos de borracha, mas então ela escorregou no plástico e durante aqueles segundos congelantes pude ver ela caindo em câmera lenta com um grito preso na garganta quando caiu com o braço virado para a quina da banheira.

Encolhida em meus braços levei-a até meu carro e dirigi o mais rápido possível, deixando a cortina jogada no banheiro e o cano para prende-la havia rasgado a cortininha que tampava o banheiro de olhos invasores, mas não me importei com isso nem com as três multas que levaria pelo excesso de velocidade. Ao chegar no hospital em um exame rápido foi constatado que ela havia deslocado o ombro, ela foi sedada e rapidamente colocaram no lugar, houve muito choro, mas nada que um pirulito de caramelo não resolvesse.

Ao sair do hospital o pediatra me lembrou que vendo a ficha dela já estava na hora de tomar algumas vacinas e exames de rotina. Estava tarde e ela já havia sentido dor equivalente a semana toda, alguns exames podiam esperar. Duas semanas depois retorno correndo ao hospital, com ela desmaiada em meus braços e já sendo internada para fazer uma bateria de exames.

Os médicos me faziam mil e uma perguntas as quais eu não conseguia responder rápido ou me lembrar do que dizer. O maior questionamento foi, onde está a mãe dela, um leve olhar para baixo já parecia dizer mais do que mil palavras, comecei dizendo que ela agora vivia doente, sempre estava sem energia ou sem fome, mas que ele pensava que isso poderia ser simplesmente falta da mãe. Ao examinarem ela direito encontraram algo horrível, algo que sugou todas as cores de minha vida e desde então o mundo se tornou preto e branco, como uma ala de hospital.

Agora ali estava eu olhando o feixe de luz sem vida que entrava, me levantando depois de horas parado na banheira sentindo minha pele enrugada ser enxuta de leve por uma toalha úmida que deveria estar fedorenta, mas as sensações não eram mais capitadas por mim. Me sentei no sofá observando a sala enquanto procurava o controle da televisão, livro estava espalhado para todos os lados, caixas de pizza, hamburques e comida chinesa, a poeira formava uma camada escura sobre alguns brinquedos que não podiam ir para o hospital.

A fome havia sumido para aquele dia, ao olhar minha barriga farta percebi que não era apenas a tristeza que

me enxia. Ao pegar o controle remoto e ligar a TV como se fosse um sinal apareceu uma longa propaganda de cerveja, em que as pessoas estavam felizes na praia, observando o nascer do sol, uma família amorosa se divertindo. Com lágrimas que nem havia percebido que começaram a escorrer por meu rosto, levanto-me do sofá e vou andando até o hospital.

Eu queria me sentir vivo, eu estava vivo, não era minha vida que estava no hospital, minha vida estava cheia de escuridão, evidenciada por minhas olheiras, barba sem fazer a anos, uma deterioração de uma vida considerável saudável. Enquanto ela estava lá, uma luz tão brilhante quanto o sol, cheia de sorrisos e risada que podia aquecer um ambiente, mas estava se sentindo exausta, como se o corpo não fosse forte o bastante para segurar um brilho tão intenso de uma doce estrela.

Entro no hospital com o moletom encharcado de suor, bem como meus cabelos desgrenhemos, as enfermeiras pareciam surpresas, mas deram um leve aceno de cabeça e sorrisos ao me verem assinar papeladas para a preparação da viagem. Não queria que a pequena me visse assim, mesmo porque a essa hora do dia ela estava dormindo, volto para casa resfolegando, indo no banheiro e encarando o espelho com raiva, soltando um urro de frustração.

Tirando o moletom, começo a tacar água e espuma em meu rosto, me barbeando com grande atenção e tremendo a mão quando a lâmina passa sobre meu pescoço, quando enfim meu rosto barbudo agora estava liso, comecei a cortar meus cabelos que surpreendentemente depois de terem sido rapados da cabeça a alguns anos cresceram rápido demais. Ao tacar todo o possível para ficar bem arrumado, olho minha cozinha e relembro os momentos que brincávamos juntos e preparávamos vegetais coloridos como mostrados nos desenhos juntos, agora tudo estava uma pilha de louça suja atraindo baratas e uma geladeira vazia com uma plantação de batata crescendo ali.

Dormi no sofá em algum momento, e me levantei em um pulo lembrando da viagem, me arrumando por inteiro de novo, afinal pessoas normais tomam banho todos os dias, abro o guarda-roupa e visto e preparo as malas, vestindo um terno e lutando para fechar os botões, por fim decidindo usá-lo aberto. No caminho para o hospital, compro flores na floricultura do lado e abro o melhor sorriso ao entrar e ver as enfermeiras aplaudindo minha viagem com minha garotinha, para ver a praia.

Seríamos levados para a praia com a ajuda de alguns amigos que nos acompanhariam para o momento especial. Durante a viagem de carro creio que foram os melhores momentos que tivemos juntos em anos, brincamos de todas as brincadeiras possíveis para se brincar em um carro, rindo até que nos dois ficássemos com falta de ar e dormir. Quando chegamos na praia já era pôr do sol, obviamente nossos amigos haviam calculado tudo para que fosse perfeito, quando eu e a pequenas começamos a andar pela areia acompanhados do arrastar de cadeira de rodas e de um tubo de oxigênio, rimos ao sentir os pés na área morna.

Ao nos aproximarmos do mar frio, nem estava tão gelada a água, olhando para o rosto dela vi que ela estava de olhos fechados, aproveitando a sensação do vento cheio de maresia em sua fina pele. E o calor da luz em seu rostinho iluminado, também fechei meu olhos aproveitando o calor sobre minhas pálpebras e quando abri os olhos de novo, ela estava sorrindo e o mundo voltou a ter cores.

Nome completo: Júlia Gomes

Biografia: Uma mente criativa que sonha em sempre mostrar sua criatividade e paixão pela escrita. Tendo vinte anos e sendo filha única de pais que a apoiam em seus sonhos deseja mostrar do que é capaz para o mundo, moradora de MG, e nasceu na cidade de Betim.

Passsei dos quarenta, estou mais perto dos cinquenta do que do enta anterior. As juntas estão na fase de começar a reclamar. Um dia destes a cabeça do fêmur travou, foram mais de quinze dias mancando e puxando a perna. Achei que a dor nunca mais passaria, mas depois de uns três meses não sentia mais nada. Já com o cotovelo foi diferente, carreguei umas telhas de cerâmica e hoje seis meses depois ainda sinto quando giro o pulso. Fazer o quê? O tempo passa e o esbanjar de saúde da juventude vai ficando para trás.

A frequência das visitas aos médicos começam a aumentar. São tantas istas que até confundem. Já entrei no urologista reclamando do coração achando que estava no cardiologista. Até tentei convencer uma dermatologista a olhar minha orelha porque tinha um zumbido me incomodando muito.

Estes dias comecei a usar óculos. De longe estava difícil de ver: ônibus quando precisava pegar dava sinal para todos, só conseguia ver o letreiro do veículo quando este estava perto, então fazia um negativo com a mão, quando não era minha linha, o motorista que começava a frear só acelerava balançando a cabeça negativamente. As legendas de filmes eram meros borrões, assistir filme dublado ninguém merece. De perto, pior ainda, não conseguia fazer dois traços sobrepostos.

Depois de muita insistência de minha esposa consegui ir ao oculista, passei por uns cinco equipamentos, a luz me cegava, lágrimas corriam em meu rosto, depois de não enxergar nada com uns pingos do colírio que fazia o olho arder o médico me chamou e disse que eu precisava usar óculos e pediu logo de início o uso do tal multifocal.

Sai da consulta feliz porque resolveria o problema de não ver de longe e de perto, mas sabia que estava entrando numa enrascada visual estrambótica. Lembrava de minha esposa quando pegou seus óculos multifocais pela primeira vez e pela descrição dela era algo como se a perspectiva de tudo mudasse. Na época até me assustei, mas hoje ela diz que é a melhor coisa do mundo.

Na ótica vendedora ainda falou:

— Que coragem, multifocal como primeiros óculos.

Minha esposa ao lado me encorajava:

— É bom! Você vai ver, logo se acostuma.

Escolhi uma armação esportiva, combina mais comigo. A vendedora me olhava ainda sem acreditar que meus primeiros óculos seriam o multifocal e chegou a comentar:

— Vou deixar as marcas de visão que vem de fábrica.

— Não quero marca nenhuma. Nada que atrapalhe a visão. — respondi prontamente.

A mulher fingiu que não ouviu nada e fez suas anotações, dias depois os óculos chegaram, com as marcações. Aqueles riscos me ajudaram a entender os poucos pontos de foco que teria com aquele instrumento alucinógeno que é o óculos multifocal.

Hoje ando parecendo um bêbado, não porque bebi algo, mas porque vejo e sinto minhas pernas indo para um lado e meu corpo para o outro. Tudo que vejo são ondulações distorcidas. Às vezes tiro os óculos para ver se é somente minha visão que está distorcida ou o mundo que mudou.

Minha esposa ainda fica falando:

— E só achar o foco, logo se acostuma.

Olho para o celular e consigo achar o foco, quando olho para a televisão, tudo mudou. Andar sobre pedra, então, é quase impossível. Você mira, calcula e quando coloca o pé a pedra está em outro lugar. Hoje ando pisando num ponto futuro, sempre esperando que o chão chegue logo. Mas fora isso está ótimo, estou pensando até em assistir alguns filmes novamente, a qualidade da imagem melhorou muito, sem óculos só conseguia ver imagens analógicas, com os óculos entrei no mundo de alta resolução.

A idade vai chegando. O que resta a nós é se acostumar e seguir em frente sendo resilientes. Se existem melhorias ao declínio natural de nosso corpo, devemos seguir em busca da manutenção. Uma revisão, funilaria e pintura ajudam o motor e a carcaça a durar mais e assim seguimos, achando o ponto futuro, calculando os passos, tentando manter em funcionamento nossa máquina. Entendendo que a perspectiva que vemos é somente questão de foco.

William R.F. Ramires, radicalizado em Andaraí (BA). Começou a escrever em 2023, participou de mais 50 antologias. Escrevendo para um mundo melhor. Colorindo e perfumando as palavras. @william.rf.ramires



Poemas

A solidão

É uma prisão sem grades;
É a ausência de uma companhia;
É um vazio durante o dia;
É o silêncio da noite;

É o eu sem nós;
É o silêncio da voz;
É o frio da madrugada;
É o tudo sem nada;

É a dor da infecção;
É a tristeza do isolamento;
É morrer por dentro;

É apenas você e Jesus;
É uma cruz pesada;
É a certeza de que não somos nada.

poeta Adailton Ferreira

poeta adailton

Saudade

Um pingo de lágrima que cai no rosto.
Inundando o coração.
Um aceno com uma das mãos -Tchau.
O rosto sumindo pelo retrovisor- Despedida.
São as lembranças de uma vida.
De alguém que partiu para a eternidade.
Aqueles momentos de felicidade que marcaram história.
Que insistem em "morar" na memória.
A pessoa que sempre esteve ao seu lado.
Que não morreu junto com o passado.
É uma dor sorridente.
E está viva no presente.
É ver apenas aquela pessoa.
Em meio a tanta gente.

poeta Adailton

As palavras silenciosas.

Acordo com a ideia na cabeça.
Transcrevo-as para o papel.
Com a caneta dou "vida" aos sentimentos.

Existem palavras tristes ou alegres que nos consomem por dentro.
São palavras que transmitem emoções.
Elas chegam aos nossos corações.
As palavras, em silêncio, nos fazem chorar.
As lágrimas começam a escorrer pelo rosto.
Transbordam felicidade ou desgosto.
Meu DEUS! O que é que eu faço?
Dei-me um abraço.
Um abraço forte e silencioso.
Um abraço é o resumo de tudo que eu não pude escrever.
É um dizer silencioso: amigo eu gosto de você.

poeta Adailton

Soneto do Amor Incondicional

Que a humanidade aprenda,
Sobre o amor incondicional,
Que essa grandeza entenda,
E a paz possa ser algo real.

Não esperar nada em troca,
De uma boa ação praticada,
Cada atitude uma recíproca,
Num bem maior alicerçada.

Praticando a generosidade,
O respeito, perdão e empatia,
O altruísmo em sua verdade,
Sem que seja apenas filosofia.

Amor puro e sem julgamento,
Livre de qualquer preconceito,
Como o superior ensinamento,
Do Redentor, o grande preceito.

Aline Bischoff

Aline Bischoff é uma artista independente paulista de ascendência croata, que atua em múltiplas linguagens artísticas, tais como: literatura, música, teatro, artes plásticas e artes visuais. Na literatura a sua preferência é pela poesia. Possui obras publicadas no Brasil e exterior, através de blogs, revistas, jornais, coletâneas, antologias, veiculadas por emissoras de rádio/TV e transformadas em letras de música. Participa ativamente de concursos, festivais, saraus e eventos poéticos, tendo recebido diversas premiações, menções e destaques literários. Foi embaixadora da Rima Jotabé no Brasil no ano de 2021. É colaboradora oficial do blog de produção textual Escrita Caféina. É acadêmica da Academia Virtual de Arte Literária - AVAL, ocupando a cadeira de nº quarenta e sete, patronesse Henriqueta Lisboa.

Instagram: @aline.bischoff - Facebook: AlineBischoffArtes – YouTube: Aline Bischoff

Uma corda forte

Ana Marta Nascimento Oliveira

É interessante perceber que a união é como uma corda forte que nos faz vencer de maneira mais fácil e nobre.

É uma força que dobra e que torna a vitória mais eficaz e mais provável.

Sozinhos podemos fazer muitas coisas, mas juntos as coisas redobram e podemos alcançar metas muito maiores que outras.

A nada mais sábia que as Escrituras para nos aconselhar sobre esses ensinamentos tão importantes para nossa vida.

E para todos os momentos temos nela uma lição importante para o nosso dia a dia.

Eclesiastes 4: 9 aos 12 nos trazem conhecimentos muito sábios, onde diz que é melhor serem dois do que um, porque se tem melhor pagamento do trabalho, e que se algum companheiro cair o outro o levanta, mas quem está só sofre por não ter quem o levante. Diz também que se dois dormirem juntos um esquenta o outro, mas o que dorme sozinho sente frio durante a noite.

E o texto finaliza dizendo que quem prevalecer contra os dois eles resistirão mais fácil do que se estiver sozinho e que o cordão de três dobras não se arrebenta tão fácil como o que só tem uma dobra.

Isaías 54: 2 também nos ensina uma importante lição, dizendo que temos que alargar o espaço da nossa tenda, estendendo um toldo na nossa habitação e que devemos alongar as nossas cordas e firmar bem as estacas, pois a nossa casa deve ser um lugar de hospitalidade, mas precisa estar firmada para não se abalar com nada e que sua estrutura seja firme contra as inúmeras tempestades.

Isaías 33: 23 ainda diz que os nossos cabos não devem estar frouxos, e como um navio nosso mastro tem que estar firme e nossas velas estendidas.

Por outro lado, é preciso ter cuidado com as cordas, pois com as cordas que lançamos para conquistar algo pode ser com as mesmas que nos prendemos e nos fazemos alvos. E assim como Sansão seremos amarrados em nosso próprio orgulho de nos sentirmos maiores e melhores e não dar crédito ao que Deus nos ensina.

O Salmo 141: 9 nos ensina a pedirmos a Deus que nos livre dos laços que os inimigos armam para nós.

Dessa forma, uma corda tem muita serventia, mas é preciso usá-la com sabedoria, pois a mesma corda que nos dá força pode ser a mesma que colocamos em nosso pescoço, se não soubermos analisar e ter discernimento de muitas coisas.

Que nossas cordas tem um lindo propósito, de lançarmos ajuda ao próximo e de realizarmos grandes obras.

E se não tivermos um acorda, com um simples barbante já podemos fazer grandes realizações, pois, não é no objeto que está a força, mas na sabedoria de idealizar as coisas.

Que nossas cordas não sirvam apenas para dar chibatadas, mas para serem lançadas como apoio aqueles que caem e não podem sozinhos fazer nada.

Que possamos ser no mundo cordas fortes, pois, suas tempestades são grandes e exigem muito esforço de nossa parte.

Nos lancemos ao mundo como cordas fortes aos pobres e necessitados, assim como Jesus fez quando viveu entre nós.

AUTORA: ANA MARTA NASCIMENTO OLIVEIRA

autora dos livros "VAIDADE" E "EDUCAÇÃO: PARA A VIDA, PARA A SOCIEDADE E PARA A ETERNIDADE".

PROFESSORA E ESCRITORA.

INSTAGRAN: ana_marta_77

Poemas de Ana Paula de Oliveira Gomes - professora, cineasta artesanal e jurista.

TROVA 1

No tablado, dois reinados
Avante, cavalaria!!!
Peripeteia aos lados...
Torre infinita, a mim, guia!

TROVA 2

Do céu, virá provimento?
Graça resplandecerá?
Ocaso ao acaso. Vento...
Ora cá, ora acolá.

SONETO: O DEVAGAR DEPRESSA DO TEMPO A DIVAGAR

O tempo... Oxalá, força natural
Astrolábio, finitude do mundo
Sim, medidor d'algo avante sem rumo
Cronos a compassar o tal e qual.

Ah... No devagar depressa do tempo,
Kairós andante adrede a divagar
Eu? Vou-me, assim, ora aqui, ora acolá
Vou-me indo... Alada semente ao vento...

Por vezes, proporção. Unidade até?!
De quando em vez, tic tac assaz veloz
Tempo morto sepulta qualquer voz.

Só o tempo é enquanto não é
A mim, só resta o vir a ser do sonho
Aspirar à paz do Lete, suponho...

HARMONIA

Tudo ao seu redor parece treiná-lo
treine-se para perder a sensibilidade
É assim que projetam as crianças que brincam de guerra
embora sem armas reais, apenas fantasia
aquele jogo inocente, mas na realidade; machuca
o poder ameaça ou declara guerra contra você
crianças se escondem do som da morte
mas poucos sobrevivem ao ataque vil
balas que se cravam em pombas brancas
são as músicas que sangram em minutos
tem quem chora, tem quem parece estátua
Afeta a todos de alguma forma.
menos os vilões sedentos de poder
Se nossas vozes fossem ouvidas em todo o mundo
Se nossas vozes parassem as balas no ar
se nossas vozes prendessem os insanos
todos nós viveríamos em harmonia neste mundo
não precisamos de armas para matar
precisamos de armas de educação e valores
Se semeássemos amor colheríamos o mesmo
sempre haverá um incitador que desumaniza
Parece um vírus mortal que influencia os homens
homens contra homens atacam uns aos outros por ideais

ideais que ceifam vidas, deixam um tédio perpétuo
mas a natureza e os seres vivos querem paz
aquela paz de poder sair de casa sem medo de ataque
aquela harmonia que te faz suspirar de tranquilidade
as crianças não viveriam com medo de perder os pais
país que não precisam enterrar uma criança inocente
poderíamos suspirar se tudo estivesse em paz neste mundo.

Autor: Andreyra Herrera
País: Bolívia

CÁUSTICO

Ardidas mentiras soltas
no tempo transformando
humanidade a pó.

Equidade, palavra bonita que na
prática ainda motiva a luta
infinda, obriga desatar o nó.
Com bravura, força da união
mostrar que ninguém está só.

NA HORA DA MORTE

lembranças passadas
reviver emoções
eternizar existência

COMPOSIÇÃO POÉTICA

assertiva palavra
dialógica emoção
conexão grafada

Escritora e poeta, autora do livro Aflorar Poetrix (Scortecci, 2022).
Instagram: @angela.ferreira3

O poema Cáustico faz parte do livro Metamorfose Poética (III Antologia SPINA) –
Areia Dourada, 2023;
Na hora da morte e Composição poética fazem parte do livro Ecos e Gritos (III
Coletânea Ciranda Poetrix) - Scortecci, 2022.

Tom e Melodia: bodas de papel.

Antônio de Medeiros Pereira Filho[1]

Um ano que se casou
O tempo flui no ar
O amor aumentou
Vamos comemorar

Bodas de papel
Nova lua de mel
O relógio soa
Bora pra João Pessoa

Que momento incrível
Praia, sol e mar
Só queremos nos amar
Nada presumível

No litoral Sul
Praia bela, Praia azul
No Norte
Jacaré é mais forte

Estamos vivendo
A vida a dois
E vamos percebendo
Que não podemos deixar para depois.

[1] Graduando em Medicina, Faculdade de Ciências da Saúde (FACS), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

O alvorecer do amanhecer

Ariane de Medeiros Pereira

Poço Branco/RN

Ao raiar do sol presenciava

Um novo alvorecer

Carregado de nuvens chuvosas

Que despejava suas lágrimas ao sol nascer

Das gotículas que caíam alimentava o solo

Aquele produzia vida

E alimentava os outros seres

Os animais em festa saboreavam o viver

Nada era mais sublime

Que a paisagem daquele amanhecer

Aquele pasto verdejante a vida era morada

Nascia, vivia e contemplava

Aquele belo resplandecer!

Tempo ideal

Ariane de Medeiros Pereira

Poço Branco/RN

Nada acontece como queremos

Existe um tempo ideal

No qual tudo irá acontecer

É o tempo do divino e do amadurecimento.

Quando descansamos nossas raízes

O ser sublime se encarrega dos demais

Ele nutre, fecunda e tudo passa a prosperar

O caminho é tão natural ao qual somos levados.

Levados a vida em uma simplicidade

Do amor, da bonança e do querer ser

A vida se encarrega dos mais,

Pois, estar sendo guiada pelo Criador.

Que a ela tudo oferta e oferece

Aos corações o encontro

Como ainda não existia aos demais

Sempre juntos estão: em amor e prosperidade!

Natal de Luz

Natal é tempo de Luz.

Luz que reverbera nos corações de milhares de pessoas.

É uma noite tão sagrada e importante

Que nos faz seres tão especiais,

Tão pequenos e ao mesmo tempo grandes aos olhos de Deus.

Seria maravilhoso se o natal se fizesse presente o ano todo na vida das pessoas.

Algo grandioso e que reluz no interior de cada um.

Basta deixar a luz entrar em seu ser

E deixe se levar por essa luz.

Luz essa que cada um tem em seu coração.

Infelizmente, nem todos conseguem viver o natal de forma plena,

Pois algumas pessoas estão passando por alguns momentos

Delicados e frágeis.

Então que possamos buscar em nosso ser o espírito de natal e fazer as Orações por todos que precisam de um lar, alimento, saúde e até mesmo Um ombro amigo, uma escuta.

Sejamos luzes nas vidas dessas pessoas.

E sigamos na certeza que dias melhores virão.

Buscamos a paz.

Vivamos em plena harmonia

E sejamos felizes a cada caminhar

E nos encontrarmos dentro de nós mesmos, para crescermos diante do nosso alinhar.

Biografia:

Auricélia Melo Feijão - Residente em Crato-CE. Idealizadora e Coordenadora do Projeto Leitura na Praça. Ens. Superior: Universidade Regional do Cariri - URCA.

@auriceliamelofeijao

A graça da garça

Bernardo Santos

A graça da garça está no encanto

de enfeitar lagos, rios, pântanos,

em atrair o espírito santo.

Na inteligência curta, jeito desengonçado,

olhar atento e confiança exagerada.

A graça da garça está na sua plumagem vistosa

de vestes egretas brancas que refletem o sol e não sujam.

No voo cadenciado, lento;

dança aérea de invejável beleza

imitada pelos movimentos do balé-clássico.

A graça da garça enaltece o infinito horizonte,

seja ave grande ou pequena, simplesmente majestosa.

A graça está na garça. A garça é pura graça

e sobrevive na arca do homem;

pena ter sido valorizada só em cinco reais.

Autor da peça teatral *O Amor Liberta* (SCS-SP, 1980), dos romances *Depois das Onze* (Ateniense, SP, 1988), *O aluno do Passado* (Ebook Amazon, 2022) e do livro de poesias *Poeira de Estrelas e Sonhos* (Scortecci, SP, 2011).

www.bernardosantos.com.br

princípio ou fim...

matéria agonizante
vai aos poucos
fechando espaços
estreitados
substanciados
hora da separação
extrema unção
há uma festa
a ser preparada
anjos em revoada
convidam à oração
agnóstico, ateu, cristão
quando a hora é chegada
ninguém escapa
todos os dilemas da Terra
irmanam-se
eternizante sensação
desespero ou devoção
vida em comunhão
ou mortalha solidão

Beth Iacomini

Réveillon

a festa mal começara
orla invadida
maré alta, impetuosa
disposta a tudo derrubar
fora o vai e vem
o vem e vai
bebidas exóticas
espalhadas na areia
brilho de sereias
que se atrevem a chegar
comida num mar de temperos
mistura de cheiros ...

lemanjá, cadê seu canto
salvação do encantar
retorno do regozijo
madrugada exaltar

muda o ano
não com esse plano
barracas se derrubando
prosaica paisagem
sandálias e pano
tudo desarrumado

recolheram o que dera
morte da Primavera
flores murchas
reviram-se nas ondas
vem um arrastão
a Deus ao novo
à festa do povo
violência até no mar

Beth Iacomini

noite sem versos
ecos sem sons
cores sem brilho
parcas emoções
áridos pensamentos
ideias inócuas
vácuos.

só, só
eu e o coração
doendo
de saudade
só, só
eu e a paixão
tremendo de vontade.

o sorriso, o olhar
distantes
sonhos perdidos
gozos adiados
desejos reprimidos
procuro uma mão
em vão.

o nada prevalece
a vida avidamente
esmorece
entrego-me
no escuro
da noite fria, vazia
vida tardia.

prisões antigas, senões
idiotas razões
não justificam o ser
o saber
cinzas pra renascer
ignóbil vício
de não morrer.

Beth Iacomini

Amnésia

Todos os dias ao acordar, eu faço uma oração de alívio.

Contemplo os céus, e penso:

Te amar foi difícil! Te esquecer, quase impossível.

Eu nem consigo lembrar ...

de como os teus cabelos deslizavam por entre os meus dedos.

Não lembro do teu cheiro que incensava todos os lugares,

não lembro do teu sorriso e das covinhas acentuadas em tuas bochechas.

Não lembro do teu gosto, do teu jeito, do teu toque.

Não consigo nem lembrar do som da tua voz suave, que escoava em minha mente como um bom samba antigo.

Graças a Deus te esqueci!

- Camilly Souza Andrade.

Camilly Souza Andrade, 29 anos, Professora do ensino básico, Publicitária, Formada em letras na língua portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba. Contista, poeta e romancista, Camilly é apaixonada pela literatura em suas diversas facetas.

PALCO

Nasci para viver num palco
sob às luzes da ribalta,
tendo a arte como alma,
assumindo os papéis do mundo,
vivendo as personalidades mais diversas,
descobrimo-me em cada uma delas.
Meu corpo clama por ser artista.
Meu coração, no palco, está contente
e iluminada a minha mente.
No palco, sou o máximo,
a estrela que todos observam.
Este é o meu universo,
o meu mundo,
onde vivo do meu talento,
saciando meu espírito,
onde me assumo,
me realizo
a cada aplauso recebido.

Claudia Felix

Minibiografia:

Claudia Felix de Almeida nasceu em Guaratinguetá, São Paulo, em junho de 1972. Começou a escrever aos 15 anos. É professora de Língua Portuguesa e Redação e escritora de prosa e verso.

Uma gota

Claudio Trindade

Um pingo cai.
Uma gota escorre.
Um pingo sem cheiro.
Uma gota nada,
No vazio.

Um pingo
Sem fim.
Um corpo molhado.
Uma gota de orvalho.

Um calor escaldante,
Um frio congelante.
O ciclo do clima.
Um pingo escorre
da testa molhada.
Uma gota evapora
Da folha que chora.

O cheiro que fica
No corpo molhado.
Bactérias procriam na pele
Formando odor.
Da folha molhada
Fica o cheiro.
Terra encharcada.
Suor produzido
Do calor sufocante.
O pingo da chuva
Na folha secou.
Na água o sinal da vida.
No pingo da gota,
Um brilho ficou.
Multicolor
Na gota que pinga,
Molhada a folha ficou.

Rios aéreos

Claudio Trindade

Rios que passam

Sem percurso certo.
Rios tranquilos
Provocam chuviscos.
Rios agitados
Vão do granizo
Às chuvas torrenciais.

Aqueles rios
que passam sobre nós,
e não nos molham,
flutuam com os ventos.
Percorrem distâncias imensas.

Quando furiosos,
Proporcionam raios e trovões.
As chuvas agressivas,
Formam suas cachoeiras.
As calmas são pequenas quedas d'água.

Rios sem destinos certos
Em momentos são do norte a sul, outros,
De oeste a leste,
Seguem ao sabor do vento.

Ora promovem enchentes,
Outros, secas, quase permanentes.
Esses rios aéreos...
Que passam .
Escondem o sol,
“fazem o dia, virar noite”
Rios sinuosos,...
Passam por nós.
Rios que voam, sem asas.
Rios...
Que vivem nas nuvens.

Os caminhos

Claudio Trindade

Caminhos percorridos.
Atentos a todos os momentos.
Caminhos que levam
A todos os lugares,
E a lugar nenhum.
Passadas cuidadosas

Nos arcos metálicos.
No lago o reflexo
Da existência.
Caminhos molhados,
Alagados.
Andamos secos,
Alma lavada.
São tantos caminhos a seguir.
Andares corretos,
Para cada caminhada?
Caminhos sólidos e úmidos,
Neblina no ar.
Percorremos lugares
Históricos.
No passeio ao longe
A sabedoria do ser.
Andar em círculos,
Empobrece o pensar.
Estradas sinuosas
No contorno do belo.
Ao longe, o eterno,
O medo bem perto.
Caminhos por vias estreitas,
Olhares amplos.
Buscamos no passado
Um significado de futuro.
Caminhos...
Somente caminhos.
No pensar, o olhar,
Que lugares percorrer?
Nos caminhos úmidos,
Raios de sol.
A escuridão se quebra,
De vela em vela,
Que não amarela.
Caminhos normais,
Passos naturais.
Percepções ambientais.
Os sabores dos cheiros.

Felicidade no ar

Ao toque de uma música
Cheiro de flores pelo o ar
Tive uma sensação de ver
Meu corpo cansado flutuar.

Senti desejo de gargalhar
e ainda uma insegurança
E na alma, certa angustia
Medo de ser só um sonho.

As lágrimas involuntárias
Caíam dos meus olhos
Anunciando a esperança
Meu coração volta a amar

Relação entre corpo e alma.
O meu corpo forte agradece.
Vou sair cantando e gritando
Para o mundo que sou feliz

Daniel Bezerra

Palavras sinceras

Escrevo meus versos
Com palavras singelas
Minhas lágrimas caem
Como pingos da chuva

Com o doce do açúcar
Adoço meus poemas
E recrio o meu mundo
Do jeito que eu quero

Eu não espero mais
Esquecer nosso amor
E com espada ou flor
Será reconquistado

Derrubarei este muro
Que me separa de ti
E te direi cara a cara
As palavras sinceras

Daniel Bezerra

BIOGRAFIA

Estudante da vida que eu quero dar, sou também Denise Angélica Guedes da Silva. Com 29 anos de idade - uma criança que cresceu um pouco mais - e uma imaginação maior que o mundo.

POEMA: O brincar é meu lugar!

Brinquei com as palavras
Com elas fiz meu nome
Aprendi brincando
A desenhar meus sonhos

Com meus amigos aprendi
A compartilhar
Um brinquedo, um abraço
Um sorriso

Na roda de música
Que já vai começar
Os dias da semana
Nas minhas mãos
Já sei contar

Não vou esquecer
As músicas que cantei
Do patinho amarelinho
Que resolveu mudar de cor
E também da brincadeira
Da comida brasileira

A hora do parque
Era a vez do faz de conta
Princesa, soldado ou cozinheiro
Aqui é meu mundo inteiro

Na areia fiz castelos
Bolos e brigadeiro
Joguei bola
Apostei corrida
Vivi o melhor da vida

Vou guardar no coração
Cada momento com carinho
Pois sei que nunca estarei sozinho

Muitas coisas aprendi
Algumas delas nem cabem aqui
Ficarão bem quentinhas
No baú das alegrias

Assú, Jesus abençoou,
Com amor e expressão,
A terra da promessa,
Onde Ele veio e pisou.
O São João se consagrou,
A festa da tradição,
Com muita animação,
Fogueiras, forró e alegria,
Na terra da poesia,
Brilha mais o meu São João!

Assú, não posso esquecer,
A cada ano esperado,
O povo sempre animado,
Esperança a viver.
É lindo esse nascer
Da fé que não pode morrer,
Na alma e no coração,
Na vida de nosso irmão,
É rica essa magia,
Na terra da poesia,
Brilha mais o meu São João!

Edna Medeiros.

A beleza da mulher

A mulher é flor divina,
Ornada de muito amor,
É rainha abençoada,
Que canta a vida em flor.

Tem o brilho de estrela,
Que nos vive a iluminar.
É doçura e esperança,
Que se floresce ao olhar.

Mulher que planta e colhe
Seu trabalho duramente,
E alimenta a sua prole,
Numa vida inteligente.

Cada mulher tem um jeito,
Detalhe enriquecedor,
É forte e tem um brilho,
Mas também sente dor.

É perfume tão suave
Em seu campo familiar,
Tem defeitos e virtudes,
Ser que vive a perfumar.

Edna Medeiros.

O amor...
Deixa-me, envolver-me em teus braços.
Afagar o amor meu.
Sentir somente teu cheiro.
O brilho dos olhos teus.
Deixa-me, aventurar.
Com a alegria sem fim.
Embalar-me na doçura.
Quando olhares para mim.
Deixa-me, deixa-me ser companheira.
Fazer do amor o encanto.
Nas asas do sentimento.
Cantar o mesmo canto.

Edna Medeiros.

MENTORES

A vida pedindo passagem
e vem nos exigindo urgência,
compromisso, resiliência,
sabedoria e coragem,
amizades, camaradagem.
O mundo é bom professor
e mesmo que te tenha amor,
ele não irá te esperar
se te não puseres a andar,
pois trata a todos com rigor.

Agindo para que tu cresças,
feito fazem os pais, aos filhos,
para que não saias dos trilhos.
Visando que isso aconteça,
não te passa a mão na cabeça.
Atuando com mui justiça
porém tem suas premissas:
não tolera os negligentes,
os malvados, os indolentes
e menos ainda, a preguiça.

Sempre o seu curso seguindo,
nossa vida é caprichosa
e, apesar de dadivosa,
está sempre nos exigindo,
avaliando, nos medindo.
E por não dar marcha à ré,
é preciso viver com fé,
ser amigo da temperança
e um difusor de esperança...
eis a vida, como ela é.

BEM VIVER

"Eu sei que poderei morrer"
numa hora inesperada,
que já vem predeterminada
pelo nosso Supremo Ser,
que trago desde o nascer.
Mas hei de cumprir meu papel,
sempre, a Deus, sendo fiel.
E os amigos verdadeiros

que foram tão bons companheiros
espero lhes rever no céu.

O importante é viver bem
em todos os dias da vida
prover de amor e guarida,
fazer o bem sem ver a quem
e não desmerecer ninguém.
Atuar com sabedoria,
ter com os outros empatia,
viver com o suficiente,
pra que sobre pra toda a gente
e só esbanjar alegria.

Para quando chegar a hora
de nossas contas ajustar,
não tenhamos nada a pagar
seja ágio, juros ou mora.
Possamos, em paz, ir embora.
E vivendo com retidão,
sem fantasias ou ilusão,
com paz e harmonia completa,
que possa morrer o poeta,
contudo, "os seus versos não"!

MEDIANO

Sem patrão ou capataz
nunca fui nenhum coitado,
pra qualquer raça de gado,
tenho o aboio eficaz,
minha sina sigo em paz.
As rotas sou eu quem traço,
não caio em mundéu ou laço,
me criei levando trancos;
se a vida dá solavancos,
no muque desembaraço.

Eu nunca fui muito forte,
mas, sou pau pra toda obra
e a coragem me sobra,
não tenho medo da morte,
nem acredito em sorte,
minha fé é quem me guia.
Tendo Deus por companhia,
todo caminho é seguro,

trafego pelo escuro
e mal algum me arrelia.

Tenho sonhos! Quem não tem?

Mas não deito pra sonhar,
sonho mesmo a caminhar.

Não desejo o de ninguém,
seja milhão ou vintém.

Respeito cristão e ateu,
ao gigante e ao pigmeu,
do mundo sou agregado,
tudo me foi emprestado,
não tenho nada "de meu"!

Efepê Efe Oliveira

Efepê Efe Oliveira – pseudônimo de Francisco Petrônio Ferreira de Oliveira, natural de Santo Antônio do Norte (TAPERA) distrito de Conceição do Mato Dentro (MG), assessor parlamentar, 55 anos, casado, pai e avô de Valentim, Vicente e Matias. Presidente fundador da AMILCA (Academia Mineiropaulista de Letras, Ciências e Artes), ativista cultural, organizador de coletâneas poéticas, poeta, contista, sonetista. Coautor em diversas coletâneas no Brasil e em Portugal.
Doutor Honoris Causa em Literatura.

BRASIL, BERÇO DOS POETAS...

Elias Pescador

Nas nuvens, há glória e altura!...
No chão, há plena canção...
No céu, a luz de uma alvura
contempla o ar da imensidão...

No coração, vivo, em chama,
por onde a alma clama e insiste
é onde o próprio amor conclama
que a boa-vontade existe!

Brasil é prenunciado
- capricho ao concretizá-lo –
pelo existir prefigurado:
Deus: consequência de amá-lo!

Brasil, voz da Natureza,
formas, matizes e cores
da grandiosa beleza
com seus turbilhões de amores.

Brasil, berço dos poetas,
pátria amada acolhedora,
de heranças lusas completas
e uma gente sonhadora...

Círculo do tempo, ereto,
conceito de alma secreta...
Se há verdade e saber reto
não deixa a história incompleta!...

Autor: Aparecido Elias Pescador Nome artístico: Elias Pescador

Elias Pescador

O Poeta Pescador, 4 de março de 1959, São Paulo-SP. Filho de Arnaldo Pescador e Amélia Elias da Silva Pescador. Contador e Economista, PUC-SP; e Teólogo, FTT . Dedicou-se à literatura desde os 12 anos de idade, acompanhando seu tio João Elias em reuniões e eventos literários. Livros: Natureza 1982; Somos Todos Irmãos 1983; Sentimentos de Existência 1991 e Nas Asas da Alva 2012 e ainda O Canto dos Anjos 2022, e As almas amantes, a Flor e o Beija-flor (no prelo). Intensa atividade cultural. Até 2000, participou de várias entidades: UBE, UBT, Casa do Poeta Lampião de Gás, AJA e outras. Tem inúmeros prêmios literários nacionais e internacionais (Portugal, Espanha,

México, Panamá). Laureado com o título Amigo da Cultura. Participou da UBT-SP/SP de 2017 a 2022 como coordenador do JuvenTrova e presidente. Atualmente delegado da U.B.T. delegacia de Capão Bonito/SP.

Amargo café

Passou por aquela porta como se não fosse mais voltar e, não voltou

Levou todas as roupas e, ao sair, disse que doaria ao primeiro que passasse: e doou

Da rua, gritou que diria meu nome pela última vez; assim o fez

Ao entrar no carro, disse que não olharia para trás, e, não olhou

Cantou pneu pela última vez,

Me fez chorar como nunca chorei,

Entrei na cozinha, tomei uma xícara do café - que ele fez.

Ao virar-me para sentar, lembrei; não bebo café.

Senti o amargo no doce que nunca provei, por luxo, talvez

Ele estava certo ao dizer aquelas palavras antes de sair...

- Que eu nunca o amei.

Elisandra Corrêa de Campos

Biografia

Nascida em Piracicaba, fotógrafa, graduanda em jornalismo, poetisa com publicações em revistas literárias. Tem paixão pela arte de escrever, brincar com as palavras e registrar momentos. É também atriz e dançarina.

O Recomeço

Diante dos meus olhos atentos, eu vejo a vida que acontece na beleza de um beijo
Então, deixei ir embora o passado que me aprisionava quando , no seu abraço encontrei
o caminho de casa.

Agora ,eu posso abrir a porta e te deixar entrar ,para comigo celebrar,

Todos os meus medos que portanto tempo foram espanto

Se transformaram em canto dentro de mim

Vou correr entre as flores , e me encontrar na realidade da nossa amizade.

Do tempo que certas vezes pode nos levar de volta só para nós reconciliar com a
alegria da poesia que mora no dia a dia.

Eu te conheço, não por vista, mas por lutar , e te obedecer, por não parar , até vencer.

Sinto seu cheiro suave, acompanhado por uma frequência perfeita que me invade.

A sua história mudou a essência , mexeu na minha existência.

O começo, já não me importa porque agora tudo que eu tenho é o a alegria da sua
volta.

Batidas na porta, alegraram meu coração, já é tarde mas preciso tomar uma decisão,
eu sigo o som de sua voz caminho entre as luzes da melodia

Sentindo , pulsar da vida que mora dentro do viver, eu continuo eu permaneço porque, o
tempo eu já não o percebo .

Então, vou depressa eu desço, abro a porta e te encontro no recomeço

Nome :Erica de Mattos gomes

Nome de autora :Erica Ladoga

Melodia vivida

Uma torre de pensamentos
Constroem uma geleira de solidão
Ou uma exposição de amores,
E palavras são
Na verdade, como batidas de um tambor
Que dão sentido e ritmo
A uma dança de congo
Que assim como o místico
Se admira sentindo
E dançamos conforme a melodia,
E de tanta alegria me emocionando vivendo.

Ericles Lira

Ericles Lira, natural de Eunápolis-BA, 22 anos, artista em desenvolvimento, gosto de desenhar, fazer artesanato, pinturas, escrever poemas e estou ingressando no teatro, arte é minha vida! Insta: @Ericlesliraa

UM SONETO PARA A MULHER QUE AMO

Quando eu digo que te amo
Essa é a voz do meu coração
Quando os teus beijos reclamo
Acende o fogo da minha paixão

Eu sei que as nossas brigas
Nunca chegam a ser um drama
E nossos minutos de intrigas
Sempre acabam na nossa cama

Então, que Deus pudera
Que esse amor seja eterno
E que dure a vida inteira

É tudo que nosso amor espera
Sem você minha vida é um inferno
Eis uma paixão bem verdadeira!

EVANDRO NUNES, nasceu em Caruaru – PE. Cordelista, poeta, contista e romancista. Suas conquistas literárias são poesias e contos publicados em várias antologias, blogs e revistas literárias.

Maria de Fátima do Nascimento Leite é Pedagoga e Psicopedagoga pela UVA (Universidade Estadual do Vale do Acaraú) e Formada em Mídias em Educação pela UFRN (Universidade Federal do Rio grande do Norte). Trabalha como pedagoga na Escola Municipal Henrique Castriciano , atualmente como mediadora de leitura na biblioteca .Faz parte da ALAMP (Associação Literária e Artística de Mulheres Potiguares) É coautora do livro Bendita a Mulher e a Sua Literatura, do livro Flor de Sal, Perfis Biográficos, do livro Essência de Nós e do Fanzine Asas de Mãe. É poetisa e busca inspiração em Deus e na natureza.

DEUS

Deus,
De nossos ancestrais.
O mesmo Deus,
De nossos amados pais.

Criador,
Da soberana natureza.
Rei maior,
Ilustrador de toda essa beleza!

Quanta honra em poder
Apreciar tanta maestria!
É uma dádiva ver,
As maravilhas que dentre nós irradia.

Sob a luz do Sol,
Orações de quem agradece,
Nesse imenso arrebol,
Onde o labor só nos enaltece.

Dançando sob a luz da Lua,
Cânticos de gratidão,
De um povo de face nua,
Que também sabe pedir perdão...
Perdão senhor Deus, por tanta ingratidão...

Fátima Nascimento Leite

Igreja Matriz de Viamão

Nossa Senhora da Conceição,
que viu guerras começarem e terminarem,
chorou com o sofrimento da escravidão,
assistiu políticos nascerem e morrerem,
presenciou as carroças partirem e os carros chegarem,
também viu casarões serem demolidos e prédios erguidos.

E mesmo após celebrar tantos amores e lutos,
suas barrocas paredes e pilares resolutos
se encontrarão para sempre em Viamão,
onde ilumina a fé e guarda seu coração.

AUTOR – Fernando Schwartzhaupt Noroefé
Graduado em Tecnologia em Processos Gerenciais pelo IFRS. Atualmente cursa uma especialização em Engenharia de Software e tem se aventurado pela escrita de poemas e contos.

Ansiedade

Tá difícil

Desligar o cabeção

Escutar o coração

Sentir

Sentir

Sentir

Quem disse que seria fácil

Esquecer as aparências

Voltar pra essência

Giovanna Barros

Giseli Lemos é carioca, 41 anos de idade, mulher lésbica, zeladora de umbanda e funcionária pública. Escreve poesias desde os nove anos e conta com 13 livros publicados (fixo e ebook). autoragiselilemos@gmail.com

EU QUERO PASSAR

Com licença...
Dá-me licença que agora eu vou falar
Sim! Por favor!
Eu peço licença para me apresentar!

Com licença mais uma vez.
Eu também quero falar!
Sou aquela que olham sem o menor pudor
Que julgam cheios de pavor
Quando eu como qualquer coisa.
Qualquer coisa...

Sou aquilo que vocês não gostam
Sou aquela de quem falam por trás.
Mulher, sim! Também mulher.
Mulher gorda, desfem
Lés-bi-ca
Tão pequena palavra que
Soa como um palavrão
No seu rol de ofensas.
Como se isso fosse ofensivo.

Ah mas olha... cuidado com a saúde!
Ah claro...
Falou a pessoa que vomita a sua comida
E fuma uma fumaça digital
Se entope de pseudovitaminas
Mas a gorda é uma questão de saúde mundial.

Mas olha “nem parece mulher”
“Porque não vira logo homem?”
“Ei, esse é o banheiro femin...”

Feminina?
Se comporte como uma moça,
Seja doce, pura, virgem
Diga não a seu prazer
Mas me digam aí:
Quem é o homem entre vocês?

Tudo isso só porque não performo
Não me mascaro
Não me monto pra ser mulher.

E o que é ser mulher pra vocês?

É ter vulva? Útero?
Ahhh com licença,
Que eu preciso lhe contar
Que não é assim que se mede uma mulher.
Quem é mulher

Talvez nunca saibam,
Ou talvez suas esposas traíam
Com mulheres com outros genitais.

E o meu nome talvez nunca vão saber
Talvez um dia eu ganhe um prêmio
Talvez um dia leiam meus livros
Talvez eu salve a sua vida
Ou
Talvez um dia eu estampe as matérias nos jornais

Mulher morta por ser mulher
Mulher morta por ser quem é.
E se o Messias voltasse hoje?
Ele apontaria armas?
Ele seria homem, militar, (ex) presidente?
Ou seria morto indo estudar,
Sendo um menino lá na Maré?
Quem sabe não seria mulher?

Prazer, a todos vocês.
Com licença!

Eu me chamo Ana, Caroline
Máriele, Dandara, Neiva,
Julieta, Maria da Penha
Luana Prado

Somos todas mulheres.

FRAGMENTOS EM ESPELHOS

No confinamento da vidraça, ela está,
A testemunha silente do mundo a girar,
Com olhos que absorvem cada cena que passa,
Sua janela agora, seu palco, sua casa.

E o sol, levemente dourado no horizonte,
Dissipa as sombras, com suavidade,
Vê a alvorada, o mundo em transformação,
Um novo dia, uma nova recordação.

No tumulto da rua, o vaivém incessante,
Pessoas apressadas, um fluxo constante,
Homens e mulheres, rostos ocultos, distantes,
Caminhando sozinhos, anônimos navegantes.

E o céu muda de cor, do azul ao laranja,
Os pássaros voam, em dança que desenha,
No ar, a esperança, nas asas em harmonia,
A vida continua, apesar da agonia.

A chuva que cai, lágrimas do céu a regar,
Pranto silencioso, a se derramar,
Sobre o asfalto molhado, reflexos a brilhar,
Memórias fugazes, a se dissipar.

O vento que sopra, sussurros ao ouvido,
Histórias invisíveis, segredos contidos,
Sussurra saudades, segredos que se vão,
Na brisa da tarde, na janela, a solidão.

E o tempo prossegue, implacável, persistente,
Enquanto observa, paciente, consciente,
O mundo lá fora,
Refletido na janela
Silente contemplação.

Meses se transformam em anos, que voam,
Na janela, seu mundo, onde os dias se entoam,
E a vida se desdobra, em um ciclo sem fim,
Observando, recordando, a solidão dentro de si.

As estações passam, inverno a primavera,
No vidro embaciado, emoções à espera,
Recorda cada rosto, cada partida, cada despedida,
No seu pequeno mundo, nas suas reminiscências.

Na janela, a vida se desenha,
Quadro de momentos,
Teia de aranha,

Permanece observando,
O tempo passa.

No silêncio da janela,
a história se revela.

Lembranças e cicatrizes,
Testemunha muda
Narradora silenciosa.

Das reminiscências da vida
Os Eus
O Deus
E o Adeus

Helena Solfyere, pedagoga e fascinada pela literatura fantástica, imprime em suas histórias uma mistura de elementos, explorando territórios sombrios e complexidades psicológicas da mente humana. Sua escrita, profunda e intrigante, convida os leitores a mergulharem em experiências literárias envolventes, onde a imaginação se entrelaça com o desconhecido.

Ítalo Rafael Lima Dourado. De Sobral-CE. Autor dos livros de poesias “Úmido ou Episódios Dramáticos de Utilidade” publicado pela EditoraMWG/SP/2020 e “Outras Horas Úmidas” publicado pela EditoraTomaaíumpoema/2022.

Vinte três dias após o vinte três

Já está feito, eu disse, tudo está dito.
Aprendi que os desejos são mal nascidos.
E eu não vou e não quero senti-los.

Eu não vou mais falar sobre você.
Você não saberá nada sobre minha vida.
Nos corredores, quando eu te ver,
darei em mim - Lá se vai a desconhecida.

Já está dito, eu disse, já está feito.
Durante uma noite nos pertencemos
e na manhã, deixando o mistério
maior - Não a vi. Não nos conhecemos.

Já está dito, acabado, e está concluído.
Aprendi que os desejos são mal nascidos.
Sinto dizer tudo que podia ser dito.

PESSOA NEGRA

Poesia é teu semblante...
Negro cintilante à sombrear
no sol estonteante
e se espalhar soberana
Nessa tua cor deslumbrante!
NEGRA SIM
Cheia de amor, de sonhos, radiante!
Que nos ofusca
Com teu olhar pacificador, de alma pura e cativante!
NEGRA!
Onde encontro tanta beleza, ternura e coragem...
Onde sinto tanta força
Que irradia de tua imagem...
NEGRA!
Não és miragem, és verdadeira
e aflora em
Mim tanto orgulho
Que dá pra uma vida inteira!
NEGRA!

Janyclely Fonsêca

NA CASA DO SERTANEJO

Na casa do sertanejo
Tem panela sempre cheia
Regada de muito amor
Para grande e farta ceia
Completada com o acorde
De uma moda de viola
Encantando o simples e o lorde!

Na casa do sertanejo
Tem Maria e Severina
João, Joana e Alfredo
Ana, Antônia e Carolina
Todos à sombra do arvoredos
Plantado bem lá na frente
Da casa do Sertanejo!

Na casa do sertanejo
Tem madrugada fresquinha
Com um cheirinho tão bom
Vindo do café na cozinha
Em cima do forno de lenha

Com labaredas creptantes
E ao lado minha avozinha

Na casa do sertanejo
A lua aparece faceira
Me embeveço à admirá-la
Com seu brilho angelical
Lambendo as folhas da mangueira
Lá do fundo do quintal
Sua beleza me fascina
Pra mim, quase surreal

Na casa do sertanejo
Tem umas panelas de barro
Poncheira em cima da mesa
Pra refrescar quem quiser
No balcão tem até um quadro
Com um retrato da mulher
E na varanda num jarro
Bem plantado um bem-me-quer!

Poetisa Janyclely Fonsêca

Mãe é corda do coração

Tanto encanto e beleza exerce
Em todos que a admiram e cercam
Que no meu coração clama e cresce
Paz e amor que de mim transbordam
E o meu ser encantado se enternece

Essa flor bela só me traz alegria
E faz brotar em minha'alma o amor
É como o sol que brilhante irradia
Com sua luz e seu potente calor
Transformando-me no dia a dia

Seu nome e sua cor me inspiram
E contornam de cores minha visão
Ao seu cheiro minhas emoções vibram
Fazendo tilintar de sons minha audição
Enquanto minhas ilusões suspiram!

Janyclely Fonsêca

Rio Ouse

nos mesmos olhos o compasso
a grande fé à beira do longínquo
respira a um tributo
como no rio Ouse
onde coloco os pés
cheio de tesão
com pedras nos bolsos.

.....

âncora
em barco
papel de seda
navegam incertezas
em leito de pedras.

.....

Fuga

o refúgio
hotel de quinta categoria
nada importava
estávamos juntos
canal de navegação
fazia frio
precisávamos nos aquecer
crédulo
só não sabia do teu amor morno
a correr por um passadiço frágil
amor morno não faz fogueira.

Jean Sartief

<https://sartief.wixsite.com/sartief>
@sartief

João Vitor Faria. Escritor independente, natural do litoral norte de São Paulo, autor de 3 livretos de poesia já publicados: Licença nada Poética, Versos Avulsos para Qualquer Crush e Momentum, respectivamente.

Ainda que eu sinta, não minta

Soma-se a mim o fardo crasso

De carregar a manta que não cobre,

Renegando o sensível passo a passo

Pra que tua presença se redobre...

Entoa no âmago pelo peito,

Até que retorce um pastoso efeito,

Ferindo a marca nua e invisível

Marginalizando essa falta risível...

Barganha fajuta e decrépita,

Que faz da verdade uma noviça

Predizendo o golpe de secéspita,

Não mais induzindo tal premissa.

Sonetando em solidão

Rodopiando a mesma novelinha

Tomei nota com um pão e cigarro

Medindo os passos que caminha

Num turbilhão que desamarro.

Galgando a limpeza da ideia

Até mesmo considerei creolina,

Sustando um cheque tive dispneia

Estava sem fundos, zerada como aquela cretina.

De cretinice a soledade sabe bem

Levado ao revés insalubre

Corri para escapar do erro aquém...

Ainda que a realidade me tire o cubre

Do que restou com manteiga

Creio não mais, que a tolice seja meiga.

ME MUDASTE

Foi de repente quando tudo aconteceu
Mesmo sem bater à porta a mudança apareceu
Tirou meu véu como se eu fosse sua noiva
Mudaste toda minha vida de cabeça para os pés
mudaste, não as roupas esim a consciência
Vão me julgar, mas não importa, as pessoas mudam.
Mudaste,
Minha forma de agir e pensar
Minha forma de olhar e falar
Minha forma de ouvir e estar.
Mudaste,
Minha forma de andar e cantar
Minha forma de acreditar
Minha forma de socializar.
Hoje mas tranquilo e maduro
sem pressa nenhuma levo a vida nas calminhas
dispenso segundas opiniões e nem ligo pra terceiros.

José Monteiro Virshou pseudónimo de José Monteiro António. 22 anos, Escritor Angolano.

MARIAS

Anestesiada com chantagens,
subjugada aos maus-tratos do patrão
alucinadamente despreparado
para o convívio com quem ele denominava
“empregados”.
Sorria forçosamente
ao ouvir piadinhas indecentes.
Chorava no banheiro,
na hora do almoço
que ela evitada
de tanto desgosto.
Escapulia pelos corredores da empresa,
aflita,
quando ouvia a voz do sujeito machista
a falar besteiras direcionadas às vítimas
como galanteios que enalteciam o seu ego
e metralhavam o estado emocional das mulheres
desgraciadas pelo ato
repudiado internamente
por àquelas atingidas pelas palavras nojentas
pronunciadas por um rato de gravata.
Andarilho sentimental
despeja seu lixo emocional,
dejetos de patriarcado,
em mulheres amarradas ao trabalho ingrato
pela necessidade de sobrevivência
em um sistema que acorrenta
o pobre à escassez e crueza
e o rico à abundância desmedida,
usufruindo do conforto de um cotidiano de luxo
sustentado pela miséria da sociedade
feito um fluxo
milenar e unilateral,
beneficiando apenas a ponta da pirâmide social.

Mulher guerreira
denuncia o abuso,
faz um grupo com as companheiras
agredidas pelo mesmo criminoso,
chantagista asqueroso,
usurpador de dignidades femininas,
impondo regras no trabalho
por ocupar verticalmente
a posição de destaque
na empresa que moralmente apodrece

comandada pelo chefe
do bando de machões
fisicamente exaltados,
emocionalmente amedrontados
diante de mulheres empoderadas.
Medo de perder o poder exercido de forma sádica
contra mulheres fragilizadas
por um sistema que perpetua desigualdades,
entre elas,
a opressão de gênero
que coloca em campo de guerra
mulheres acorrentadas
a um modus operandi segregativo
e homens com as chaves das correntes
que se arrastam por séculos de violações,
de intimidações a mortes.
Mulheres guerreiras
denunciam os agressores,
se rebelam contra os opressores,
dando visibilidade para outras vítimas
que também denunciam os abusos
sofridos simplesmente por serem mulheres.

Homens ricos,
homens pobres,
moralmente cínicos,
socialmente podres,
a violência tem o mesmo padrão,
a mulher é sempre a vítima
de algum machão.

Lei Maria da Penha,
os valentões tremem,
condenados,
às vezes, a justiça não falha,
caminham para as celas de janelas quadradas
feito um jogo de xadrez,
cujos perdedores, neste caso,
experimentam o tamanho de sua pequenez.

Sorriem as mulheres,
Marias,
“juntas somos mais fortes”,
afirma uma delas,
àquela que um dia foi jurada de morte
pelo ex-namorado,
agora, enclausurado em uma cela com mais setenta,
jurado de morte por não se encaixar nas normas dos detentos.
Hoje, ela está mais forte,

trabalha e é dona da própria sorte,
destemida,
pois sabe que sua vida
é mais importante
do que qualquer relacionamento meliante,
ultrajante,
condenado a ser malfadado,
pois baseado
nas imposições do patriarcado.

Biografia:

Juliana Moroni: Pós-doutoranda em Filosofia na Unesp, Marília, SP, Brasil, com estágio pós-doutoral no Instituto Universitário de Lisboa - ISCTE. Professora, Pesquisadora e Poeta. Publicou artigos e capítulos de livros com temática em pesquisa filosófica, bem como poemas e contos em revistas literárias, coletânea e blogs. Blog: <https://fragmentosilusoes.blogspot.com/>

TUDO BEM... TODO BEM!

O bem é joia rara
Lapidada a cada amanhecer
Onde o sol em meio à florada...
Faz a semente crescer!

Pensamentos bons
Um encontro pelo ar
Pelos cantos vários tons
Em movimentos pra sonhar!

Não há limites para o bem
É como ter um amor sem fim
Um brinde aos que percebem
Tenha certeza... acredite em mim!

Karine Dias Oliveira
Nova Friburgo/ Rio de Janeiro

Karine Dias Oliveira. Natural da cidade de Nova Friburgo/ Rio de Janeiro. Professora e pedagoga. Pós-graduada em: Gestão Escolar, Supervisão Escolar e Orientação Educacional; Psicopedagogia Institucional; Educação Ambiental. Amante da leitura e escrita, tenho por hábito escrever histórias infantis (ilustrando-as), contos, trovas, poesias, etc. Um sonho... publicar as minhas produções em material totalmente autoral! A escrita é a minha paz, meu refúgio e inspiração pra vida. Selecionada em inúmeras publicações, vencedora de Concursos Literários (além de menções honrosas e especiais).

Biografia:

O poeta Klever Borges M. Pereira, nasceu e cresceu em Centralina - MG. Influenciado pelo simbolismo e movimentos de poesia pós-moderna, Klever evoca os vultos e sombras de sua alma afim de criar caminhos para a transcendência.

De leite

Ó tonalidade pueril a escumar!
Copo transparente com brancuras
É o bebedouro das minhas loucuras; O morno arrebol por cima do mar.

Numa teia de sonhos a escoar
Vai a vermelhidão da rosa nua
A rufar um par de asas até a lua Achando um deleite no qual voar.

Evolando para contra as nuvens,
Outra recordância, um entre os numens Resistindo ao tempo despedaçando.

Cai a derradeira gota de sangue!
O meu delírio de um garoto infante
A exceder e sujar o limpo e branco.

Andentro ao animismo

O ser, as estrelas, o sonho e a visão.
As xilogravuras, o pajé e a loucura;
Corpo e espírito, a mente e o coração_ O lobo, o cachorro, o corvo e a coruja

o morcego, a caverna e a escuridão! Gotas de água descendo pela gruta o totem
saindo de uma multidão; Cachoeira a gritar e a noite muda.

O cyber-eu, o Caronte e a sua nau, o mar e a roupa de mergulhador, Mergulho e
mergulho e mais mergulho...

Um mar eterno e infinitesimal, submundos submersos ao orgulho; A escuridão
secreta e triunfal!

Ao tédio

Sento-me ao tédio, na pútrida carne Auto destronado, a ver espíritos... Haverá um
algo a mais para extirpar ou então apenas outra chuva sem arco íris?

Sentar-me ao tédio é singular arte, soltar o leme ao mar, a onda seguindo, Furar
bóias para mergulhar e não voltar,
Âncora sem corda, profundidade sem fim;

A fundo no tédio, maravilhando-me
Face com o fantasma do amanhã
Em uma rede de desmemórias

Dentro deste saco fétido de insultos
Resta a agulha sem norte da bússola Guiar para a origem ou para o pó.

O eterno parasita

Chacoalham os grilhões da matéria, sinto o corpo a sete palmos na terra, sinto a alma
com a asa que quebra. Ouço o estalar da vibração etérea...

Alongando a ossatura, a minha hérnia
Coalha-se o enervamento e berra
Alongando o espírito até ficar asceta
Deturpando a forma, a memória e a ideia

O Sado-parasita em mim da recusa
Subindo a artéria, as veias e a coluna É um monstro! Um espelho convexo

Tudo desenlaça-se, até a quântica
Mas ele se oculta em uma mansão semântica... Ao sonho original o último nexos!

Eis a questão

A paixão que avassala
O desejo voraz que maltrata
O sonho intrépido que sobressalta
O desencontro que atrapalha
Entre receios, aflições e causas
Tudo isso, em verdade nos falta
por caminhar por vias erradas
no estranhamento da situação
Fico a meditar na questão
Intriga-me o que não posso tocar
Na incerteza de não ter como nomear
Pois nem sei és daqui ou de lá.

Lia Fátima

Filha da Terra

Mas não sou casca dura
Sou filha da Terra
Possuo armadura

Nativa da Terra
sou volátil e frágil
também me renovo fácil

Sou filha da Terra
empunho o lema
Sim à paz, não a guerra!

Nativa da Terra
Sou virgem e sagaz
Me apetece o viver, demais

Sou filha da Terra
Tenho em essa ternura

E a mente fecunda

Nativa da Terra
Mescla de força e candura
Serenidade e loucura

Sou filha da Terra
e brota em mim
esse bem querer sem fim

Filha e Nativa da Terra
Símbolo da praticidade
Feminilidade e candura
Que domina e impera

Lia Fátima

Lilian Ferraz
Escreve com o nome de Lia Fátima no Recanto das Letras e Casa dos poetasedapoesia

No Paraíso

Estou do outro lado,
do Paraíso.
Contemplando o céu aberto.
Remando contra o vento.
No Paraíso estou com meu amor.

Conhecendo o arco-íris.
Sentindo o poder da cor.
Misturando as cores de amor.
É vermelho e rosa a cor,
do nosso amor.

No Paraíso estou,
com meu amor.
No outro lado do Paraíso,
eu estou.
Amando mais o meu amor.

Contemplando a cor.
Sentindo o pôr do sol.
Rodando entre os girassóis.
No Paraíso estou.
Com meu amor estou.
Deus uni propósitos
Deus não uni pessoas.
Muito menos amores.
Deus uni propósitos,
valores e princípios.

Deus é especialista em amores.
Não em amores perfeitos.
Mais um relacionamento com ele,
suporta e enfrenta tudo.

Seu propósito é ter uma,
família, viajar, crescer na vida.
Deus unirá pessoas com esses,
mesmos propósitos de vida a você.

Deus unirá alguém com os mesmos:

Objetivos, sonhos, metas e desejos.
Tenha calma, o amor pede calma.
Não se desespere, apenas confia.

Não questiona o tempo, viva o tempo.
Não briga com o tempo, aprenda com o tempo.
O tempo de Deus é perfeito.
Deus uni propósitos.

Um bom namoro

Um bom namoro é aquele,
que te aproxima de Deus.
Que te leva para perto de Deus.
Que vive a santidade em Deus.

Respeito e castidade.
Não deve deixar se levar,
pelos prazeres carnis.
Nem pecar contra o espírito.

Um bom namoro acaba.
Termina em casamento.
Namoros rasos e passageiros,
esse mundo está cheio.

Queira um bom namoro.
Cujo Deus será a fonte,
de amor e perdão.
Graça e comunhão.

Um bom namoro quero.
Quero viver em Deus.
Escrito por Deus meu,
namoro será.

Biografia:

Liécifran Borges Martins é uma compositora, escritora, parodista e poetisa brasileira. Técnica em Química pelo Instituto Federal do Espírito Santo IFES. Membro da academia interamericana de escritores (AINTE).

Lilian Lima nasceu em 16 de março de 1995 na cidade de Campo Mourão, no Paraná. É formada em Direito pela Universidade de Caxias do Sul e pós-graduada em Neurociência e Comportamento pela PUCRS.

Noites frias para sonhar

Todas estas histórias de lutas que fazem curvas
Voltas inesperadas em pacto com a vida
Parecem refletir projetos falsos que acertaram o bilhar ingreme

Cora
Cão]
Cheio
De ar.

Há sonhos juvenis brotando em novas escalas
As carteiras servem para pequeninas almas nas escolas
Mas uma delas escapou pela janela
Ela tinha que dançar em noites frias
em falsetes noturnos penetrando as cédulas

- Eu pareço uma piada para o tempo!
Bailar entre estranhos me consome
Ferida energizante
A ansiedade só deixa minha cena mais cômica
Prometo voar sem aterrissar
Sem terra para povoar
Não pertencerei ao chão nem mesmo para soterrar
Eu prefiro soletrar:
É Po e si a de cas síl la ba.

Amizade colorida

Ela é a minha querida amiga já faz um longo tempo... Temos dez anos de pura amizade, alguns vizinhos já nos flagraram pelados em diversos movimentos e sempre rolou boatos que a gente tem sentimentos, que nós se envolvemos sem cabimentos e que nós estamos sempre cobertos de maldade, a gente nunca negou os envolvimentos pois quebraram a nossa privacidade, ao nosso redor não ligamos para o que está acontecendo... Pois só ligamos para a nossa reciprocidade, maldade é eles que estão tendo. Por julgar a nossa intimidade, não se importamos se eles estão desenvolvendo críticas, o que importa é eu e minha grande amiga curtir a nossa bela vibe, não sabem um terço da nossa história e só querem falar atrocidade, ninguém lembra do dia em que eu estava muito triste e ela me acolheu também superando um grande baque, o pai dela morreu e eu fui vítima de uma atitude covarde... A minha mulher me traiu em cima da laje, ambos se superou com uma forte reciprocidade de carinho, cuidado, afeto e força de vontade, ninguém lembra mais que ela era de outra cidade. E que estava aqui em Salvador só de passagem, foi no momento em que ela chegou aqui na maior tranquilidade, recebeu uma mensagem da irmã mais velha e relatou a fatalidade, a gente se encontrou na praça da liberdade... Ambos sofrendo tanto, uma verdadeira catástrofe, e foi nesse momento de muita angústia e fragilidade que fomos conversando e se conhecendo trazendo a tona todas as nossas realidades, falamos sobre tudo com toda a sinceridade, criamos rapidamente muita intimidade, ela passou a frequentar a minha casa com muita intensidade... Conversava comigo nua com toda liberdade, e foi assim que fomos criando costumes e hábitos que saíram da normalidade, como por exemplo: beijos de língua na frente de esquina próximo a boate, depois disso todos acham que a gente é um casal que não se assume por causa da nossa proximidade, dizem que a nossa troca de carinho na verdade é uma verdadeira troca de sacanagem, direto ela me procura para matar a saudade e a louca ansiedade, mas não para por aí... Ela também me procura para matar a vontade, a maioria das visitas dela é cinco minutos de conversa e o resto é sexo selvagem. Sempre ela vem com desculpas que para ela é de extrema necessidade, então eu vou em cima dela e mato toda a vontade, três horas eu dentro dela sem perder a potência e nem a velocidade, fazer ela gozar para mim é de muita responsabilidade... Ela já afirmou que se um dia ela não gozar comigo ficará com mais de cinco anos de inimizade, por isso que toda vez em que ela aparece eu não penso em piedade. Eu sempre indo fundo e cada dia mais duro olhando para ela com muita seriedade, meus dedos dentro dela é algo bem suave, minha língua dentro dela é a melhor prova de lealdade, a gente transando em um quarto espelhado é sinônimo de vaidade, ela sugando o que ainda resta de mim é significado de solidariedade, ela sentando sem parar representa prosperidade, nós dois suados e nos amando representa atividade, ela chupando e se dedicando a todo momento ativa a minha imunidade. Amo pegar ela de lado e ver ela se contorcendo com o meu dedo na boca e sem nenhuma estabilidade, direto ela me procura para matar a saudade e a louca ansiedade, mas não para por aí... Ela também me procura para matar a vontade, quando ela fica de quatro eu vejo muita notoriedade, quando ela olha para trás e me ver tirando a camisinha eu percebo a sua felicidade, me excito ainda mais quando ela afirma que quer ver até onde vai o meu tesão e a minha capacidade, carrego ela com muito tesão e sem nenhuma dificuldade. Boto nela com bastante pressão por isso que ela nunca dúvida da minha habilidade, muitas das vezes ela não consegue botar os pés no chão pois eu pego ela com muita perversidade, ponho novamente a calcinha dela e

o sutiã no mesmo lugar demonstrando o meu respeito e o meu ato de humildade. Direto ela me procura para matar a saudade e a louca ansiedade, mas não para por aí... Ela também me procura para matar a vontade, os vizinhos sempre vão nos julgar, afirmam que é iniquidade, outros vão falar que é falta de maturidade, já ouvir uns dizerem que é falta de sensibilidade. E nós afirmamos que tudo isso é simplesmente atitudes de amor de uma verdadeira amizade.

Luan Souza Poesias

É incrível quando duas pessoas se encontram em um evento casual, começam a se conhecerem de uma forma tão tranquila e natural, com o tempo constroem uma relação muito especial e lá na frente elas decidem em se transformar em um belo casal, tudo vai indo muito bem, uma relação excepcional. Acham que têm muitas coisas em comum até no intelectual, gostam das mesmas músicas, séries e jogos... Tudo é igual, acham que nasceram um para o outro. Um amor único e ideal, de repente um deles acha uma mensagem diferente na rede social e tudo começa a ficar muito radical. Pois tudo no começo é um mar de rosas, um amor-perfeito e incondicional. Depois se transforma em um forte filme de terror... Desconfiança e sem temor. Um verdadeiro filme sobrenatural, quem errou pede desculpas afirmando que não fez por mal, pede desculpas e os dois se reconcilia de uma forma quente e fenomenal, corpo a corpo, pele na pele em um lugar totalmente confidencial, e os dois voltam a seguir juntos firmes e fortes com muito potencial. Amor sem frescura se agarram com muita loucura, sem restrição e em qualquer local, demonstrando para o mundo o que é uma relação real... Apelidos de moção e amor da minha vida para afirmarem para o povo que estão juntos de uma forma que nunca será superficial, e de repente uma vizinha acha um perfil conhecido e que está ativo em um site de namoro... Querendo alertar a amiga? Ou prejudicar o perfeito casal? Pois tudo no começo é um mar de rosas, um amor-perfeito e incondicional. Depois se transforma em um forte filme de terror... Desconfiança e sem temor. Um verdadeiro filme sobrenatural, o que era uma bela árvore florida se transformou em uma menina desiludida, não quer pensar mais na vida por acreditar em um amor puro e leal, ficou tão arrependida que hoje em dia se acaba na bebida. Pois ela estava cega de amor e não percebeu nenhum sinal, com o tempo ela se recuperou da vida sofrida que ela vivia e novamente ele aparece na sua vida. Dizendo que aquele perfil era falso e que alguém armou algo muito brutal, ela acredita em mais uma de suas mentiras, ela está tão envolvida. Que não percebe que no início ele era verdadeiro, fiel, e hoje em dia se tornou em só mais um cara de pau, ela não confiou no aviso da sua vizinha e nem dos conselhos de sua amiga. Elas avisaram que ele mudou e nunca mais vai fazer o diferencial, depois de um ano a sua mãe Virgínia flagrou ele fazendo amor dentro de um carro com a sua melhor prima, triste e desesperada com a notícia a menina meiga e apaixonada tira a própria vida, por acreditar em um amor univitelino mas infelizmente foi um caso fatal. Pois tudo no começo é um mar de rosas, um amor-perfeito e incondicional. Depois se transforma em um forte filme de terror... Desconfiança e sem temor. Um verdadeiro filme sobrenatural.

Luan Souza Poesias

A bela ironia do amor parte 4

Eu tenho ela a mais de um ano, vivemos momentos totalmente insanos, mas nada disso significa que o nosso amor está a cada vez se aprofundando, namoramos no banho ou em cima do piano, são loucuras que bate em nossa mente e a gente vai sempre se atualizando, ela mexe comigo e sempre se ilustrando, me excita sempre quando está quicando e me olhando. Eu fico totalmente perdido em suas belas curvas suando e o meu coração acelerado palpitando, amo quando ela fica me instigando, ela me chama de meu africano, me arranhando e me chupando... Eu sempre fico alucinado pelo que ela está me proporcionando, o tesão se prorrogando e a pele queimando. Mas nada disso significa que o nosso amor está a cada vez se aprofundando. Ela se entregando e a reciprocidade aumentando, ela fica tão louca com a minha pegada forte socando que às vezes esquece até o meu nome e me chama de Cristiano, amo ver as pernas dela tremendo e molhando, extremamente excitada e me chamando. Mas nada disso significa que o nosso amor está a cada vez se aprofundando, os cupidos nos observando, eles estão sempre nos rodeando... É sinal de que eles estão excitados entrando em profundos pecados pois eu percebo a presença deles cobiçando, a gente transando nem parece que somos seres humanos, todos os nossos desejos obscuros nunca guardamos em baixo do pano, novas vibes estamos sempre buscando, novas posições estamos sempre arquitetando. A nossa reciprocidade no prazer é tão forte que até os desejos estão nos desejando, amo está saciando e ela sempre nua me provocando. Mas nada disso significa que o nosso amor está a cada vez se aprofundando.

Luan Souza Poesias

Oh Tirésias conheces-te tanto
Cego se gaste em versos que uiva em coro
olhar encantamento
Poesia

Poesia me guia
Passa a mim e a todos
Parte
Passado resignificando o presente do futuro já escrito
Antígona parte partida para o impossível

Diante de todos os deuses antigos um balido
Balindo em balas perpassa o futuro do passado
Combalida acende a revolta
Palavras que derrubam Delfos
Mirando o passado modifica o futuro

Homens mulheres crianças conheceram-se a si mesmos
E conheceram aos outros
O último grito acordou os antigos

O mundo não é mais dos deuses nem dos diabos

Sísifo senta
toma uma breja
está feliz

Lucas Cruz

Biografia

Tornei-me escritor depois de ler “A Paixão Segundo G.H.”, de Clarice Lispector, aos 15 anos. Foi só então que descobri o que queria escrever, como poderia escrever. Escrevo desde então tentando falar sobre humanidade, e eu.

Lucas M. Borges
[pic]

As Nêspersas Murcham por Último

As nêspersas murcham
por último; as romãs
se vão primeiro e de dia.
E assim, mais doce,

Menos outra que minha,
eu tomo a posse da noite,
nêspersa que, dessa natura,
retrai-se às sombras.

E irão, talvez, murchar
dentro do escuro seio
que entram quando vão,
mas vão por desejar.

Desejar é menos fato:
se murcharem, irão
por último, pois levam
a escolha de ir depois.

E irão, quiçá, murchar
quando desapercibidas
as nêspersas todas um dia,
quando retrair eu, delas,

os olhos meus e as mãos.
Mas se nêspersas, notívagas,
quais não as peras, romãs,
quais só as que esperam.

Tu esperas contigo,
qual o horto com ele,
pouco como eu aguardo

com estas que, Nêspervas,

Vão sempre por último.
E murcharão todas um dia,
mas há tempo, restam cá,
e irão não hoje ou amanhã,

Sabem partir na hora certa.
Então, as nêspervas podem ir,
retrair-se quando for eu
de nós quem não as esperar.

Lamentos

Lamento todos os dias, lamento todas as noites.

E sigo lamentando, do adormecer ao acordar.

A noite cai e trás escuridão, o dia vem e trás luz e clareza.

Lamento por não ser o ser mais puro, lamento por não ser o ser que eu quero.

Lamento em silêncio, mas lamento.

As horas se vão, eu conto 1, 2, 3 e sigo lamentando.

Eu olho pela janela e vejo o sol se pondo, me desespero e olho o relógio.

Vejo as horas se passando, e sigo o meu tormento de viver lamentando.

Às 20:00 horas, olho pela janela e vejo a lua tímida, quieta e silenciosa.

Busco clareza e não a encontro, reviro-me de lado, e não a encontro.

A noite é silenciosa, e o silêncio me apavora, por isso sigo a lamentar.

LUCAS GOIS SANTOS

A SUBIDA DO SENHOR DOS PASSOS

Hoje foi o dia da subida do Senhor dos Passos
Nas primeiras horas da manhã, o templo cerrou-se
As portas tricentenárias foram lacradas
E os Passos, tornaram-se bastidores
Poucos homens, de muita fé;
Diante do cristo, prostados, em pé;
No quinto sábado da Quaresma, quantas dores!

Diante da imagem, quantas lembranças!
No passado recente, o romeiro amortalhou-se
E pelas ruas dos tempos idos
O Bom Jesus, ferido
Por promesseiros aflitos, carregado
Promesseiros chorosos, ajoelhados
A clamar pelo perdão, atendido

No sábado da subida, momento de respeito e veneração
As Santa Cabeça, os espinhos agudos, retirou-se
E, lentamente, o Nazareno foi despido
Retira-se a Sua túnica solene de dor
Guarda-se a cruz da Boa Hora
O Jesus dos Passos é retirado de sua charola
E, em mãos zelosas, retorna ao altar-mor

De repente, abrem-se as portas do Carmo
E dobra o sino em descompassos
E o povo vem ver, o Senhor dos Passos!

Povo devoto, adentra pelo Carmo
Olha, clama e chora os seus embaraços
Olha e vê, lá no alto, o misericordioso Senhor dos Passos!

E o romeiro, distante do Carmo,
Com as fitas faz o laço
O pacto, na certeza de voltar para ver, o Senhor dos Passos!

Magno Francisco de Jesus Santos, 21 de março de 2015.

LUA CRESCENTE EM PEIXES

Um flamboyant incendeia
a calçada neste dezembro.
É verão.

Em algum lugar da cidade,
um jacarandá insiste
em lembrar a primavera.
- Vai voltar, ele diz.

- Nada volta,
responde um vento lilás
em espiral. E levanta
flores do asfalto.

- Nem ele, nem você,
nem o jacarandá
serão os mesmos.

...mas será primavera.

MARIA ALICE BRAGANÇA (Porto Alegre, RS). Jornalista e poeta, é autora dos livros Quarto em quadro, Cartas que não escrevi e Misterioso pássaro.

[pic]

Malabares

Vou gritar
Escuto a minha voz ecoar
Mas não é minha voz
Não sou eu

Quem é você que quer se apropriar do meu grito?
Que quer controlar as minhas mãos?

O meu suor ainda é meu
As minhas lágrimas ainda são minhas
O meu desespero ainda é meu
Ele crescer pela dor das cordas que me puxam
Vou esconder minhas dores e o sonhar
Uso um sorriso ilusório
Exultante aparência
Estou pronta para mais malabares
Com sorriso, eu falo
A voz é minha
Mas quem fala não sou eu.

Maria Vitória de A. Massud

Maria Vitória de Araújo Massud, é Graduanda do curso de pedagogia pela UFRN. Se apaixonou pela literatura aos 12 anos e, desde então, sempre anda com um livro na bolsa e saltita com a possibilidade de um dia poder registrar todas as palavras que estão grafadas em seu coração.

A vida e a natureza

Nadir Maria de Medeiros Pereira

A natureza e a vida dos pássaros

Sobrevoando, pulando de galho em galho,

Com a beleza do seu canto,

Trazendo muita alegria, pra o sertanejo do campo.

O concriz e o sabiá são dois violeiros gigantes,

Que canta sua toada, no inverno e no verão

Pedindo a Deus que chova,

Muita chuva pra o sertão.

Quando chega o mês de janeiro,

O sabiá começa cantando perto de casa,

Anunciando o inverno, trazendo muita alegria

Para o povo do Nordeste.

O concriz com sua voz ardente,

Faz tudo muito ligeiro,

Agradecendo as chuvas benfazejas.

Com sua cor preta e amarela, louvando os camponeses!

Está é a árvore de si mesmo.
Nossa consciência em todos os seus níveis,
Da raiz que sussurra com
O chão,
A copa que faz fronteira
Com Valhala,
Conectando o Hel dos
Mortos tristes,
Aos Elíseos valquíreos,
Aonde guerreiros nobres,
Sem fim se deliciam.
No meio disto,
Alvura cintilante,
Na terra dos sonhos áureos,
Negrume infindo,
Onde os pesadelos moram,
Anões martelando ideias,
Gigantes de fogo e de gelo,
Transportando sentimentos
Conectando os nove mundos,
Dentro de nosso mundo particular,
Ao que está fora,
A floresta sagrada
Do que amamos como a tundra,
Sob a Aurora Boreal,
Do que amamos como a chama,
Esperando uma meia noite longa,
E ao que somos indiferentes,
E não pedimos ao bardo que nos cante.
Árvore de si, árvore de todos,
Irmã de tantas árvores místicas,
E do processo de tirar albedo do rubedo,
O fim dos velhos deuses se deu
Quando Sigurd,
como Wagner musicou,
ao invés de Loki,
Como a lenda dizia,
Libertou os homens de si mesmos.
Os próprios deuses,
Previram as duas formas,
E deixaram isso se dar até o fim,
Uma vez com lira e flauta,
Outra com grande orquestra.
Qual será a Gram, qual a Lâmina Necessária,

Que buscando cortar o Dragão do Mal,
Que buscando cortar Fenris,
Cortará o caule que sustenta onde estamos?

Nicolas Rosa

FOSSO ETÁRIO

Idades pouco importam,
quando envolvem emoções.
Paixões captam casais.

Cupido retesa arco do amor,
na flecha que atinge alvo.
Jovens, idosos unem seus jurais,
no desprezo ao fosso etário.
Ignoram conselhos de seus pais.

Richard Z.
10/12/2023

LIVRO DA VIDA

Revela esse livro,
vida humana espiritual.
Única, soberana, eterna.

Vida material: sopro da eternidade:
extingue-se sem deixar seus rastros.
Guia espiritual, somente ela governa.
Tem por inimigos, vícios, pendores.
Sob seus mantos, protetora materna.

Richard Z.
14/12/2023

NOVO AMANHÃ

Manhãs abrem os sonhos
Ondas trazem horizontes
Sóis e luas brincam de esconde-esconde
Vislumbro outros infinitos.
Ocaso-me em tons de laranja
Brisas suaves entregam-me a noite
Adormeço borboleta.
Minutos, horas, dias caminham serelepes
Sigo os passos dos girassóis
Na revoada das andorinhas.
Minha jornada é lilás
Adornada pelo canto dos bem-te-vis.
Como fênix, recomeço infinitas vezes,
Bailando sobre meus pensamentos,
Seguindo a trilha soprada pelo tempo.

DOCE VERÃO

Manhãs despertam sonolentas
Dias caminham sem pressa
Água salgada me seduz

DE OLHOS FECHADOS

Olhos inundados de desejos
Fogo soprando os lábios
Silêncio diz tudo

Rita Queiroz

Rita Queiroz é professora universitária, escritora, poeta. Autora de 20 livros: 8 de poemas, 3 de contos, 1 biográfico e 8 infantojuvenis. Organizadora de 16 coletâneas. Coautora em mais de 200 antologias/coletâneas. Prêmios: Destaque Literário nas Categorias Crônicas e Contos (2023), Ensino e Pesquisa (2022) e Poesia (2021) pela Focus Brasil New York/ ALLB; 9º lugar no concurso “Onde canta o sabiá” – Prêmio Gonçalves Dias pela FEBACLA (2023); 2º lugar no concurso da Academia Internacional Poetrix com o livro Mínima Poesia; 1º lugar no concurso da Academia de Letras e Artes de Ponte Nova – ALEPON (2022).

CHUÁ

Quase morri ao conhecê-lo. Primeira vez é assim: medo, curiosidade, agitação, timidez... Quem o apresentou foi meu pai. O conhecia na ponta dos dedos como os peixes conheciam os anzóis. Pescava dor. Dor de não ter o peixe para comer em tempos de mar seco. Viveu para o mar. No mar. Cumplice das ondas. Com seus cabelos brancos pelo tempo, a pele vermelha pelo camarão, ele cochilava sentado na ponta da pedra; com a cabeça derreada pelo sonho. Enquanto eu, já filho do mar, brincava futricando com tatuís também parentes do bom mar. Adorava a brincadeira de esconde-esconde com eles. Corria daqui, corria de lá, o tempo escapava por entre os dedos. Já não me rebelava com o cansaço. O sono me cobria. Despertando meu pai. Que dizia: “chuá, está com sono, meu filho? Venha pra cá dormir no pé de painho”. E me vestia de mimos. Chuá? Passou a chamar-me assim, desde o dia em que vi o mar pela primeira vez e saí correndo, achando que era enchente. Dilúvio. Lembro até hoje, quando ele disse: “Volta filho! Faz medo não. É chuá... chuá... chuá...” e pegou-me entre o calor dos braços colocando-me na água.

Prazer, chuá!

Biografia:

RÔMULO RAMOS

Ator, poeta, Arte-educador, Produtor Cultural, Mamulengueiro e Contador de Histórias.

AUTORRETRATO EM CORES

Tela será espelho

Verde: esperança; azul: meu céu

Amar: a cor do mar

KHALO

Pinta deitada

Frida cala

As Cores falam

(G)RAÇA (P)A(T)RÍCIA

Poema com rimas pobres

Reprogramada: belas imagens

Itálico: sutileza não captou

DA FLORESTA

Cascas: maloca; raiz: comida

Galho: tacape; tronco: canoa

Pro indígena, árvore é vida

PASSEIO COM ASSOVIO

Bom ouvir a gratidão dos pássaros

Gaiolas no lixo

Árvores plantadas

F DE FERA

Eriçada em a r r é p i o s !

Flutua em tua pele nua !!

Minha mão felina não fere!!!

Ronaldo Jacobina

CONFISSÃO

Estou no teu ouvido

No teu olvido, não quero estar

A paixão grita: Não tenho limites!

TIJOLO PARA SOLETRAR (Ao Educador Paulo Freire)

Ta Te Ti To Tu: TU

Ja Je Ji Jo Ju: JÁ

La Le Li Lo Lu: LÊ

LINGUAVIAGEM

Noronha, ilha mãe, na bagagem

Mar, ave, ilha

Maravilha

Ronaldo Jacobina

A menina do sol nascente
Rosangela Mariano
São Leopoldo RS

Sonhos
e brumas...
Pétalas
e ventos...
Jana abre
os olhos estrelados...

Perfumes
na choupana,
laranjeiras em flor
cobrem, revestem
as fendas abertas
das paredes
sem cor...
Pela fresta dourada
do amanhecer,
o sol radiante
é ente querido
que brilha, abraça,
acalenta e consola
as feridas da alma,
as tristezas e a dor...

Pés descalços,
pijama puído,
sorriso cor-de-rosa,
e, lá fora,
o alarido
dos passarinhos
em cor...

E Jana
dança,
rodopia,
acena às nuvens,
acena ao sol:
- Bom dia, amigo sol!
É borboleta,
é jasmim,

é girassol...
... é menina que reverencia
o sol.
... é menina do sol nascente.

Instagram: marihanaescritora

RECOMEÇO

Um novo dia,
um suave respirar,
uma bela harmonia,
num desejo de aspirar!

Recomeçar de novo
num tempo de amar,
um lindo renovo
para um desarmar!

Um doce sonhar
para a esperança,
num firme caminhar
para nova mudança!

Roselena de Fátima Nunes Fagundes

Camaçari/Bahia/Brasil

MINIBIOGRAFIA: Gaúcha e gabrielense, radicada na Bahia. Professora, pedagoga, psicopedagoga, escritora, poetisa. Publicações em Antologias, coletâneas, blogs, revistas, mídias digitais. Primeiro livro: Sentimentos em poesias.

Instagram: @roselenafnf

TAMARA FERREIRA DA SILVA

Natural de Araranguá, S/C, Licenciada em Língua Portuguesa, possui formação complementar por Harvard University, PUCRS, UFRGS, USP, UEMA, dentre outras. Possui publicações pelas Editoras Persona, Vila Rica e pela Revista Literária Inversos. Poetisa participante do Projeto Biblioteca Humana Algures em Santa Catarina.

Visão assombrosa

Desde criança vejo demônios

É uma visão assombrosa

Os piores: aqueles que têm a voz manhosa

Dissimuladores a confundir nossos neurônios

Eles vivem nos olhos, bem no fundo

Vêm deles o brilho imundo

São oscilantes e curiosos

Tal como corvos negros, a rondar os leprosos

Aduladores fajutos

Para cada ação, uma vil intenção

Adoradores por um minuto

Sem legado, fugaz paixão...

ALGUNS PASSOS DE DANÇA

Tchello d'Barros

Vem dançar comigo amor
Os corpos livres na pista
E nesse passo 'dosado'
Os nossos olhos se encontram
 Mas sejamos precavidos
 Com tantas minas terrestres

Que a vida dance em nós
Como amanhã não houvessem
No giro de uma 'enchufla'
E sem soltarmos as mãos
 Mas desviemos dos mísseis
 Que caem aqui e ali

E bailemos ainda mais
Até perdermos o fôlego
Agora um 'reverso-duplo'
Girando como quem voa
 Pois assim fica mais fácil
 Evitar tantas granadas

É fácil errar o passo
No eixo da contradança
Pois nem sempre se ouve bem
O ritmo do compasso
 Já que o som dessas rajadas
 Não é nada musical

Tchello d'Barros é escritor e roteirista catarinense radicado no Rio de Janeiro. Entre Prosa e Poesia publicou 9 livros e tem contos, crônicas ensaios e poemas publicados em mais de 100 coletâneas, antologias e didáticos.

@tchellodbarros

Canção de onde eu venho

Você sabe de onde eu venho?

Venho de uma terra planejada,
arquitetura moderna, linhas traçadas,
céu azul, pôr do sol esperando para ser visto.

Venho de um cerrado seco,
onde nasce um lago artificial,
de solos planos, barro vermelho,
alma de capital, urbe dos sonhos.

Você sabe de onde eu venho?

Venho da cidade do punk rock,
onde nasceu Ana Lúcia,
que virou rosa de sarom.

Venho da terra de Léo e Bia,
de Oswaldo e Maria, de mistérios
e mentiras politicamente incorretos,
compartilhado como em qualquer lugar.

Você sabe de onde eu venho?

Venho da terra onde tudo dar
e nada deu, das ruas sem avenidas,
dos vários ritmos, até o mandacaru.

Venho da terra onde nasceu o poeta Taru,
a Manu, os filhos e netos de candangos;
terra dos amigos em segredos, dos amores perdidos,
que fizeram de Brasília seu próprio cartão de visita.

Walter Cintra de Souza Lima
(TCintra)

Canção em ternura

As afinidades celebradas transformam
carinhos maltratados em simetrias carnavalescas,
em compatibilidades recíprocas
celebrada na risada do motejo contado.

Similitude petulante na presença
do rio que passa sem volta,
como muro que destrói as ilusões
nas palavras deixadas em ferraduras.

Igualdades no barulho estrelado na ferida
solitária que cresce na escuridão
da feia que quer atenção.

Ternuras na falta de calma,
que o nome esquecido no milênio dos poetas
mostra na interpretação, o mundo frio partir.

Walter Cintra de Souza Lima
(TCintra)

Natal...

O Natal é época bonita,
Mágica, linda e abençoada
Que renova a vida e a esperança,
Para seguir uma nova jornada.

Tempo de partilhar;
Tempo de pedir perdão;
Também de Perdoar:
Essa é a nossa missão.

Rever os erros e acertos;
Agradecer de coração.
O Natal é muita fé
Com amor por seu irmão!

O Natal é Saúde e Prosperidade.
Como é especial esse dia!
Companhia da família
Que partilha alegria.

O Natal também é Nascimento.
Do maior amor, que é Jesus
Que nos ama todo dia,
Com o amor que nos conduz!

Te desejo nesse natal
Tudo de bom para você!
Que o amor de Jesus
Todos os dias possa crescer.

Que o significado do Natal
Seja vivido em cada lar!
Que você encontre o amor
Em cada abraço, em cada olhar.

Biografia:

Thais Faustino Bezerra - Gosta de escrever e compartilhar girassóis em Escrita da Girassol (@escritadagirassol).
Gratidão, Deus!!!!

ANY

Any, criadora de histórias maluquinha,
Às vezes, até fala sozinha,
Corre e gira por toda a sala,
Às vezes, pode dar medo,
Com suas caretas de sapequinha.

Grita, faz careta, é uma espoleta a pular,
Pra cá e pra lá.
Essa menina não para de tagarelar!
Haaa, o que Any pensa? É difícil adivinhar.

Será que ela pensa em uma festa maluca,
Ou que é uma atriz de televisão?
Any pode ser irritante, é verdade,
Mas todos sabem que ela tem um grande coração.

Any, Any, linda menina a pular,
Canta o tempo todo, não consegue parar.
Tem em si concentrada a alegria, e energia de viver.
Minha pequenina Any, como foi bom te conhecer

Thamires Borges do Nascimento
Pseudônimo: T.Assis
Instagram: <https://www.instagram.com/thamiborges/>

Haikai

Eu queria algo
que me fizesse sorrir
para além da vida.

Vera Siqueira

Vive em Brasília, DF, é licenciada em Letras (UFRJ) e mestre em Educação (UnB).

Atua na área editorial como tradutora e copidesque.

DÁ-ME LICENÇA

Estou a espera de mim
Não sei bem para qual fim
Mas estou a espera da hora
De estar comigo no agora

Minha hora chegou
Minha alma levantou
A luz iluminou-me
A vida permitiu-me

Sonhar além dos sonhos
Viver no tamanho da graça
Acreditar no poder da força
Que protege, orienta e sustenta

Dá-me licença
Estou com muita pressa
O tempo acaba depressa
Preciso ir, a poesia me espera

Virgília Machado,SSD

BIOGRAFIA

Virgília Tchokaliye Machado Fernando, angolana da cidade do Lobito. Religiosa da Congregação das Irmãs de Santa Doroteia da Frassinetti. Membro Imortal da Academia Interamericana de Escritores. Residi em Belo Horizonte, MG.

Universalidade Feminina

Sextilhas: (6 versos-7 sílabas)

TEMA: Mulher

RIMAS :na 2,4 e 6

Universalidade Feminina

Amo uma alma feminina

Pela sensibilidade

Da beleza da mulher

Pela sensualidade

Toda linda formosura

Pela feminilidade

Preta, morena ou loira

Mulata cheiro de cana

Magra, alta, gorda ou pequena

Do mato, urbana ou savana

Contanto que seja fêmea

Toda pura numa cama

Menina, moça e mulher

“Bela linda criatura”

Com o corpo escultural

Minha Mona tem textura

Dentro e fora é bonita

Amo uma mulher madura

“Mulher madura é luxo”

Eu tenho uma do meu lado

Dorme no meu coração

Toda noite num quadrado

Nas paredes ou na areia

Na onda do mar agitado

Dama da melhor idade

Com seus dotes naturais

Bebo seu suco da fonte

Sorvo seus mananciais

Ando pelas terras férteis

Dos seus fartos areais.

(Zélio Alvarez)

Toda mulher tem seu charme

Não importa a sua idade

Não existe mulher feia

Dentro delas há beldade

A verdadeira beleza
Está na sua bondade

"Mulher madura é um luxo"
E não é pra qualquer um
É baú de experiência
Sempre com olhar de zuum
Enxerga a longa distância
É um ser quase incomum

Mulher pensa e silencia
Está sempre em alerta
Mata a cobra mostra o pau
Aguarda a hora certa
Em matéria de amor
Ela pensa ser experta

Talvez por sua carência
Se deixa ser enganada
Se o cabra é bom de lábia
Ganha ela na jogada
Sua força cai por terra
Tem sede de ser amada.
(Erilucena)

#Memorial Recantista# Eu apoio.
Imagem extraída da Internet

////////////////////////////////////

APROVADA!

Analisei o seu pedido
Aprovei o seu currículo
Vem logo morar comigo
Dentro do nosso abrigo

Num ambiente climatizado
Tudo será propício ao amor...
Nas manhãs terá achocolatado
Quentinho igual ao nosso calor

No ciclo das quatro estações
Terá recomeço a cada amanhecer
Virão outonos, invernos e verões
Verás primaveras de mim e de você

Musicaremos de janeiro a dezembro
Nossas letras terão notas de gemidos
Com as melodias em sons sustentados
Nas canções de amores de setembro

Imagem da Internet

////////////////////////////////////

ALDRAVIA EM TAUTO TRÍDUO ALFABÉTICA - ABC

ESTILO CRIADO PELO POETA ZÉDIO ALVAREZ

A

ávidas
almas
andarilhas
acusam
amores
afins

B

bocas
buscam
beijos
beldade
bendita
beleza

C

corpos
carentes
cheiros
carícias
cruzam
cios



Spinas

(Nova forma poética)

SPINA
(Nova fórmula poética)

SENSAÇÃO

Constante querer meu...
Intriga minha alma
Sossega meu coração!

Paz na mente gerando sorriso.
Minha mente vai sendo renovada
Olhos fechados, sinto a emoção!
Instante da certeza de paz
Intensa será a suave sensação.

Alex Sandro Alves
D. A. Lei 9.610/98

SPINA
(Nova fórmula poética)

DIFICIL

Difícil seguir adiante
Solidão... coração sofre.
Lembrança maltrata demais!

Tento ir seguindo em frente.
Coração mui exausto de dor!
Sigo, não posso desistir jamais!
Lembranças de alguém em mim...
Alma ferida, atende aos sinais!

Alex Sandro Alves
D.A. 9.610/98

SPINAS

ENTARDECER AMARELADO

Serena tarde amarelada
Retinha suspiros, nostalgia
Tonalidades da saudade.

Um quadro pincelado com lembranças
Iluminando os belos momentos vividos
Na cordialidade dos dias, cumplicidade
Amor esperançado, longas noites frias
A sentida presciência da efemeridade.

TRÍADE

Aceita a canja
Libera teu riso
Vem ser feliz.

– Essa alegria é de trio
Faz um tantão de bem
A gente se ver,...pueris.
Com poesia a vir solta
Desde o ar pelo nariz.

SINTONIA

Ardente, viva paixão
Essa que desperta
Porções de alegria.

Derrama ternura, brandura, viva poesia
Surpreender teus olhos lindos sorrindo,
Brilhando, sentir comichão de empatia
Desejar um quentíssimo abraço, sentir
Sintonia...harmonia em tua companhia.

ANA MEIRELES

Andréa Sganzerla

TE ABRIGO

Abrigo teu corpo,
Abrigo teu sonho,
Abrigo teu amor.

Coisas se subverteram através do
tempo. Relações de poder, por quê?
Permito te receber sem pudor.
Encontro teus sonhos nos meus
Sejamos caminhar juntos, sem temor.

REFLEXO

Imagem nesse espelho
Sombra muito nítida
Assusta, breve lampejo.

Imagem que nela é refletida
Existe luz, não só penumbra
Espelho de vapor opera desejo
Escolho papel que me caiba.
Sigo, apago medo. Opto, almejo.

AH, VOCÊ...

Desejo teu calor
Intenso forte real
Simples troca afável

Com você sinto quase nada
Melhor dizer, na sua presença
Sinto quase tudo, abrigo insondável
Teu calor além do físico,
Tua energia me toca, inefável.

DIREITO

Direito é conflitante
cada um quer
o seu direito.

Direito à vida é inalienável
é o primeiro, é básico.
Ao negar esse primeiro direito
caímos na lei das selvas,
só mais forte terá direito.

Angelo Bruno (in memorian)
03/06/2022

MIL POEMAS

Goteja o suor
nesse quente verão
da minha frente.

A lida diária não para;
há mil tarefas na mesa,
há mil poemas na fonte
que na minha mente farfalham
indo, voltando, sempre fazendo ponte.

Angelo Bruno (in memorian)
11/07/2022

FLORES

Perdido no mundo,
Envolto aos riscos
Listados pelos dias.

Suas sensações sem gosto, gozo,
Sabores amargos entre os sulcos
De lembranças meio que arredias.
Perdeu cada pétala sua escolhida,
Dentre todas suas flores tardias...

Artur José Carreira

ARTE

Desenhos em sombras,
Arcos, cubos, rabiscos
Criam formas diversas.

Projeções numa imagem da visão
Que recriam paredes dos sonhos.
Riscos como em pinturas inversas
Traçam linhas cruzadaspelamente
Em contornos feito mãos imersas.

Artur José Carreira

MESTRE

Ensino, coisa séria.
Mestres são atores
Feito com respeito!

Cada cabeça que se ensina
Uma carreira que se forma.
São adubos, em solo feito,
A fazer cada grão germinar:
'Fessor que seja bem aceito!

Artur José Carreira

CLEUSA PIOVESAN

Doutoranda em Letras; Mestra em Letras, com graduação em Letras – Português/ Inglês e em Pedagogia; especialista em Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, e em Língua e Literatura; organizadora de três livros com alunos, e 13 obras de autoria própria publicadas; tem participação em mais de 60 antologias e coletâneas; acadêmica do Centro de Letras do Paraná; integrante do Centro de Letras de Francisco Beltrão/PR; acadêmica da Academia Brasileira de Letras e Artes Minimalistas (ABLAM) e da Academia Internacional Poetrix (AIP); integrante da Confraria Ciranda Poetrix; e da Associação Brasileira de Poetas Spinaístas; Acadêmica Correspondente da Academia Literária Internacional – ALPAS 21.

ENGODO DE ANO NOVO

Jogada de mestre:
Venda de sonhos
Todo ano renova.

Comprar a esperança, quem aprova?
Trambique do tempo, eterna ilusão;
Mentira velha negociando vida nova.
Poder de mudanças sempre existe,
Viva intensamente... antes da cova!

ENCONTRO DE BARCOS SEM RUMOS... OU SEM REMOS?

Navego na cintilância
De esverdeado olhar;
Perco-me na fantasia.

Quando nossos verdes se encontraram
Não éramos maduros; houve hesitação.
Agora, tanta excitação, delineada magia
Deixa-nos à deriva... velas desfraldadas
Para amarmos, banir incubada nostalgia.

"BORBULHINHO"

Borbulha a felicidade
Sobre águas revoltas,
Agitando minha mente.

O coração é potro indomável,
Corcoveia em mar de ilusões,
Fantasia aquilo que não sente.
Solto as rédeas da imaginação
No ritmo; sonho tudo consentel!

SPINA- NOVA FORMA POÉTICA

INJUSTA PUNIÇÃO...

Algemas, castigo injusto,
Obrigada a silenciar...
Sofrendo pela punição.

O tempo não perdoa, leva...
Os erros, retorna com justiça,
Pela ferida feita, sem razão,
A quem amou às cegas...
Dando de si toda dedicação.

Kaká Amorim
DAR/LEI 9610/98
Rio de Janeiro - RJ
[25/1 00:49] Mãe: Rio de Janeiro - RJ
Autora: Kaká Amorim

SPINA- NOVA FORMA Poética

INCERTEZA ATROZ

Coração que abriga
Apenas o amor...
Em ritmos acelerados.

Pulsa na dor, no prazer!
Na incerteza, não há felicidade,
O destino nos mantém separados.
Talvez, não haja mais tempo...
Que nossos desejos sejam realizados.

Kaká Amorim
DAR/LEI 9610/98
Rio de Janeiro - RJ
[25/1 00:50] Mãe: Rio de Janeiro - RJ
Autora: Kaká Amorim

SPINA- Nova Forma Poética

À PROCURA DO
AMADO

Cigana caminha perdida,
Sozinha, sem destino...
Procura seu amado.

Imagina a insensatez da busca,
Por seu amor faz promessas!
Acredita em seu sonho dourado...
Tem a esperança do milagre,
Para seu coração tão amargurado.

Kaká Amorim
DAR/LEI 9610/98
Rio de Janeiro - RJ

Do Colar de Spina

DAS FLORES DOS ANOS QUE SE PASSARAM UM JARDIM PARA O PRESENTE,
PARA OS MOMENTOS QUE SE FOREM TRISTES.

VIII

Coração tem mistérios
Tem vidas atemporais,
Alianças com ele...

Sabe chorar lágrimas que devanescem
Nas paragens de alegres lembranças,
Que imprimem suas impressões nele,
Em malabarismos de autêntico artista,
Remedia a tristeza encravada naquele.

Do Colar de Spina

DO INSUSTENTÁVEL PARADÍGMA À INCONSOLÁVEL NECESSIDADE DE
ENCARAR COM BONS OLHOS A NECESSIDADE DA AMBIGUIDADE DAS COISAS
NÃO UNILATERAIS.

VIII

Lágrimas nesse mistério
Degradado de risadas
Que se repetem...

Tristes também tem seus risos
Traidores do coração se casam
Algoz para algoz se prometem
A vida bate feliz, intensamente,
Revezes revesando se divertem.

Do Colar de Spina

DA PAZ DE UNS OLHOS EM HARMONIA COM A FAUNA E A FLORA UMA
CONEXÃO COM A NATUREZA.

I
Começa em você
A linda floresta
Que você ama...

No seu olhar o olhar
Dos bichos, o canto do
Grilo, a noite que chama,
A folhagem, a doce brisa,
Começa em você sua cama.

Lázaro Nascimento

Spina- Nova forma Poética
CHOREI

Naquela primeira vez
que nos entregamos
na emoção chorei.

Nossa música ao fundo tocando,
o desejo contido, inebriando, explodindo;
momentos mágicos! Eu não esquecerei,
seus lábios secando meu pranto...
Ao ouvir " Outra vez", arrepiarei.

D. A.LEI.9610/98
Lu Anjos Pavuna/Rj
Janeiro/2024

SPINA

AH! EU QUERO.

Querendo suas mãos
deslizantes, ávidas, quentes;
tocando-me, suspiros arrancando.

Elas exploram, arrepiam, exigem, tomam .
Com certeza , meu maior fetiche.
No meu corpo carícias instigando .
Quanto mais me excitam , avançam.
Entro receptiva, nesse jogo delirando.

Lu Anjos 08/09/98

D. A.LEI.9610/98

Spina- Nova forma de poetisar
SEM MEDO
Coragem, meu lema.
Não desisto, insisto.
luto até conseguir

Sou assim; enfrento o destino.
Meu destino, desenho corrigindo erros,
obstino na meta a seguir.
Esqueço a sina ,tomo prumo,
vivo, caio, levanto para evoluir.

Lu Anjos 25/03/2023
D.A.Lei9610/98
Pavuna/RJ_Brasil

SPINA__NOVA FORMA POÉTICA

FRUTO DO AMOR

Escorre em sedução,
Fruto assim... colhido,
Com prazer saboreado.

Atraídos somos pelo mútuo envolver,
Nus em nossas férteis emoções,
Orvalhar poético ao seu lado,
Gotas doces de sedutor encanto,
Como néctar de amor... apaixonado.

Poeta:

Wagner Xavier de Melo

País: Brasil

D.A.R lei 9610/98

16/01/2024

SPINA__NOVA FORMA POÉTICA

Wagner Xavier de Melo

Olhares, sejam bons,
Positivos... desejando bem,
Fé nos conduz.

Olhar de amor, desejo recíproco,
Sintonia do sol, empatia...brilho,
Iluminado mundo, brumas de luz,
Sorria pra vida, deseje alegria,
Boas novas, girassol que reluz.

SPINA__NOVA FORMA POÉTICA

ÂMAGO

Wagner Xavier de Melo

Blindagem de alma,
Égide não aprisionada,
Assim eu almejo.

Filtragem nua, tua sem ressalvas,
Quando me conquistas por inteiro,
Seu olhar, um enlace... beijo,
Levito minha emoção, aura boreal,
Meu coração dedico, desnudo desejo.

= M O M E N T O S =

Escureça seus olhos,
Sinta meu prazer...
Ter-te nos braços,

Esqueço a dor da espera.
Ávidos momentos, ser como sou.
Envolvendo incansável paixão com abraços.
Dizer-te amor, aprendi a esperar,
Com tempo em seus espaços.

Marilice Cavalli de Oliveira

= Á R V O R E B R A N C A =

Árvore branca contemplo,
Mesmo sem folhas...
Em galho seco.

Vejo seu desfolhar pela estrada.
Na rua estreita encontro flores...
Caídas pelo vento, no beco.
Espero novo vento soprar esperança.
Coloridas folhas, flores sem opaco.

Marilice Cavalli de Oliveira

= C A R N A V A L =

Receba o carnaval,
Melhor que puder...
Combina com alegria.

Das fantasias, lembranças a sorrir,
Dias de sonhos esperanças multicores.
Esqueça desilusões, abomine triste vendaval.
Seja feliz o ano inteiro.
Entusiasmo com ou sem carnaval.

Marilice Cavalli e Oliveira

Autora: Nanda Chinaglia
@nandachinaglia.escriasou

NOVA POESIA

Bendita Arte, refazimento
Colorido, novas sementes
Em fecundação... Sinergia

Benfazeja, jardim de novos olhares;
Trilhas de criatividade em mudança.
Sol interno: resplandece-me em via
Poética... luz parceira da inspiração.
Em novos versos, recito-me alegria!

INTERNA SÚPLICA

Angústias devoram-me aos
Poucos... perversos medos
Desconstroem-me a alma,

Levam-me a céus de paleta
Cinzenta, triste chuva de fel.
Só, coração implora a calma
De um olhar ensolarado, de
Riso solto... Luz que acalma.

FECUNDA FANTASIA

Vestida de nuvem,
Adornada de sol...
Flores de algodão;

Acalento meu sorriso, voo sem
medos: a mensageira do vento,
alma destemida, dente de leão.
Espalho alegria em gotículas de
orvalho; doce fruto da intuição.

Spina (Nova Forma Poética)

TENTEI CERRAR A PORTA

Queria cerrar a
Porta. Dizer não!
Fechar-me ao amor.

Teimoso sentir pulou a janela,
Apareceu à frente, todo galante,
Sorriu o mistério, mostrou valor,
Suave, terno, magia presente. Sim!
Liberei espaço, permiti seu calor.

Olema Mariz

Spina (Nova Forma Poética)

BEM ME QUER

Desfolhei a linda
Flor, para saber
Se me querias...

Paciente seguia contagem, sim, não...
Quase final, burlava a intencionalidade,
Desejando talvez ventura, alegres dias.
Última pétala só decepção, desengano.
Haste nua mostrava, enquanto sorrias.

Olema Mariz

Spina (Nova Forma Poética)

CIÚMES

Ciúmes quem nunca
Sentiu. Triste demais...
Perde-se toda razão.

O pensamento a ferver, borbulha,
Imagens fictícias a mostrar traidor.
O peito apertadinho toca diapasão.
Soa alto, esbraveja, quer verdades,
Imaginando, crê tudo saber, fixação.

Olema Mariz

Spina

(Nova forma poética)

FRAGMENTOS DE UM SONHO

Pontadas eu senti
Ao reconhecer a
Bela Imagem duplicada.

Tal qual a noite sonhada,
Que aguardei ansiosa, não chegou
só. Tinha planos...aventura planejada.
Agora ando a esmo, noite
adentro, sol afora. Cama desarrumada...

Palmira de Oliveira (Mira Olliver)
10/11/23 D.A.Lei 9.610/98
Arraial do Cabo/RJ-BRASIL

Spina

(Nova forma poética)

DESEJOS INFINDÁVEIS!

Fluindo a inspiração,
Viajo nos anseios...
Persigo sonhos possíveis.

Levo comigo uma valise abarrotada
De saudade, carinho, aconchego, vontades...
Tudo pra você...Desejos tangíveis!
Na volta, saciada...estarei repleta
De você! Defeitos meus...incorrigíveis!

Palmira de Oliveira (Mira Olliver)
25/10/23 D.A.Lei 9.610/98
Arraial do Cabo/RJ-BRASIL

Spina

(Nova forma poética)

RECORDANDO PARA ESQUECER

Menina, novamente queria
ser, brincar displicente...
Correndo na rua.

Saltitando nas praças, no entardecer.
As dores de amor, inimagináveis...
No anoitecer admirando a lua,
Contando as estrelas sem pressa.
Ahh! Nem sonhava ser sua...

Palmira de Oliveira (Mira Olliver)
14/10/23 D.A.Lei 9.610/98
Arraial do Cabo/RJ-BRASIL

LIBERDADE

Buscando a menina
Encontrei a mulher
Abracei o caminho.

Notei a minha face despida;
Aceitei, vi a existência vibrar.
Provei o gosto, senti carinho...
Dei passos, vi admiráveis asas,
Voei como um livre passarinho.

PRESENTE

Desfrute do agora
Não tenha pressa,
Aprenda à admirar.

Sinta o perfume, deixe -se aproximar.
Bem perto da natureza mantenha-se.
Usufrua, tenha coragem para amar,
Absorva, atraia apenas o necessário,
Movimente-se, sinta o coração pulsar.

ENTREGA

Palavras doces, soltas,
Deixam-me em transe,
Despertam as emoções.

A alma inquieta derrama sensações,
Sentimos o sabor instigante; prazer.
Corpos nus, suados liberam tensões,
Fazemos verdadeiras juras de amor.
A fidelidade nutre nossos corações.

Rejane Nascimento

Ronaldo de Andrade é Pernambucano, mas mora em São Paulo há mais de duas décadas. Organizou 5 antologias SPINAS, a mais recente sairá neste mês de janeiro. Além disso, tem 4 livros solo publicados.

ACONTECEU UM NOVO AMOR

Segure firma, Amor,
essa doce saudade
que andeja sentindo,

porque assim também estou indo.
Afaga-me esse sentir meigo, leve,
expansivo, que me deixa sorrindo;
cobrindo de saudade sua ausência,
sua ausência de saudade cobrindo.

NECESSITO

Carrego uma saudade
Harmoniosa no peito:
Efeito dessa distância.

Se isso tive qualquer importância
Para você, deixe que transpareça;
Deixe-a, amor, porque tenho ânsia.
Quero saber sobre seu sentimento,
Fala-me, por favor, sem relutância.

ARTISTA DO AÇO (SPINA para Sérvulo Esmeraldo)

Revela sua arte
em aço losango,
na boa gravura.

Além do senso comum, perfura
a linha reta, construindo certas
curvas, sem recear-se a lonjura.
Sérvulo, artista na arte cinética,
também um poeta da escultura!

SPINA (Nova forma poética)

TEMPESTADE

Estrondo repentino, susto.
Impiedosa precipita-se furiosa!
Indomáveis águas surdeiam...

Silêncio cúmplice, desnecessário alamar-se demais.
Corajosos observam-na incrédulos, veem redemoinhos!
Esfumaçado rodopio, raios, trovão braveiam.
Limpam-se impurezas, infortúnios, ódios concentrados
Viveres dúbios que perpétuos falseiam.

Tânia Maria Alves.tma.

SPINA (Nova forma poética)

O CIRCO CHEGOU.

Montada lona: circo!
Esperado concurso:canto
Muitas músicas ensaiei.

Minha mãe proibiu participar, tristeza...
Cocada, promessa, calou meu irmão.
Crianças ao palco, incentivada, cantei.
Prêmio: quinhentos cruzeiros, muitos aplausos!
Afogueada, corri contar: mamãe ganhei!

Tânia Maria Alves tma.

SPINA (Nova forma poética)

CORROSIVO

Loucuras vivas, mortas
Escolhem palavras maculadas
Penetram, sangram peito.

Extenuada por ouvir xingamentos vis
Aflora sensibilidade, procurando bem dizer
Possam significado maléfico ser refeito
Assim cairiam por terra ofensas
Algozes veriam intentos sem efeito.

Tânia Maria Alves tma.

O CANTO DAS SEREIAS

Logo cedo vejo
Céu azul sem
Nuvens, límpido, dessujo.

Atlânticamente o mar nos espera
Nas ondas cantando as Sereias,
O canto para atrair marujo
Que coloca cera nos ouvidos,
Negando-se, ouvir o dito cujo.

.....

MULHERES BRASILEIRAS

Dandara, Enedina, Bertha,
Raquel, Cecília, Clarice,
Carolina, Quitéria, Coralina.

Chiquinha, Ciata, Teresa, Ana Neri,
Nise, Tarsila, Dalva, Elza, Elis,
Leila, Rita, Sueli, Conceição, Cristina,
Malfatti, Gal, Nísia, Lucília, Elvira
Dilma, Adalgisa, Vânia, Alina, Erundina.

.....

BREVE HISTÓRIA DE JC

Estrela, fuga, batismo,
Sermões, apóstolo, milagres,
Jesus o Cristo.

Era uma vez, um barbudo
Que andava sobre as águas.
Cruzes! Dos fariseus, era malquisto,
Aos romanos foi entregue prisioneiro,
Da morte ressuscitou, o imprevisto.

Valmir Jordão

CRIANÇA

Criança, dentro temos
Cultivemos todo tempo
Busque sempre esperança

Brinque, pinte, faça até lambança
Pule, ria, viva a magia
Nunca fuja de uma dança
Jamais permita que em ti
Um dia morra a criança.

HORIZONTE

Litoral, céu azul
Praia, ondas, horizonte
Sossego, paz, beleza.

Prazer de contemplar a natureza,
os encantos dos tons celestiais.
Pensamentos sem buscar qualquer certeza...
Sal, sol, suor para seguir
levando a vida com leveza.

ENCONTRO!

Carnaval invade, contagia
Folia pede licença
incendiando a ladeira.

Frevos de rua, marcha ligeira.
Surdos, clarins, o som binário
arrasta o povo para Ribeira
A tuba comanda o abafa,
quando Elefante encontra com Pitombeira.

Evaldo José da Silva Araújo



Resenhas

SENHA DO LIVRO “PALAVRAS DESPIDAS EM NOITES NUAS” DO AUTOR POETA ANTONIO QUEIROZ

PALAVRAS DESPIDAS EM NOITES NUAS. Comecei a leitura atenta a cada palavra que lia. Queria sentir como se dá a magia de vê-las despidas. E o que seriam as noites nuas? Divaguei no deserto da alma buscando sentidos, o substrato para o título do livro do Poeta Antonio Queiroz.

Deste modo, segui a percorrer as estações poéticas anunciadas no sumário. Citarei apenas a primeira “ O costureiro de Sentimentos” e a última “ Spina- A Nova Linguagem Poética “. Entre estas, colhi os diversos sabores das palavras que se despiam sob o acorde suave dos sentimentos na poética do autor.

O tempo e a noite eram as instâncias constantes a inspirar versos e anunciar a nudez profunda que a palavra pode expressar quando faz referência ao Eu lírico na magnitude de um verso que compõe um poema, como em NOITES:

“ Olhando o deleite do sabor da escuridão,
certa noite encontrei uma estrela”(pág.34)

Idem no excerto do poema TEMPO, pág 56

“Meu tempo
é o tempo que passou.
Meu tempo
é o tempo em que estou.
Meu tempo
é o tempo que virá.
É o que fui, o que sou
e o que tudo será!”

E o que tudo será para o Eu poético ao embeber-se nas vozes que se transfiguram em noites estreladas, onde a solidão conversa com a saudade, desperta com o brilho envolvente da lua. É lá que a alma solitária, sente a beleza venturosa que é deixar a “ JANELA ABERTA “(pág. 154)

“ Súbito olhar inquieto
flerta, no silêncio,
a janela aberta.

Som não resta, só alerta
do vento que ecoa sorrindo
na manhã que acorda liberta.
Sombra não há, apenas réstia
dum voo raso que desperta”.

Sem mais palavras, parabenizo o autor que tão bem despe as palavras, escutando-as em noites nuas.

Ana MEIRELES, Poeta de Belém do Pará -



BIOGRAFIA DA ILUSTRADORA

Lígia das Neves

Professora da educação básica e do ensino superior, graduada em Matemática e pós-graduação em Educação. Os vários anos nessa função e na gestão pública foram mesclados pela contemplação de dádivas da natureza, especialmente as plantas e as suas flores. Fotografá-las tem sido o modo de capturar a simplicidade e a exuberância da sua presença.

Revista Barbante
ISSN 2238-1414
11 anos

Volume XI – Nº 58 – 29 de janeiro de 2024

Periodicidade
Mensal

Editores
Rosângela Trajano da Silva
Samuel de Souza Mattos
Monalisa Carrilho de Macêdo

Revisão
Dos autores

Conselho editorial
Maria Reilta Dantas Cirino
Shirlene Santos Mafra Medeiros
Beth Iacomini
Juli Lima
Maria Emília Monteiro Porto

Webmaster/Webdesigner
Danda Trajano

Autor corporativo
Rosângela Trajano

Natal – Rio Grande do Norte

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

